

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PGLETRAS
MESTRADO ACADÊMICO EM LETRAS

**O PORTUGUÊS ESCRITO NO *FACEBOOK*: uma descrição dos marcadores
conversacionais**

SÃO LUÍS
2018

ELISIANE ARAÚJO DOS SANTOS FRAZÃO

**O PORTUGUÊS ESCRITO NO *FACEBOOK*: uma descrição dos marcadores
conversacionais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-PGLetras/Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Descrição e Análise do Português Brasileiro

Orientadora: Prof^a Dr^a Veraluce da Silva Lima

**SÃO LUÍS
2018**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Frazão, Elisiane Araújo dos Santos.

O português escrito no Facebook : uma descrição dos
marcadores conversacionais / Elisiane Araújo dos Santos
Frazão. - 2018.

163 f.

Orientador(a): Veraluce da Silva Lima.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em
Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2018.

1. Conversação Digital. 2. Conversação Face a Face.
3. Fenomenologia Hermenêutica. 4. Marcadores
Conversacionais. 5. Tecnologia e Comunicação. I. Lima,
Veraluce da Silva. II. Título.

ELISIANE ARAÚJO DOS SANTOS FRAZÃO

**O PORTUGUÊS ESCRITO NO *FACEBOOK*: uma descrição dos marcadores
conversacionais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras-PGLetras/Mestrado Acadêmico em Letras, da Universidade Federal do Maranhão como requisito para a obtenção do título de Mestre em Letras.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Veraluce da Silva Lima
Orientadora/Presidente
Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Antônio Carlos Xavier
Examinador Externo
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. João da Silva Araújo Júnior
Examinador Interno
Universidade Federal do Maranhão

Profª Drª Conceição de Maria de Araujo Ramos
Membro Suplente
Universidade Federal do Maranhão

Tudo posso naquele que me fortalece. (Fl 4: 13).

À minha mãe Eudízia, ao meu esposo Kloss e às minhas filhas Melissa e Cindy – os maiores incentivadores de todos os meus sonhos!

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, pela força e inspiração sempre presentes ao longo de mais essa jornada.

À minha querida orientadora Veraluce da Silva Lima, leitora exigente e parceira incansável. Obrigada por trazer à luz o melhor de mim, enquanto pesquisadora.

À minha mãe Raimunda Eudízia Araújo dos Santos, pelo amor e valores que fizeram de mim quem eu sou.

Ao meu esposo Kloss Rodrigues Frazão, por acreditar em mim até mais do que eu mesma e por me ensinar que o amor pode ser transmitido, mesmo estando longe: torcendo, apoiando e fazendo do crescimento do outro o seu próprio crescimento. Amo-te! Obrigada pelo envolvimento em todas as etapas que antecederam a realização desse sonho e por ter escolhido caminhar comigo.

Às minhas filhas Melissa e Cindy, por suportar minha ausência e pelo apoio incondicional, enquanto eu me dividia entre o ser mãe e a vida acadêmica.

Aos colegas de trabalho, pelo apoio e companheirismo sem os quais eu não conseguiria dar mais esse passo em direção à minha qualificação profissional.

Aos amigos que, direta e indiretamente, me deram forças para prosseguir a caminhada e conquistar mais uma vitória na minha vida.

A todos,

Muito obrigada!

O PORTUGUÊS ESCRITO NO *FACEBOOK*: uma descrição dos marcadores conversacionais

A rede mundial de computadores maximizou o alcance das interações, que hoje independem da presença física e de um espaço temporal compartilhado, podendo ser mediadas pelo meio digital, a par da antiga prática de conversação face a face. O presente trabalho tem como objetivo investigar o português escrito no *Facebook*, buscando apreender os marcadores conversacionais como fenômenos linguísticos em uso e identificando as funções desempenhadas por eles na tessitura e construção de sentido dos discursos produzidos na interação digital. Como aporte teórico, utilizamos os estudos de autores como Marcuschi (1986, 2004, 2007), Castells (2005), Castilho (1989, 2010, 2014), Hilgert (2000), Crystal (2001, 2005), Shepherd e Saliés (2013), Recuero (2008, 2014), Barton e Lee (2015), Santos (1997, 2006), Urbano (1993), Xavier (2013a, 2013b), dentre outros teóricos que discutem a relação entre sociedade, tecnologia e comunicação e que possibilitaram o desvelamento de nosso fenômeno de investigação. Os procedimentos metodológicos estão fundamentados na Fenomenologia Hermenêutica de Paul Ricoeur (1989, 1991, 1996) e, para a coleta de dados, optamos pela construção de um *corpus* constituído por textos/discursos capturados da página *Perfil do Facebook*. Para a análise dos dados, guiamo-nos pela seguinte questão norteadora: Como os marcadores conversacionais se manifestam nos textos escritos no *Facebook*? Dentre os textos do *corpus* construído, foram selecionados apenas 7 (sete) para análise. A partir da compreensão que a atitude de reflexão nos proporcionou, procuramos demonstrar que os marcadores conversacionais, elementos típicos da conversação face a face, também são utilizados na conversação digital, organizando a costura das interações e demonstrando também a flexibilidade da língua aos influxos do contexto histórico, social e tecnológico. Os resultados apontam que as realizações linguísticas produzidas pelos interagentes do *Facebook* são afetadas pelo contexto imediato, revelando um código escrito reinventado para favorecer a comunicação e evidenciando a necessidade de ver as diferenças entre a fala e a escrita sob o ponto de vista dos usos da língua em situações concretas de produção.

Palavras-chave: Tecnologia e Comunicação. Conversação Face a Face. Conversação Digital. Marcadores Conversacionais. Fenomenologia Hermenêutica.

FACEBOOK WRITTEN PORTUGUESE: conversation markers description

The global computer network maximized the extent of interactions, which today are independent of physical presence and a shared time space, then can be mediated by the digital media, based on the old practices of face-to-face conversation. The present work intentions to investigate the Portuguese Language written on Facebook, seeking to understand the conversational markers as linguistic phenomena in use and identifying the functions performed by them in the sewing and the construction of meaning of the discourses produced in the digital interaction. As a theoretical contribution, we used the studies of authors such as Marcuschi (1986, 2004, 2007), Castells (2005), Castilho (1989, 2010, 2014), Hilgert (2000), Crystal (2001, 2005), Shepherd and Saliés (2013), Recuero (2008, 2014), Barton and Lee (2015), Santos (1997, 2006), Urbano (1993), Xavier (2013a, 2013b), Among others theorists who discuss the relationship between society, technology and communication, and that it is important to understand the relationship between society, technology, and communication made possible the unveiling of our research phenomenon. The methodological procedures are based on the Hermeneutic Phenomenology of Paul Ricoeur (1989, 1991, 1996) and, for data collection, we chose to construct a corpus composed of texts / speeches captured from the Facebook Profile page. For the analysis of the data, we are guided by the following guiding question: How are conversational markers manifested in texts written on Facebook? Among the constructed corpus texts, only 7 (seven) were selected for analysis. After having reflected, we tried to demonstrate that the conversational markers, typical elements of the face-to-face conversation, are also used in the digital conversation, organizing the sewing of the interactions and also demonstrating the flexibility of the language to the contextual influences historical, social and technological. The results point out that the linguistic achievements produced by Facebook interactors are affected by the immediate context, revealing a written code reinvented to favor communication and evidencing the need to see the differences between speech and writing from the viewpoint of the uses of the language production situations.

Keywords: Technology and Communication. Face-to-Face Conversation. Digital Conversation. Conversational Markers. Hermeneutic Phenomenology.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES/FIGURAS

Figura 1-	Tábua Suméria	25
Figura 2-	Elementos Estruturadores da Conversação	46
Figura 3-	Diagrama Tópico	47
Figura 4-	Classificação dos Marcadores Conversacionais	52
Figura 5-	Fala e Escrita no <i>Continuum</i> dos Gêneros Textuais	63
Figura 6-	Representação da Oralidade e Escrita pelo Meio de Produção e Concepção Discursiva	64
Figura 7-	Representação do <i>Continuum</i> dos Gêneros Textuais na Fala e na Escrita	65
Figura 8-	<i>Página de Cadastro do Facebook</i>	72
Figura 9-	<i>Página Inicial do Facebook</i>	73
Figura 10-	<i>Opção Configurações</i>	73
Figura 11-	<i>Página do Perfil</i>	74

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1-	Dicotomias Estritas	63
QUADRO 2-	Distribuição do Gênero Conversação Digital de Acordo com o Meio de Produção e a Concepção Discursiva	64
QUADRO 3-	Quadro de Convergência das Descrições e Identificação das Categorias Abertas	120
QUADRO 4-	Quadro Ilustrativo de Convergência das Descrições	124
QUADRO 5-	<i>Emoticons</i> Identificados nas Descrições	142

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC – Análise da Conversação

ACE – Análise da Conversação Etnometodológica

ACTD – Análise da Conversação Textual e Discursiva

CERN – *Centre Européen pour Recherche Nucleaire*

D – Descrição dos Sujeitos da Pesquisa

EUA – Estados Unidos da América

NURC – Norma Urbana Culta

S – Sujeito Participante da Conversa

S1A – Sujeito Autor da Postagem

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	SOCIEDADE, TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO	18
2.1	Contextualização da Tecnologia no Túnel do Tempo.....	18
2.2	Saída do Túnel do Tempo: a Comunicação na Internet.....	30
3	DA CONVERSAÇÃO FACE A FACE À CONVERSAÇÃO DIGITAL	35
3.1	Revisita aos Princípios Teórico-Metodológicos do Gênero Conversação.....	35
3.2	A Conversação Face a Face	44
3.3	A Conversação Digital	56
3.3.1	O texto Conversacional num <i>Continuum</i> Fala-Escrita	62
3.3.2	O caso dos Marcadores Conversacionais	67
4	ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO.....	71
4.1	Caracterização do <i>Facebook</i> como Região de Inquérito da Pesquisa ...	71
4.2	A Trajetória Metodológica.....	75
4.3	A Pesquisa e os Procedimentos Metodológicos.....	81
5	DESCRIÇÃO DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS NO FACEBOOK.....	88
5.1	Tratamento dos Dados.....	88
5.2	Análise Fenomenológico-Hermenêutica dos Dados	90
5.2.1	Análise Ideográfica: Identificação das Unidades de Significado e Explicitação dos Textos/Descrições dos Sujeitos.....	90
5.2.2	Análise Nomotética.....	120
5.2.2.1	Identificação das Categorias Abertas.....	120
5.2.2.2	Interpretação dos Resultados.....	125
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
	REFERÊNCIAS.....	154

1 INTRODUÇÃO

Desde a disseminação da escrita, na Grécia antiga, passando pela prensa móvel de Gutemberg, a invenção do telefone por Graham Bell, em 1876, dentre outros inventos, ao longo da história, várias mudanças impactaram a humanidade, provocando desconfiança, aversão e deslumbramento, representando possibilidades emergentes de progresso e de ressignificação da própria existência humana.

Um dos maiores instrumentos de mudança que a humanidade já presenciou é a linguagem, uma tecnologia simbólica (SANCHO, 1998) que está na origem de todas as outras revoluções da humanidade, enquanto “um dos constituintes da racionalidade, faculdade cognitiva responsável pela articulação da inteligência, desenvolvimento da criatividade e principalmente pela comunicabilidade humana” (XAVIER, 2013a, p. 22).

Neste trabalho, lançamos o nosso olhar para a língua escrita pela atual sociedade conectada. Isto porque essa língua escrita tem recebido novas “formatações”, decorrentes da interação homem-máquina, com o advento da internet, considerada também uma tecnologia simbólica (SANTOS, 2006) capaz de produzir, disseminar informações e mediar a comunicação entre as pessoas.

A internet possibilita realizações linguísticas que se revelam como um produto multissemiótico, conjugando ao mesmo tempo palavra escrita, imagem, som, movimento. Essa hibridação entre o verbal e o não verbal põe em cheque verdades cristalizadas pela tradição normativa da língua, instaurando um novo paradigma nas ciências da linguagem. Por conta disso, pesquisas que abordam o binômio linguagem-tecnologia têm ganhado cada vez mais espaço na agenda de investigações científicas.

Além disso, essa forma de uso da língua ampliou o leque de possibilidades de leitura e escrita que, no espaço virtual, podem se realizar de formas múltiplas, sob diferentes canais e semioses. Como instrumento de mediação, a internet tem propiciado o surgimento de novas relações no processo de construção do conhecimento e de novas formas de sociabilidade. Isso se reflete também na conversação, uma prática inerente à vida humana e social, por meio da qual interagimos com outras pessoas, perguntando, respondendo, opinando, contestando, imersos nos mais variados contextos de comunicação.

Uma vez que a conversação se efetiva por meio da língua (gem), não é surpreendente que essa forma tão antiga de interação entre os homens seja sensível

a mudanças de natureza histórica, social e tecnológica. Foi o que aconteceu após o advento da internet, a qual maximizou o alcance das interações, que passam a acontecer também de forma *on-line* e predominantemente pela escrita, a par da modalidade oral característica da prática de conversação face a face. Na internet, “novas formas de trocas sociais que constroem conversações públicas, coletivas, síncronas e assíncronas, que permeiam grupos e sistemas diferentes, migram, espalham-se e semeiam novos comportamentos” (RECUERO, 2014, p. 121).

A criação dos softwares de código aberto alavancou a popularização de redes sociais digitais que, na sociedade conectada, passam a se constituir em mais um “espaço de conversação” à disposição do homem contemporâneo, o que se constitui, segundo Marcuschi (2004, p.14), “um bom momento para se analisar o efeito de novas tecnologias na linguagem e o papel da linguagem nessas tecnologias”. Além disso,

A Internet alçou ao mais alto ponto de visibilidade e publicidade a lei mais forte que opera em todas as línguas vivas, a saber, sua capacidade de variar ao longo do tempo e ao sabor da criatividade dos falantes. Os usuários da língua na web transferem para a forma a liberdade de expressão de que gozam no conteúdo. Todavia, não se trata de um “laissez faire, laissez passer”, não é um vale tudo linguístico como advogam alguns. Trata-se de um uso mais flexível das formas languageiras de organizar a língua no discurso proferido pela web (XAVIER, 2013a, p. 81).

Nossa experiência como sujeito/usuário da internet nos mostra que as redes sociais da *Web*, enquanto espaços contemporâneos de interação virtual, apresentam tópicos conversacionais que incentivam o diálogo, a produção de um discurso¹ colaborativo em que marcadores conversacionais organizam a costura das interações e a troca de turnos, assim como atenuam a ausência física dos interagentes². É algo bem parecido com as interações face a face, em que a fala circula e se troca, permitindo a permuta dos papéis entre os interlocutores. Dessa forma, as unidades conversacionais são demarcadas por princípios comunicativos, o que induz os interlocutores a fazerem uso de marcadores conversacionais específicos.

Esse modo de interagir no espaço virtual amplia as possibilidades comunicativas dos usuários das redes sociais da *Web*, mantendo uma organização imanente, passível de ser sistematizada, conforme demonstra a efetividade da

¹ Neste trabalho, o termo discurso é empregado como significando texto, “um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas” (MARCUSCHI, 2012, p.33).

² Utilizamos esse termo na acepção de Primo (2007), para quem a interação significa ação entre sujeitos. Dessa forma, esses sujeitos agem entre si e sobre a língua, num processo colaborativo em que os signos se adaptam ao contexto e ao propósito comunicativo.

atividade conversacional empreendida nas atuais interfaces tecnológicas, como é o caso da rede social *Facebook*.

Como é característico da comunicação, os signos³ produzidos no meio digital são, ao mesmo tempo, dependentes do seu contexto imediato, da intencionalidade dos interagentes e das tecnologias que lhes servem de suporte. Por conta disso, autores como Crystal (2001), Lemos (2002), Marcuschi (2004), Recuero (2008, 2014) defendem a compreensão da conversação também de uma perspectiva ampla, incluindo-a no foco das discussões sobre a Cibercultura. Isto porque

Precisamos entender como a linguagem mediada pelo meio digital funciona, como explorar pontos fortes e como evitar os perigos, e é neste aspecto que a Linguística da Internet, ora em desenvolvimento, pode ter uma contribuição significativa (CRYSTAL *apud* SHEPHERD; SALIÉS, 2013, p. 29).

O presente trabalho se insere no campo dos estudos da linguagem, fundamentando-se em aportes teórico-metodológicos da Análise da Conversação, da Linguística da Internet e de outras esferas da Linguística que possam contribuir para o desvelamento de nosso objeto de estudo. Nesse trabalho, objetivamos investigar o português escrito no *Facebook*, buscando apreender os marcadores conversacionais como fenômenos linguísticos em uso, identificando as funções desempenhadas por eles na tessitura e construção de sentido dos discursos produzidos na interação digital. Optamos pela rede social *Facebook* como lócus de pesquisa para o qual dirigimos nossa consciência como um pesquisador atento e analista de significados, pois acreditamos que a percepção do fenômeno⁴ “Marcadores Conversacionais” não pode prescindir de um olhar para o contexto – o mundo no qual a experiência está incrustada.

Para desvelamento do fenômeno de nossa investigação, optamos pela Fenomenologia, trajetória metodológica que nos possibilita estar por inteiro no ato de pesquisar e nos conduz à “interpretação da vida do ego” (RICOEUR, 1991, p. 64), tematizando o que era operatório. Procuramos, assim, desvelar o sentido do fenômeno que buscamos iluminar, realizando uma investigação entendida “como todo querer saber, querer compreender que se lança interrogante em direção àquilo que o

³ De acordo com Barthes (1992, p.39), Santo Agostinho apresenta uma definição muito clara do que seja um signo: “Um signo é uma coisa que, além da espécie ingerida pelos sentidos, faz vir ao pensamento, por si mesma, qualquer coisa”.

⁴ O termo fenômeno é oriundo do grego *Phainómenon* e significa “tudo quanto se manifesta aos sentidos ou à consciência” (CUVILLIER, 1997, p.84). Neste trabalho, fenômeno refere-se ao objeto do conhecimento que desejamos apreender e com ele mantermos estreita relação de sentido.

apela, que o afeta, que provoca sua atenção e interesse” (CRITELLI, 1996, p. 26). Assim, guiamo-nos pela seguinte questão norteadora: Como os marcadores conversacionais se manifestam nos textos escritos no *Facebook*?

Como instrumento de coleta de dados, construímos um *corpus*, procedimento qualitativo que “garante a eficiência que se ganha na seleção de algum material para caracterizar o todo” (BAUER; AARTS, 2002, p.40). Esse corpus é formado por sete textos produzidos por usuários do *Facebook*, na página *Perfil*, com base nos seguintes critérios: ter características de uma conversação face a face (MARCUSCHI, 1986) e ser materializado por meio do signo linguístico escrito, ou do signo não linguístico, como os *emoticons*, desconsiderando-se, portanto, vídeos e áudios.

O trabalho está organizado em seis capítulos. No Primeiro Capítulo – INTRODUÇÃO – situamos nosso fenômeno de investigação, pontuando a relevância de estudos relacionados ao binômio linguagem-tecnologia, explicitando, ainda, a questão norteadora da pesquisa e a opção teórico-metodológica adotada.

No Segundo Capítulo – SOCIEDADE, TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO – buscamos situar a tecnologia na história da humanidade, pontuando o processo por meio do qual a interação homem-tecnologia foi propiciando novas formas de o homem ver e agir no mundo. Também buscamos caracterizar a internet como uma tecnologia simbólica que tem possibilitado a interação participativa por meio de redes sociais digitais, discutindo a influência que exerce no uso da língua escrita na atual sociedade conectada. Buscamos, ainda, discutir a comunicação realizada na internet, demonstrando que o uso da escrita apresenta características peculiares, aproximando-se da fala, exigindo dos interagentes um novo comportamento linguístico e novas percepções do funcionamento da língua.

No Terceiro Capítulo – DA CONVERSAÇÃO FACE A FACE À CONVERSAÇÃO DIGITAL – ampliamos o debate acerca da atual tecnologização da sociedade e a emergência de novas condições de produção da linguagem para fins de conversação, o que reflete a ligação sempre presente entre língua-sociedade e língua-tecnologia. Dessa forma, iniciamos por uma breve descrição dos principais estudos acerca do gênero conversação, revisitando alguns princípios teórico-metodológicos desse estudo no Brasil e demonstrando a plasticidade desse gênero diante da dinamicidade da língua e das atividades humanas. Em seguida, focando o nosso olhar sobre os marcadores conversacionais, fazemos um contraponto entre a conversação face a face e a conversação digital: duas formas singulares de interação,

cujas materialidades sígnicas revelam a fala e a escrita como um *continuum* tipológico de práticas sociais (MARCUSCHI, 2007).

No Quarto Capítulo – ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO – apresentamos a caracterização da rede social *Facebook*, *lócus* de nossa pesquisa, detalhando a Trajetória Metodológica e os Procedimentos Metodológicos adotados para desvelamento do fenômeno de nossa investigação.

No Quinto Capítulo – DESCRIÇÃO DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS NO *FACEBOOK* – apresentamos a pesquisa propriamente dita, do tratamento dos dados à interpretação dos resultados, realizada por meio da Análise Fenomenológico-Hermenêutica – a trajetória que escolhemos como método de apreensão da realidade. Essa análise buscou apreender os marcadores conversacionais como fenômenos linguísticos em uso na experiência dos sujeitos interagentes no ciberespaço.

Nas CONSIDERAÇÕES FINAIS, fazemos a retomada da Questão Norteadora que nos permitiu desvelar as faces, ora possíveis, do nosso fenômeno de investigação. Acreditamos que esse desvelamento aponta padrões linguísticos cultivados pela sociedade conectada, revelando a dinamicidade da língua para ajustar-se às condições em que a interação acontece e aos propósitos comunicativos dos escreventes/interagentes. Além disso, o trabalho contribuirá para a ampliação dos estudos em descrição e análise do português brasileiro e para o redimensionamento de uma política linguística para um ensino de Língua Portuguesa em que as formas linguísticas se alinhem ao uso concreto da língua.

Necessário se fez desvelar as sistematicidades no uso da língua e as atualizações na dinâmica conversacional presente no ambiente digital, naquilo que alcança o recorte do nosso olhar de pesquisador e de ser-no-mundo-com-os-outros para essa situação específica e sempre passível de outras atribuições de sentido, pois “Tudo que sei do mundo, mesmo devido à ciência, o sei a partir de minha visão pessoal ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência nada significariam” (MERLEAU – PONTY, 2006, p. 6).

2 SOCIEDADE, TECNOLOGIA E COMUNICAÇÃO

Sendo a linguagem algo inerente à existência humana, muitos já foram os meios inventados ou aprimorados para favorecer a comunicação entre os mais variados grupos sociais. Quando usamos a linguagem, realizamos “ações individuais e sociais. Estamos sempre fazendo *algo* com a linguagem. *Conversar*, por exemplo, é uma atividade social que desempenhamos desde que começamos a falar” (DIONÍSIO, 2006, p. 69, grifo da autora). Isto porque a linguagem é

uma disposição natural do ser humano para se comunicar por meio de diferentes signos como fonemas, grafemas, gestos, imagens, enfim tudo que possa ser semiotizado para executar nossa necessidade de expressão da espécie humana (XAVIER, 2013a, p. 38).

Nesse capítulo, buscamos descrever, ainda que em linhas gerais, os fatos mais significativos que perpassaram a relação sempre constante entre sociedade e tecnologia, no processo de comunicação. Assim, para compreendermos a relação simbiótica entre sociedade, tecnologia e comunicação, faz-se necessário considerar alguns momentos da história nos quais observamos que a produção de cultura, pelo homem, é diretamente proporcional à sua instrumentalização, ocorrendo por meio da tecnologia que, ao otimizar antigas práticas, atende às necessidades humanas de forma cada vez mais plena. Por essa razão, podemos afirmar haver uma estreita relação entre o saber teórico e a técnica: o saber teórico com a finalidade de procurar a verdade e a técnica, a utilidade (BUNGE, 1980).

2.1 Contextualização da Tecnologia no Túnel do tempo

Na história da humanidade, a tecnologia tem se evidenciado como uma decisão ontológica que traz em seu bojo significativas transformações para as civilizações. Da fabricação do primeiro instrumento à atual globalização e virtualização de diversos campos da cultura, muitas foram as tecnologias surgidas ou aperfeiçoadas com propósitos os mais diversos.

Etimologicamente, tecnologia diz respeito à razão do saber fazer. O termo grego designava

toda atividade forjadora, como habilidade de manipulação e produção de objetos materiais, habilidade de factura, implicando capacidade específica de execução, industriabilidade, antes que verdadeira e lidima atividade. Deste modo, “técnica” significa originariamente “arte”, isto é, arte ou maneira de fazer uma coisa; procedimento (VITA *apud* ORTEGA Y GASSET, s.d., p. XV).

A Heródoto é atribuído o uso primeiro do termo *techné* que o definiu como “um saber fazer de forma eficaz”. Por sua vez, Platão (*apud* VARGAS, 1994) amplia o conceito de técnica para referir-se, também, à arte política, “um saber dirigido aos fins práticos do governo, baseado nas virtudes cívicas para as quais, não só o aprendizado como também o exercício requeriam uma *techné*” (PLATÃO *apud* VARGAS, 1994, p.18).

Reunindo dois radicais gregos *techné* (arte, destreza, saber fazer) e *logos* (palavra, discurso, razão), o termo tecnologia é empregado com sentidos nem sempre consensuais, na literatura. Heidegger (2002), refere-se à tecnologia como significando técnica, pois para ele “Pertencem à técnica a produção e o uso de ferramentas, aparelhos e máquinas, como a ela pertencem estes produtos e utensílios em si mesmos e as necessidades a que eles servem. O conjunto de tudo isso é a técnica” (HEIDEGGER, 2002, p. 12). Diferentemente, Vargas (1994) define a técnica como uma habilidade inata ao homem, ao passo que a tecnologia agrega a essa habilidade também os conhecimentos historicamente acumulados.

O conhecimento das técnicas ampliou o poder da burguesia, que as incorporou ao saber, principalmente as técnicas mecânicas, de forma que “em alguns momentos, chegou-se a considerar não somente que a técnica é um saber, mas, sim, que o saber é fundamentalmente técnico” (SANCHO, 1998, p. 29). Para Vargas (1994), só após a 2ª Guerra Mundial a tecnologia se estabelece definitivamente e a técnica passa a ser erigida sobre o terreno da ciência. Ao mover a técnica para o terreno da ciência, a tecnologia passa a ser vista como técnica que dá aplicabilidade prática à ciência, uma vez que usa todo o arsenal científico de que dispõe em prol das necessidades humanas. Dessa forma,

[..]só com o desenvolvimento da tecnologia é que foi aparecendo, na ciência moderna, o seu caráter atual. Pelo qual ela é concentrada não só no esclarecimento (teoria) mas também na manipulação e controle (técnica) daquilo que o homem encontra em sua vida prática. Esse saber constitui-se como um olhar livre e sem preconceito que torna o objeto de investigação científica tudo o que encontra. É um saber que pressupõe um mundo aberto e predisposto a um desenvolvimento progressista; pois está em sua índole manipulá-lo (VARGAS, 1994, p. 20).

Esse entendimento chega à pós-modernidade, de forma que a tecnologia passa a ser sinônimo de progresso, uma vez que um homem sem tecnologia, ou seja, “sem reação contra o meio, não é um homem” (ORTEGA Y GASSET, s.d., p. 18). Essa guinada histórica coloca em relevo o lado social e cultural da tecnologia, vista como transformadora dos modos de produção, de consumo e das práticas culturais. No entanto, uma visão mais realista acerca do impacto das tecnologias no *modus*

vivendi das civilizações torna necessário reconhecer o papel ativo do sujeito nesse processo. Noutros termos, convém olhar a tecnologia como um agente catalisador das mudanças, sem estar, necessariamente, na origem delas, uma vez que “A tecnologia cria as possibilidades, mas depende de um outro fator para ganhar um tom mais próximo da produção humana – sua dimensão *cultural*” (MARTINO, 2015, p. 35, grifo do autor).

Assim, na busca por uma “verdade que seja útil”, o homem desenvolve tanto tecnologias instrumentais quanto tecnologias simbólicas e tecnologias organizadoras (SANCHO, 1998). As tecnologias instrumentais dizem respeito aos utensílios, aparelhos, ferramentas, objetos em geral utilizados pelo homem para suprir suas necessidades de sobrevivência, de desenvolvimento e de afirmação. As tecnologias simbólicas se referem aos procedimentos técnico-científicos ou ferramentas intelectuais úteis à mediação do homem consigo mesmo, com os seus pares e com o mundo no qual se insere, por meio dos signos.

Incluem-se, nesse tipo de tecnologia, a linguagem, os sistemas de escrita, o conteúdo curricular dos sistemas de ensino, a língua como um código elaborado, os sistemas numéricos, a internet com um sistema de rede que conecta computadores em todo o mundo (SANTOS, 2006, p. 37).

Quanto às tecnologias organizadoras, podemos dizer que se referem à gestão da atividade produtiva, das relações humanas, às técnicas de mercado e à escola, por meio da gestão e controle do processo de ensino-aprendizagem.

Para os propósitos deste trabalho, discorreremos, muito brevemente, sobre as tecnologias instrumentais, mais especificamente sobre o computador, pois o nosso foco maior são as tecnologias simbólicas⁵, com ênfase na linguagem escrita e na internet.

Iniciamos a abordagem das tecnologias instrumentais fazendo referência à revolução na comunicação, que teve como alicerce a revolução industrial, ambas devendo ser vistas como parte do mesmo processo. Assim, o enfrentamento do tempo e da distância aconteceu inicialmente pela criação das ferrovias, do barco a vapor e só depois entrou em cena novos instrumentos de comunicação, os quais disponibilizam vários instrumentos, dentre os quais podemos citar o rádio, a televisão, o telefone, a TV a cabo, o computador, este último, particularmente importante para o

⁵ O termo “simbólicas” está sendo usado para caracterizar uma tecnologia que estabelece a mediação entre o homem e o mundo, através da representação simbólica: o signo (SANTOS, 2006).

nosso trabalho, uma vez que é o suporte da comunicação para a qual direcionamos o nosso olhar investigativo. Segundo Castells (2005, p. 78-79),

Os computadores também foram concebidos pela mãe de todas as tecnologias, a Segunda Guerra Mundial, mas nasceram somente em 1946 na Filadélfia, se não considerarmos as ferramentas desenvolvidas com objetivos bélicos, como o Colossus britânico (1943) para decifrar códigos inimigos e o Z-3 alemão que, como dizem, foi criado em 1941 para auxiliar os cálculos das aeronaves. [...] Os historiadores lembram que o primeiro computador eletrônico pesava 30 toneladas, foi construído sobre estruturas metálicas com 2,75 m de altura, tinha 70 mil resistores e 18 mil válvulas a vácuo e ocupava a área de um ginásio esportivo.

De “grandes máquinas de calcular, frágeis, isoladas em salas refrigeradas, que cientistas em uniformes brancos alimentavam com cartões perfurados e que de tempos em tempos cuspiam listagens ilegíveis” (LEVY 1999a, p. 31), o computador vai deixando de ser apenas uma tecnologia instrumental de produção e armazenagem de informação, permitindo a unificação planetária da espécie (LEVY, 2001), pelo entrelaçamento de múltiplos fluxos, interconectados em rede, por meio da internet. Assim, possibilitando uma forma de interação pela linguagem jamais vista em toda a história das civilizações,

O computador não é mais um centro, e sim um nó, um terminal, um componente da rede universal calculante. Suas funções pulverizadas infiltram cada elemento do tecno-cosmos. No limite, há apenas um único computador, mas é impossível traçar seus limites, definir seu contorno. É um computador cujo centro está em toda parte e a circunferência em lugar nenhum, um computador hipertextual, disperso, vivo, fervilhante, inacabado: o ciberespaço em si (LEVY, 1999a, p. 44).

Na esteira das tecnologias simbólicas, focamos o nosso olhar sobre a linguagem, tecnologia simbólica que tem possibilitado a comunicação desde os primórdios da humanidade – da verbalização oral dos primeiros signos à escrita nas atuais mídias digitais; e sobre a internet, tecnologia simbólica surgida na segunda metade do século XX e que consiste em um sistema de rede que possibilita a interconexão de computadores e a interação entre seres humanos em todo o mundo.

Partindo de uma das características mais elementares da linguagem, enquanto tecnologia simbólica, qual seja possibilitar a comunicação e/ou interação humana, achamos importante mencionar Merleau-Ponty (2006, p. 206), o qual afirma ser a linguagem “uma manifestação, uma revelação do ser íntimo e do laço psíquico que nos une ao mundo e a nossos semelhantes”.

Rejeitando a noção behaviorista de comunicação como transmissão da informação, Freire (1971, p. 22) defende a comunicação como a “coparticipação de sujeitos no ato de conhecer”. Dessa forma, como instrumento (re) velador do ser humano, por meio do qual interage com os seus semelhantes, a linguagem tornou

possível a evolução do *homo sapiens* em *homo loquens* (XAVIER, 2013a) e assim as representações

recebiam seus primeiros signos, recortavam e reagrupavam seus traços comuns, instauravam relações de identidade ou de atribuições; a linguagem era um conhecimento, e o conhecimento era, de pleno direito, um discurso [...] só se podiam conhecer as coisas do mundo passando por ela. Não porque fizesse parte do mundo numa imbricação ontológica [...], mas porque era o primeiro esboço de uma ordem nas representações do mundo; porque era a maneira inicial, inevitável, de representar as representações (FOUCAULT, 2002, p. 409).

Ao se tornar um ser de linguagem, o *homo loquace* potencializou a sua racionalidade e sua capacidade de comunicar ideias, “num primeiro esboço de uma ordem nas representações do mundo”, conforme enfatizou Foucault (2002, p. 409). Rousseau (1754), em “O discurso sobre a origem da desigualdade entre os homens”, postula ser a paixão o mecanismo desencadeador da linguagem, ou seja, o desejo humano por traduzir os mais íntimos afetos de sua natureza. Essa concepção foi de encontro ao que pensavam os filósofos daquele tempo, que defendiam ser as necessidades físicas humanas e a racionalidade o elemento propulsor dessa faculdade cognitiva.

Divergências teóricas à parte, o fato é que, de sons inarticulados, a linguagem humana pouco a pouco evolui para a verbalização das primeiras palavras, resultando em uma emancipação humana que permitiu a interação simbólica homem-homem e homem-mundo por meio do canal oral, inicialmente, pois Segundo Xavier (2013a, p. 36),

Pesquisas arqueológicas e biomoleculares com datação de carbono (Mithen, 1998) atestam que o *homo sapiens* vivia como caçador-coletor há 10 mil anos. Todavia, o desenvolvimento da agricultura tê-lo-ia levado à Revolução Neolítica, período histórico no qual ele já seria *homo loquace*.

Hoje, parece-nos, então, forçoso admitir que a linguagem tornou possível as maiores transformações sofridas pelas sociedades, conforme tem provado o decurso da história, na qual observamos a ligação sempre presente na tríade linguagem-sociedade-tecnologia.

No percurso evolutivo de sua espécie, interagindo com o mundo e com os seus semelhantes, o ser humano precisou recorrer a um sistema organizado de significações disponíveis: a língua, tecnologia simbólica que tanto viabilizou a comunicação e a coesão grupal, quanto veiculou a cultura das sociedades, posto que é detentora de grande prestígio social, histórico e científico.

Na literatura, a definição de língua se traduz em dois conceitos antagônicos: como um sistema homogêneo e imutável: Saussure (1970), Jakobson (1975), Bally

(1965), Martinet (1979), Genouvrier e Peytard (s.d), Borba (2003); e como um sistema dinâmico, que evolui e se adequa às necessidades e propósitos comunicativos dos sujeitos, conforme Marcuschi (1986, 2004, 2007, 2011), Castilho (1989, 2010, 2014), Koch (2004, 2005, 2010), dentre outros autores. Neste trabalho, a língua, como uma tecnologia simbólica, está sendo compreendida na segunda perspectiva: um contínuo (re) fazer, fruto de uma interação dinâmica com o sujeito que usa e adequa essa língua pragmático e discursivamente ao evento comunicativo, pois a linguagem é um “lugar de interação entre sujeitos sociais, isto é, de sujeitos ativos, empenhados em uma atividade sociocomunicativa” (KOCH, 2005, p. 19).

Assim, achamos importante mencionar Merleau-Ponty (2006, p. 203) para quem a língua significa “a tomada de posição do sujeito no mundo de suas significações”. Podemos então dizer que, no arranjo criativo e intencional que o sujeito faz das escolhas lexicais, sintáticas, prosódicas, por exemplo, ele se posiciona, buscando construir determinados efeitos de sentido, embora nem sempre os consiga. Isto porque a língua não é transparente e o texto carrega sempre a marca da incompletude, posto que ele (o texto) é remodelado pela cultura, (re) significado pela realidade e pelo contexto.

Essa dinamicidade inerente à língua é também postulada por Bakhtin (1995), para quem “a língua é uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (energia), que se materializa sob forma de atos individuais de fala” (BAKHTIN, 1995, p. 72). Compreendida como fundamentada no ato de criação individual, ao mesmo tempo em que é um fato social, a língua se consolida em usos advindos das necessidades comunicativas de uma comunidade linguística.

Quer seja concebida como um sistema homogêneo ou compreendida como uma evolução constante, a língua não apenas verbaliza ideias, mas também se constitui um relicário da tradição e da cultura das civilizações. Assim, durante muito tempo a língua materializou-se por meio da oralidade, mas por volta do ano 3.200 a.C., o homem percebeu necessitar de uma outra tecnologia para alcançar a fixidez dessa língua: a escrita, de modo que

os textos têm daí em diante a possibilidade de serem fixados, não mais na memória coletiva suscetível de modificá-los na medida em que as gerações os retomam, mas tais como foram a um dado momento do tempo, inalteráveis neles mesmos (AUROUX, 1998, p. 77).

Ainda que o estágio embrionário da escrita, enquanto sistema organizado de linguagem, tenha se dado com as primeiras tentativas de representação gráfica,

Os desenhos mágicos das grutas da época aurignaciana e madaleniana que representam animais atingidos por flechas ou marcados por manchas de sangue contêm um germe “algo que se assemelha a rudimentos de escrita; eles exprimem, se não uma ideia, pelo menos um desejo” (HIGOUNET, 2003, p. 12).

Passando por várias reformulações, o domínio da escrita enquanto tecnologia simbólica levou a novos rituais culturais, tornando possível o registro da lei e da ciência, representando assim “a primeira revolução tecnolinguística na história da humanidade” (SANTOS, 2006, p. 47), uma nova forma de racionalidade que inaugura um novo estatuto de geração do conhecimento, de tratamento das representações e até de controle e estratificação social. Na Mesopotâmia, por exemplo, a escrita propiciou o surgimento de três classes de trabalhadores:

os administradores de nível inferior (supervisores, capatazes, que inspecionavam os trabalhadores e agricultores), os supervisores dos supervisores (que trabalhavam em escritórios, fazendo a contabilidade) e, no nível mais alto, os planejadores (BURKE & ORNSTEIN, 1998, p. 70).

Externando graficamente as ideias por meio de um sistema linguístico minuciosamente elaborado e convencionado, a escrita dá visibilidade e perenidade aos discursos do então “homo scriptore” (XAVIER, 2013a, p. 28), integrante de uma sociedade cada vez mais burocratizada e que, portanto, não podia ficar à mercê da efemeridade do tempo, da verbalização oral apenas. Embora não se possa atribuir ao advento da escrita uma reformulação das representações e esquemas cognitivos do usuário da língua, é forçoso reconhecer o quanto impactou social e culturalmente as sociedades que a adotaram como tecnologia simbólica.

“De certa forma, esta invenção também contribuiu para ampliar o raio de alcance das ações de quem antes era apenas *homo loquens*, e que agora também *homo scribens*, transformou-se em um *homo sapiens* um pouco mais sofisticado” (XAVIER, 2013b, p. 74). Esse novo incremento no uso da língua passou a representar não só mais uma alternativa de comunicação à disposição da humanidade, mas também algo indispensável ao exercício da cidadania.

Em “A Era do Hipertexto”, Xavier (2013b) faz um retrospecto muito esclarecedor acerca dos diversos suportes da linguagem escrita através dos tempos. Segundo o autor, o homem recorreu aos reinos mineral, animal, vegetal e “digital”, aos quais se credita a evolução da escrita alfabética ao longo dos séculos, em todas as suas matizes e complexidades. Aos sumérios são creditadas as primeiras inscrições no reino mineral, fazendo-as em argila cozida e esculpida cuidadosamente, conforme mostra a figura 1.

Figura 1 – Tábua suméria com escrita cuneiforme registrando um contrato de venda de terras e uma casa.



Fonte: Xavier (2013b, p. 90)

Xavier (2013b), ainda discorrendo sobre os suportes da linguagem no reino mineral, explica ser a pedra o suporte utilizado para a entrega do Decálogo ao povo Hebreu, mencionando também o bronze como um mineral bastante utilizado pelos romanos em seus tratados de paz e ainda hoje nas placas comemorativas de realizações institucionais. Do reino vegetal foi extraído primeiro o papiro e depois o papel. Do reino animal foi extraído o pergaminho, feito de pele de carneiro, devidamente tratada e muito mais barato em relação ao papiro. A escrita de um lado e de outro, que maximizava o pergaminho, fez nascer o *codex* (códice), pois permitiu que o pergaminho fosse montado folha a folha, uma sobre a outra, constituindo, dessa maneira, o *volumen*.

Convém destacar que o papiro também contribuiu para o surgimento do alfabeto, o primeiro sistema de comunicação a ser usado para expressar toda e qualquer linguagem, substituindo o pensamento mágico e supersticioso de que o mundo não podia ser examinado e discutido por meio de palavras. Isso aconteceu quando os gregos fizeram adequações aos signos alfabéticos criados pelos fenícios, cuja versão foi capaz de tornar inteligível os sons da fala, que passou a depender menos da memória.

Convém destacar, também, que

A importância do alfabeto grego é capital na história de nossa escrita e da civilização. Além de ter servido para notar a mais rica língua de cultura do mundo antigo e de ter transmitido a mensagem de um pensamento incomparável, ele foi também o intermediário ocidental entre o alfabeto semítico e o alfabeto latino. Intermediário não apenas histórico, geográfico e gráfico, mas estrutural, pois foram os gregos os primeiros a ter a ideia da notação integral e rigorosa das vogais (HIGOUNET, 2003, p.87).

Com a invenção do alfabeto, manuscritos foram produzidos em grande quantidade até a invenção da impressão gráfica, que veio resolver a alta demanda por

material de leitura. A escrita favoreceu o surgimento dos tipos móveis inventados por Gutenberg. Esses tipos móveis, tecnologias instrumentais, eram letras metálicas duráveis e intercambiáveis, usadas para imprimir palavras sobre o papel, alavancando o surgimento e expansão da imprensa por toda a Europa.

Segundo Burke e Ornstein (1998, p. 138-139),

A imprensa espalhou-se pelo continente numa velocidade extraordinária. Em 1455, não existiam textos impressos na Europa, mas por volta de 1500 vinte milhões de livros haviam sido publicados em 35 mil edições – um livro para cada cinco habitantes. [...] Em um sentido muito especial, o livro foi a primeira mercadoria industrial produzida em massa no sentido moderno. Nenhuma invenção se havia difundido tanto e tão rapidamente na história.

É importante destacarmos que a invenção gutenberguiana foi alvo de uma certa rejeição inicial. Segundo Briggs e Burke (2004, p. 28),

Os escribas, cujo negócio era ameaçado pela nova tecnologia, deploraram desde o início a chegada da impressão gráfica. Para os homens da Igreja, o problema básico era que os impressos permitiam aos leitores que ocupavam uma posição baixa na hierarquia social e cultural estudar os textos religiosos por conta própria, em vez de confiar no que as autoridades contavam.

Além de dificultar a ocultação dos conhecimentos e informações, característicos da Idade Média, podemos considerar como um dos saldos positivos dos tipos móveis, a horizontalidade de acesso à informação, à cultura e à liberdade de pensamento por parte da sociedade como um todo. Assim,

A tecnologia da impressão enformou a escrita, muito mais do que o tinham feito o rolo e o códice, em algo estável, monumental e controlado: estável, porque o texto se torna então reproduzível em cópias sempre idênticas; monumental porque o texto impresso, muito mais que o manuscrito, sobrevive e persiste como um monumento a seu autor e a seu tempo; controlado porque numerosas instâncias intervêm em sua produção e a regulam (SOARES, 2002, p. 153).

É interessante ressaltar que o surgimento de uma tecnologia não anula, necessariamente, as anteriores. Um exemplo disso foi a coexistência entre a cultura oral e a prática dos manuscritos, usados para comunicações específicas, como cartas familiares ou comerciais. Nesse sentido,

No século XX, a televisão precedeu o computador, do mesmo modo como a impressão gráfica antecedeu o motor a vapor, o rádio antecedeu a televisão, e as estradas de ferro e os navios a vapor precederam os automóveis e aviões. [...] o telégrafo precedeu o telefone, e o rádio deu início à telegrafia sem fio. Mais tarde, depois da invenção da telefonia sem fio, ela foi empregada para introduzir uma “era da radiodifusão”, primeiro em palavras, depois em imagens (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 114).

Nos dias atuais, podemos contar com a comunicação digital, possibilitada pelo advento da internet como uma tecnologia simbólica, considerada também uma tecnologia de informação e de comunicação. A internet foi criada pela *Advanced*

Research Projects Agency (Agência de Projetos de Pesquisa Avançada) – a ARPA – do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, instituição de pesquisa renomada a nível mundial. Dentre os vários trabalhos empreendidos pela ARPA, inaugurando a era da Informação em grande escala, está a criação de um sistema de comunicação invulnerável a ataques nucleares. Essa foi a resposta americana à União Soviética por haver lançado ao espaço seu primeiro satélite – o *Sputnik*, em fins da década de 1950.

Em 1º de setembro de 1969, entra em funcionamento a primeira rede de computadores – a ARPANET, distribuindo-se em quatro pontos: um na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, um na Universidade de Utah, um na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara e um no *Stanford Research Institute*. Concebida, inicialmente, para servir à pesquisa e questões militares, anos depois ampliou o seu alcance enquanto sistema de comunicação

Em ampla escala na forma de redes de área local e redes regionais ligadas umas às outras, e começou a espalhar-se por toda parte onde houvesse linhas telefônicas e os computadores estivessem equipados com modems⁶, equipamento de preço bastante baixo (CASTELLS, 2005, p.85).

Por volta de 1990, a criação da teia mundial conhecida como *World Wide Web* – WWW contribuiu para a difusão da internet na sociedade em geral. Essa teia, criada no *Centre Européen pour Recherche Nucleaire* – CERN, por um grupo de pesquisadores chefiados por Tim Berners Lee, organizava os sites da internet por informação, oferecendo aos usuários um sistema fácil e gratuito de pesquisa para procurar as informações desejadas. Segundo Levy (1999b, p. 207-208) “[...] Trata-se, provavelmente, da maior revolução na história da escrita, desde a invenção da imprensa ”, lançando um novo espaço tecnológico que

está “além” do espaço que a física descreve, pois o ciberdomínio não é feito de forças e partículas físicas, mas de *bits* e *bytes*. Esses pacotes de dados são o fundamento ontológico do ciberespaço, as sementes das quais o fenômeno global ‘emerge’. [...] Por não estar ontologicamente enraizado nesses fenômenos, o ciberespaço não está sujeito às leis da física e portanto não está preso pelas limitações dessas leis. [...] Os chips de silício, as fibras óticas, as telas de cristal líquido, os satélites de comunicação, até a eletricidade que provê a Internet de energia são todos subprodutos dessa ciência sumamente matemática. No entanto, se não poderia existir sem a física, o ciberespaço não está tampouco confinado à concepção puramente fisicalista do real (WERTHEIM, 2001, p.167).

A esse respeito, Levy (1999b, p. 206) explica que o ciberespaço é hoje “o centro de gravidade da nova ecologia das comunicações” apresentando algumas

⁶ Modem – vocábulo de origem inglesa que significa um dispositivo que conecta um computador a uma linha telefônica, permitindo a transmissão e a recepção de textos e imagens (XIMENES, 2000).

diferenças em relação a outros sistemas de comunicação como a imprensa, a edição, o rádio e a televisão, que com base em um esquema estrela, ou “um para todos” gera um contexto imposto pelos centros emissores, impossibilitando reciprocidade e interação no interior do dispositivo. Da mesma forma, o correio e o telefone, pelo fato de funcionarem sob um esquema “um para um”, favorecem a reciprocidade, mas são criam um contexto público, opondo-se ao sistema estelar. Desse modo, Levy (1999b, p. 207) conclui que:

O ciberespaço combina as vantagens dos dois sistemas anteriores. De fato, permite, ao mesmo tempo, a reciprocidade na comunicação e a partilha de um contexto. Trata-se de comunicação conforme um dispositivo “todos e todos”. [...] Como todas as mensagens são registradas, sedimenta-se assim progressivamente uma memória, um contexto do grupo de discussão. Cabe salientar que essa memória, esse contexto comum, em vez de vir de um centro emissor Todo-Poderoso, emerge da interação entre os participantes.

Dessa forma, na atual sociedade conectada impera uma nova ordem de representações e de saberes, pois “[...] A partir de uma nova configuração técnica, quer dizer, de uma nova relação com o cosmos, um novo estilo de humanidade é inventado (LEVY, 2002, p.17). Essa nova realidade na qual se enquadra a sociedade contemporânea tem criado as condições sociotécnicas ideais para o surgimento de uma cultura digital⁷, através de “novas possibilidades de interação, aprendizagens, com a criação de um mercado de trabalho, de formas de consumo de produtos e serviços a distância” (XAVIER, 2013a, p. 50).

Enquanto tecnologia simbólica, a internet foi responsável também pelo que alguns estudiosos chamam de Revolução Digital, dentre os quais podemos citar Lévy (2002), Crystal (2001; 2005); Castells (2005) e Siqueira (2007). A esse respeito, Crystal (2001) afirma que o impacto causado pela internet é bem mais visível na maneira como interagimos linguisticamente do que nas mudanças causadas pela tecnologia. Dessa forma, a internet propicia tanto uma revolução linguística quanto uma revolução na interação entre pessoas dos mais remotos pontos do planeta, de forma que “as distinções entre ‘aqui’ e ‘lá’ não significam mais nada” (VIRILO *apud* BAUMAN, 1999, p. 25).

A dissolução espaço-temporal propiciada pela internet possibilitou uma “interação altamente participativa” (MARCUSCHI, 2004, p. 17) como evidenciam,

⁷ Entendemos cultura como “um conjunto de manifestações linguísticas, comportamentais, sociais, artísticas de um povo; suas tradições, rituais, mitos, danças e formas de organização social que lhe conferem particularidade e distinção em relação a outros povos. O adjetivo ‘digital’ quer significar o surgimento de novos hábitos, ações e atitudes realizadas pelas pessoas com o apoio das tecnologias de informação e comunicação mais recentes, isto é, o computador e seus derivados, incluindo os aparelhos de telefone celulares” (XAVIER, 2013a, p.50).

atualmente, redes sociais como *Facebook*, *Twitter*, *Instagram*, *MySpace*, etc., cuja escrita alfabética assume uma posição fundamental na comunicação, podendo também integrar imagem e som. Segundo Martino (2015, p. 13),

A expansão de redes sociais e formas de produção colaborativa a partir do início dos anos de 2000 (se bem que sua origem se misture à da internet em si) levou a um tipo mais denso de conexões na chamada WEB 2.0, termo cunhado por Tim O'Reilly em 2005 para definir o alto grau de interatividade, colaboração e produção/uso/consumo de conteúdos pelos próprios usuários. Em oposição ao caráter 'fixo' da Web 1.0, que operava ao redor sobretudo, de "páginas" com elementos relativamente estáveis, como *blogs*, navegadores, transposição de conteúdos off-line para o digital, a Web 2.0 se apresentava como uma plataforma dinâmica, em constante transformação, gerada pelas interações entre usuários. As redes sociais, o *Google* e as produções colaborativas seriam exemplos desse cenário.

A internet tem criado um novo sistema de comunicação que utiliza cada vez mais uma língua universal, tanto "promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura, como personalizando-os ao gosto das identidades e humores dos indivíduos" (CASTELLS, 2005, p.40). Assim, observamos a emergência de uma nova cultura na administração das relações humanas, que podem acontecer também no espaço virtual.

Para Levy (1999c), o virtual existe como potência. O autor concebe a virtualização não como a passagem do real para o virtual, como se fosse uma "desrealização", mas um movimento do estado atual para o virtual, pois

O virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação. [...] o virtual constitui a entidade: as virtualidades inerentes a um ser, sua problemática, o nó de tensões, de coerções e de projetos que o animam, as questões que o movem, são parte essencial de sua determinação (LEVY, 1999c, p.16).

Da mesma forma, o compartilhamento de informações e a produção do conhecimento tem sofrido "reformatações" por essa nova cultura, que tem se infiltrado na política (cada vez mais se usa o espaço virtual para debater questões do cotidiano) e em meios de comunicação como: rádio, televisão, telefone. Assim, a sociedade em rede alicerçada no poder da informação (CASTELLS, 2005) precisa tratar adequadamente essa informação para que se torne sociedade do conhecimento, hoje um recurso flexível, fluido, sempre em mudança (HARGREAVES, 2003; Pozo, 2004).

Poderíamos então definir a internet como mais uma tecnologia simbólica de "leitura do mundo", no dizer de Paulo freire (1987), o que atesta a união indissociável entre "linguagem e realidade" lançando à escola o desafio de ajustar a sua ação pedagógica aos atuais alunos multimídias, oriundos dessa nova cultura letrada, que têm a informação ao alcance de um clique, mas precisam saber transformá-la em

conhecimento, numa interação produtiva homem-máquina. Essa interação propicia um letramento digital⁸ ou novos letramentos, pois

na cibercultura, o confronto entre tecnologias tipográficas e digitais de escrita e seus diferenciados efeitos sobre o estado ou condição de quem as utiliza, sugere que se pluralize a palavra letramento e se reconheça que diferentes tecnologias de escrita criam diferentes letramentos (SOARES, 2012, p. 155).

De acordo com o exposto, podemos afirmar que “De *sapiens*, o homem foi avançando no tempo, adquirindo competências outras, tornou-se *loquace* e *scriptore*, e começa agora a assumir a condição de homo *digitale*” (XAVIER, 2013a, p. 21). Chegando à era da internet, considerada como “o quinto poder” (BRIGGS; BURKE, 2004), é inegável o fato de que na história evolutiva da humanidade, a língua (gem) sempre foi algo decisivo na administração das inúmeras tecnologias, uma vez que evoluímos não apenas em nosso lado animal, mas como um ser social e de linguagem. Da mesma forma, enquanto falantes de uma língua, somos coprodutores do seu processo evolutivo natural.

2.2 Saída do Túnel do Tempo: a Comunicação na Internet

Uma das principais características do século XXI é a comunicação mediada pelo meio digital, na qual a escrita é sua manifestação preponderante e em que novos usos culturais e linguísticos são convencionados para atender às especificidades do meio e às necessidades dos falantes/interagentes da contemporaneidade. Em relação à penetração da internet na realidade contemporânea, Carvalho e Kramer (2013) constatarem que

O século XXI vem sendo testemunha de uma verdadeira revolução na vida social, com a entrada da internet como meio usual de comunicação, introduzindo novas formas e novos conceitos na vida cotidiana. A linguagem, como matéria e tecnologia da comunicação humana, vem recebendo os efeitos dessa revolução. As decorrências das mudanças na interação vêm imprimindo suas marcas tanto no uso material da língua quanto em sua esfera discursiva, na qual ocorrem representações dos sujeitos da era da participação (CARVALHO; KRAMER, 2013, p. 78).

Não poderia ser de outra forma: para dar conta das demandas tecnológicas e comunicativas dos sujeitos, a língua sofre contínuas mudanças, plasticidade necessária em toda língua que “como sistema acompanha de perto a evolução da

⁸ A palavra letramento digital é aqui entendida por nós como “um certo estado ou condição que adquirem os que se apropriam da nova tecnologia digital e exercem práticas de leitura e de escrita na tela, diferente do estado ou condição – do letramento – dos que exercem práticas de leitura e de escrita no papel” (SOARES, 2012, p. 151).

sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço” (LABOV *apud* MONTEIRO, 2000, p. 16-17).

Consentâneo a esse pensamento, Bagno (2007) postula que

Se a língua é falada por seres humanos que vivem em sociedades, se esses seres humanos e essas sociedades são sempre, em qualquer lugar e em qualquer época, *heterogêneos, diversificados, instáveis, sujeitos a conflitos e a transformações*, o estranho, o paradoxal, o impensável seria justamente que as línguas permanecessem estáveis e homogêneas (BAGNO, 2007, p. 37, grifos do autor).

Assim, o modo como os sujeitos têm materializado os discursos, na era digital, tem despertado um interesse crescente entre os estudiosos da linguagem. Barton e Lee (2015) apontam a linguagem como algo central nas mudanças contemporâneas, uma vez que a um só tempo determina e é determinada por essas mudanças.

Com o advento da internet, “Surgem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender. Novos tempos, novas tecnologias, novos textos, novas linguagens” (ROJO; BARBOSA, 2015, p. 116).

A internet implodiu a ideia de um padrão de língua escrita atrelado às normas da gramática tradicional, revelando a dinamicidade da língua enquanto prática social, sinalizando novos padrões linguísticos de uso. No entanto, a variação no padrão consagrado pela tradição gramatical tem gerado reações paradoxais tanto entre os estudiosos quanto entre os usuários da língua. Umberto Eco (1971), em seu livro *Apocalípticos e integrados*, caracteriza dois tipos de reações dos indivíduos às mudanças: há aqueles que as veem como algo positivo e que por isso as recebem com entusiasmo; há os que as julgam perniciosas, rejeitando-as, portanto.

Crystal (2005) não lança nenhuma preocupação acerca do uso da linguagem na internet. O autor prefere explorar a ideia de que essa tecnologia é uma forma de comunicação que vem fazendo uma revolução na linguagem. Assim, longe de ser vista como um meio de comunicação que utiliza uma escrita anárquica, como sugerem alguns “apocalípticos”, a internet precisa ser reconhecida como uma tecnologia que teve de gerar sua própria linguagem. Faz parte dessa linguagem o que a literatura tem convencionado chamar de “internetês” (RAJAGOPALAN, 2013) e deve ser compreendido

[...] como algo sintomático dos tempos em que vivemos, marcados por uma série de características, como a facilidade, a rapidez da comunicação, assim como a espontaneidade e o laconismo nas formas de transmitir as mensagens (RAJAGOPALAN, 2013, p. 38).

Na internet, tanto a língua quanto as linguagens são organizadas retoricamente em gêneros hipertextuais, em prol de uma convergência languageira

entre os usuários (XAVIER, 2013a), o que resulta no que o autor define como retórica digital, entendida como

um efeito das variações no uso da modalidade escrita da língua, quando mesclada a outras formas de linguagem, tais como imagens e sons significativos acionados simultaneamente e processados cognitivamente por sujeitos que interagem mediados por ferramentas telecomunicacionais (XAVIER, 2013a, p. 11-12).

Dessa forma, a internet tem se constituído um terreno fértil para variações linguísticas de registro, fazendo do princípio da economia e da pressa o álibi perfeito para fugir das sanções da norma padrão, engendrando um léxico no qual os neologismos são cada vez mais constantes, a exemplo de verbos como “deletar”, “linicar” e expressões com o prefixo “e-”, presentes em palavras como *e-book*, *e-business*, *e-gramática* etc. Também tem possibilitado o surgimento de uma escrita, cuja grafia foge à ortografia oficial: “palavras acentuadas se misturam com uma total ausência de acentuação, o que certamente acrescenta rapidez à digitação não especializada e faz com que ‘então’ vire ‘entaum’ e ‘alô’ vire ‘alou’” (NICOLACI-DA-COSTA, 1998, p. 167).

Com a internet, a linguagem evoluiu

[...] para uma nova forma de comunicação, diferente em aspectos fundamentais das formas conversacionais tradicionais da fala e da escrita. Os atributos que diferenciam a CMC [comunicação mediada por computador] da fala incluem a ausência de *feedback* simultâneo (vital para a conversação bem sucedida), a ausência da fonologia não segmental (ou da tonalidade da voz, que as emoções se esforçam para eximir, porém não conseguem) e sua habilidade de muitas interações simultâneas (como em salas de conversa em tempo real). (CRYSTAL *apud* RAJAGOPALAN, 2013, p. 40)

Assim, na comunicação digital, os usuários precisam dominar as regras desse novo contexto de uso da língua, em que novos contratos linguísticos são “convencionados” e cujo pertencimento à determinada comunidade virtual implica que o sujeito conheça as variações languageiras que são consideradas adequadas, sob pena de comprometer os seus propósitos comunicativos ou a aceitabilidade do seu discurso, já que a língua é construída pela realidade que a envolve, requerendo do falante atenção especial às marcas contextuais.

Barton e Lee (2015) destacam a presença de acrônimos e siglas, reduções de palavras, homófonos letra/número, grafia estilizada, *emoticons*, pontuação estilizada, na comunicação digital realizada por meio de textos escritos, que diferem daqueles produzidos em suportes como o papel, em que o texto é estático, linear. Na *Web*, um único texto pode, através de links, servir de “ponto de ancoragem de diversas

outras fontes que com ele interagem e que o complementam na significação e compreensão” (LORENZI; PÁDUA, 2012, p. 36).

Na comunicação digital, o uso da escrita apresenta características peculiares. Assim,

Os possíveis erros de digitação não levam a concluir, como na escrita convencional, que houve erro e desconhecimento de regras de ortografia. [...] Os efeitos, na língua, desse novo meio são duplos: ele inicia uma mudança no caráter formal da língua e possibilita maior utilização da escrita. São inúmeras abreviações usadas ('tb', 'vc') e reduções (facu). A falta de maiúsculas e de acentos surpreende o falante de português. A ortografia fora do padrão, condenada na escrita convencional, é usada sem sanções em ambientes de conversa (CARVALHO E KRAMER, 2013, p. 79).

Marcuschi (2004, p. 64) também conclui que “a escrita nos gêneros em ambientes virtuais se dá numa certa combinação com a fala, manifestando um hibridismo ainda não bem-conhecido e muitas vezes mal compreendido”. Esse hibridismo tem sido denominado também como “escrita oralizada” por autores como Recuero (2014), December (1996) e Herring (1996). Assim, observamos um novo comportamento linguístico no uso da escrita, entre os usuários da rede:

uso mais coloquial dessa modalidade da língua, ausência de revisão antes do envio do texto a outrem, supressões de letras nas palavras, emprego de abreviações, reconfiguração dos sinais de pontuação e caracteres do teclado, inserção de imagens, ícones, figuras e sons para expressar estados emocionais e intenções comunicativas sem paralelo no léxico (XAVIER, 2013a, p. 16).

Crystal, em uma apresentação no Colóquio Análise Comparativa de Textos e Criatividade Digital, realizada em Amsterdam em outubro de 2008, faz as seguintes considerações sobre a comunicação mediada pelo meio digital:

Como a comunicação mediada pelo meio digital (CMD) muda a nossa noção de texto? Há algumas continuidades em relação aos discursos tradicionalmente reconhecidos como oral e escrito, mas há também importantes discontinuidades. As diferenças em comparação à linguagem oral incluem novos padrões de troca de turnos, o uso dos *emoticons* e novos ritmos conversacionais. As diferenças em comparação ao discurso escrito incluem questões relacionadas à persistência, animação, presença de hipertexto e enquadre (CRYSTAL *apud* SHEPHERD; SALIÉS, 2013, p. 21).

Com base em análise de dados extraídos, principalmente, de *e-mails*, *bulletin boards* e conferência via computador, Baron 1998 (*apud* Baron 2013, p. 129-130) concluiu que,

a partir do fim da década de 1990, a CMC era essencialmente uma modalidade mista. Em outras palavras, assemelhava-se à fala porque não era editada; usava pronomes de primeira e segunda pessoa, o tempo presente, contrações; seu nível de formalidade era baixo; e a linguagem da CMC podia ser rude ou mesmo obscena. Ao mesmo tempo, a CMC parecia-se com a escrita porque os interlocutores estavam fisicamente separados, e essa separação contribuía para a revelação de quem eles eram; a CMC ajudava a

nivelar o campo conversacional entre interlocutores em diferentes pontos de uma hierarquia social [...].

Um aspecto a destacar da comunicação digital diz respeito à multimodalidade, conforme defendem autores como Marcuschi (2004), Modesto (2011, 2012), Gomes (2010), Oliveira (2013), Rajagopalan (2013), Recuero (2014), Barton e Lee (2015), uma vez que se conjugam no mesmo suporte, texto, escrita, som e imagem. No entanto, por mais multimodais que sejam os textos conversacionais oriundos da Internet, a palavra escrita ainda é central para todas as formas de interação *on-line* e criação de conteúdo, mesmo que os escreventes/interagentes empreendam constantes reelaborações a essa escrita, no intuito de vencer as limitações técnicas das ferramentas ou mesmo atender às demandas contextuais.

O percurso teórico até aqui realizado, nos induz a afirmar que a língua serviu-se de vários suportes para permitir a comunicação, de forma que, da argila aos atuais suportes digitais de comunicação, cada vez mais o “o homem está reinventando a vida e determinando uma outra natureza para a espécie” (DOMINGUES, 1997, p. 30), à medida que novos signos vão sendo engendrados, trazendo significativas alterações nas formas de leitura, escrita, negociação de sentidos e novas percepções do funcionamento da língua.

3 DA CONVERSAÇÃO FACE A FACE À CONVERSAÇÃO DIGITAL

Uma prática social quase tão antiga quanto a própria humanidade é a conversação, “o gênero básico da interação humana” (MARCUSCHI, 1986, p. 14). Neste Capítulo, buscamos discutir algumas características que têm acompanhado esse gênero, presente nas mais diversas esferas da atividade humana (BAKHTIN, 1995). Para isso, partimos dos estudos desenvolvidos por Marcuschi (1986), Castilho (1989, 2010, 2014), Kerbrat-Orecchioni (2006), dentre outros autores, para descrever o cenário teórico que coloca em relevo os estudos da língua falada. Também buscamos discutir as duas vertentes em que se configura a Análise da Conversação aqui no Brasil (LEITE; NEGREIROS, 2014), bem como os novos desdobramentos dos estudos da conversação face à era digital, conforme Recuero (2008, 2012, 2014), Shepherd e Saliés (2013), Hilgert (2000), Modesto (2011, 2012), dentre outros.

Neste trabalho, focamos os marcadores conversacionais em uso na conversação realizada no *Facebook*. Esses marcadores são importantes para a costura e a efetivação da comunicação e com base nesses recursos, buscamos estabelecer um paralelo entre a conversação face a face e a conversação mediada pelo meio digital, tomando como parâmetro a materialidade dos signos sob os quais se manifesta essa prática tão nossa.

Assim, objetivamos compreender em que se aproximam e em que se afastam essas duas formas singulares de interação pela língua (gem), partindo do pressuposto de que a língua se funda em usos e de que fala e escrita devem ser vistas dentro da perspectiva de um *continuum* tipológico de práticas sociais (MARCUSCHI, 2007).

3.1 Revisita aos Princípios Teórico-Metodológicos do Gênero Conversação

A capacidade de comunicação é algo que faz parte da essência humana e essa característica é um fator determinante, quando comparamos o homem a outros seres. Conversar, por exemplo, é uma atividade quase tão antiga quanto o próprio homem, que a utiliza desde que se tornou *homo loquace* sendo, portanto, “a primeira das formas de linguagem a que estamos expostos e provavelmente a única da qual nunca abdicamos pela vida afora” (MARCUSCHI, 1986, p. 14).

“Mas como é que as pessoas se entendem ao conversar?”. Essa é, segundo Marcuschi (1986, p. 7), uma das perguntas cruciais a que a Análise da Conversação (doravante AC) tenta responder. Nisso repousa uma das motivações desse trabalho,

no qual descrevemos não apenas os marcadores conversacionais, mas a sua função enquanto recursos que colaboram para que as pessoas de fato se entendam ao conversar. Conforme já frisamos anteriormente, os princípios teóricos da AC são basilares na construção desse trabalho, uma vez que acreditamos ser o gênero conversação mais uma prova da efetiva relação entre língua-sociedade e língua-tecnologia.

Ao fazermos uma incursão exploratória no cenário teórico em que brotaram as primeiras pesquisas que colocaram em relevo os estudos da língua falada para fins de conversação, é necessário sublinhar que a AC tem sua unidade feita de postulados fundamentais e não de um conjunto unificado de proposições (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006), o que a torna um campo de domínio transdisciplinar⁹.

Como vertente da etnometodologia e da teoria interacionista de Goffman (*apud* LEITE; NEGREIROS, 2014), a AC erigiu-se gradativamente como domínio autônomo de pesquisa, sob o impulso de Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson (1974), que propõem um modelo de análise do texto conversacional a partir do estudo da tomada ou troca de turnos. Outro conceito relevante para a AC é o de sequencialidade, que organiza a conversa e do qual advém a descrição dos pares adjacentes e a formulação do conceito de preferência na conversação. Muitos outros temas, derivados desses, ou não, formam o escopo de estudo dos pesquisadores dessa disciplina (LEITE; NEGREIROS, 2014).

Em sua fase inicial, a AC ocupou-se da “descrição das estruturas da conversação e seus mecanismos organizadores [...]”. Hoje, tende-se a observar outros aspectos envolvidos na atividade conversacional [...]” (MARCUSCHI, 1986, p. 6). Fazem parte desses aspectos, os processos cooperativos do evento comunicativo, cuja importância é enfatizada por Gumperz (1982 *apud* Marcuschi, 1986), quando defende o partilhamento de conhecimentos linguísticos, paralinguísticos e socioculturais para a efetividade da comunicação. Dessa forma, faz parte do campo de estudos da AC:

Materiais empíricos, orais, contextuais, considerando também as realizações entonacionais e o uso de gestos ocorridos durante o processamento da conversação. Expressões faciais, entonações específicas, um sorriso, um olhar ou um meneio de cabeça corroboram com a construção do sentido do enunciado linguístico que está sendo proferido, ou, ainda, podem substituir

⁹ Esse campo de estudos é dividido em quatro grandes tipos de enfoque, que inauguram o estudo sistemático das interações verbais, demarcando as origens do que se pode chamar de AC: enfoque psicológico e psiquiátrico, enfoque etnossociológico, abordagem linguística e abordagem filosófica (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 17-24).

um enunciado linguístico no processo interacional face a face (DIONÍSIO, 2006, p. 75).

Atualmente, há um número considerável de pesquisas que, a partir de *corpora* gravados e criteriosamente transcritos, tomam a conversação e o texto oral como objeto de análise (LEITE; NEGREIROS, 2014). Esses autores citam como *corpus* mais relevante o coletado pelos pesquisadores do projeto NURC, na década de 70 do século XX, em cinco capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e Porto Alegre. Assim, a AC no Brasil tomou dois rumos:

i) O que partiu de pressupostos da AC etnometodológica, mas que deles se afastaram para estudar a oralidade, a fala, a escrita, a relação fala e escrita, e tudo o que concerne ao texto e é decorrente de situações discursivas de fala, em relação direta, ou não, com a escrita; ii) a que é mais fiel aos princípios teóricos e metodológicos da AC fundada por Garfinkel na década de 1960, com as extensões oferecidas pelas teorias interacionistas. (LEITE; NEGREIROS, 2014, p. 117).

Das perspectivas teóricas e metodológicas que ensejam esses dois rumos, nascem duas vertentes que configuram hoje a AC no Brasil, que Leite e Negreiros (2014), tomando como parâmetro características teóricas e metodológicas, denominam de Análise da Conversação Etnometodológica e Análise da Conversação Textual e Discursiva.

A Análise da Conversação Etnometodológica (doravante ACE) se embasa no etnométodo combinado com teorias oriundas da Filosofia da Linguagem, como a teoria dos atos de fala. Metodologicamente, os trabalhos são desenvolvidos a partir de uma atividade de fala. Procede-se então à gravação e transcrição de eventos comunicativos ilustrativos da atividade escolhida (LEITE; NEGREIROS, 2014).

Elencamos, a título de exemplo, com base em Garcez (2008, p. 22-34), alguns compromissos e pontos de interesse inscritos na agenda de pesquisa da ACE:

- ✓ Primordialidade da conversa cotidiana entre os sistemas de troca de falas e formas de uso da linguagem.
- ✓ Interpretação das ações dos participantes de cada evento interativo, uns perante os outros.
- ✓ Ação como unidade analítica e sequencialidade como constituinte central da ação.
- ✓ Desvalorização da explicação psicológica e do recurso analítico à intenção e pertencimento a categorias sociais *a priori*.

As questões tradicionais relacionadas a aspectos sociais como gênero, raça, identidade, *status* social dos interagentes e os relacionados aos aspectos interacionais marcados linguisticamente, como organização da tomada de turnos, sequencialidade, preferências e adjacências, correções, reparos e outros são inerentes ao trabalho do analista e integram constantemente a pauta dos trabalhos da ACE.

Segundo Leite e Negreiros (2014), a Análise da Conversação Textual e Discursiva (doravante ACTD) se constituiu após a chegada de Luiz Antônio Marcuschi, da Alemanha, em 1984, e então publicação do livro “Análise da Conversação” (MARCUSCHI, 1986). Dessa forma, houve um deslocamento do foco de interesse dos pesquisadores para o estudo dos mecanismos linguísticos e paralinguísticos envolvidos na produção do texto falado.

Em seu trabalho inaugural da AC no Brasil, Marcuschi (1986) afirma que o princípio básico que norteou esse campo de estudos foi o fato de que “Todos os aspectos da ação e interação social poderiam ser examinados e descritos em termos de organização estrutural convencionalizada ou institucionalizada pela sociedade” (MARCUSCHI, 1986, p. 6).

Garcez (2008, p. 21) refere-se às pesquisas relacionadas aos processos interacionais como “AC Brasileira”, dadas as especificidades desse domínio em relação à proposta originária dos EUA. Dessa forma, Leite e Negreiros (2014, p. 118-119) caracterizam a “AC Brasileira” sob três pontos específicos:

a) Trata-se de pesquisas interdisciplinares, com fundamento nos princípios da AC norte-americana, combinados com princípios teóricos da Linguística de Texto, da Sociolinguística, da Sociolinguística Interacional, da Análise do Discurso e da Semiótica; b) São pesquisas desenvolvidas a partir de textos orais, ou de textos orais e escritos, comparativamente, para explicitar e explicar a relação inerente existente entre aqueles e esses; c) Os estudos têm em comum o desvelamento de aspectos sociointeracionais próprios do discurso e que se mostram no texto.

No Brasil, os trabalhos que integram a pauta do Projeto NURC/SP – Núcleo USP são ilustrativos da ACTD (LEITE; NEGREIROS, 2014). Entre as pesquisas desenvolvidas, esses autores destacam o trabalho organizado por Preti e Urbano (1990), que focam aspectos organizadores da conversação, como o turno conversacional, a correção, a reparação e a sobreposição de vozes; e o trabalho de Preti (1993), que põe a lupa nos aspectos organizacionais, linguísticos e paralinguísticos, como os marcadores, o léxico e a sintaxe da língua falada, além de especificidades do processo interacional (LEITE; NEGREIROS, 2014).

Após pesquisas mais voltadas para os aspectos estruturais da conversação, esse grupo de pesquisa partiu para aspectos linguísticos, discursivos, textuais e pragmáticos, tanto da fala quanto da relação dela com a escrita, fazendo surgir projetos paralelos aos que conduziam inicialmente. A partir de pesquisas teóricas heterogêneas e multidisciplinares, são desenvolvidos estudos não apenas do texto falado, mas também do processo global da oralidade, a exemplo de trabalhos relacionados ao uso da gíria, neologismos e preservação de face no texto

conversacional, estratégias discursivas de compreensão (estudos sobre digressões e anáforas), processos interacionais em diferentes textos (orais ou escritos), bem como diálogos em diferentes tipos de discursos (midiáticos, pedagógicos, científicos, televisivos, artístico-literário), para citar alguns.

Conforme o exposto, a AC no Brasil tem, ao longo dos anos e sob o primado do empírico, lançado novas luzes sobre as reflexões seminais desenvolvidas pela tradição da AC dos EUA. O caráter multidisciplinar da Análise da Conversação torna-a um campo extremamente fértil, no qual a dinamicidade da língua motiva constantes atualizações teórico-metodológicas que deem conta de responder às necessidades de comunicação que se colocam. Isto porque a conversação é uma forma de interação verbal cuja organização se dá com base nas normas e convenções sociais inerentes a cada comunidade linguística, suscetíveis de mudanças no decurso do tempo em função de transformações sociais, culturais e tecnológicas, por exemplo.

Esse sobrevoo a respeito da Análise da Conversação nos ajudou a caracterizar a conversação como um gênero textual, uma atividade linguística que “representa o intercurso verbal em que dois ou mais participantes se alternam, percorrendo livremente sobre tópicos propiciados pela vida diária” (CASTILHO, 2014, p.29).

Estudando a linguagem na perspectiva da enunciação, isto é, dos usos sociais, Bakhtin (2011) entende a interação verbal como *lócus* de produção de linguagem, por meio do dialogismo. Os pressupostos defendidos por Bakhtin têm alicerçado vários estudos sobre gêneros¹⁰, uma vez que foi o primeiro autor a estender essa reflexão aos textos e discursos sem distinção ou divisão, tanto na vida cotidiana como na arte, após a reflexão seminal empreendida na Grécia Antiga por Platão e Aristóteles, que distinguiam e tipificavam os gêneros com base na poética e na retórica (ROJO; BARBOSA, 2015).

Bakhtin (1995, p.279) afirma que

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais ou escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes de uma e de outra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissoluvelmente no todo do

¹⁰ Segundo Rojo e Barbosa (2015, p. 42), a opção terminológica de Bakhtin por gêneros de discurso e não gêneros de texto se deve ao fato de que “não importam tanto as formas linguísticas ou as dos textos em si, para relacioná-las aos contextos, mas o desenvolvimento dos temas e da significação”.

enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera da comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso (BAKHTIN, 1995, p. 279).

Dessa forma, podemos afirmar que a enunciação é um produto da relação social e, em todas as esferas da atividade humana, a utilização da língua se realiza em forma de enunciados¹¹ (orais e escritos), concretos e únicos.

Marcuschi (2011) endossa esse conceito, ao afirmar que,

Bakhtinianamente falando, toda manifestação linguística se dá como discurso, isto é, uma totalidade viva e concreta da língua e não como uma abstração formal que se tornou o objeto preferido e legítimo da linguística. O enunciado ou discurso não é um ato isolado e solitário, nem na oralidade e nem na escrita. O discurso diz respeito aos usos coletivos da língua que são sempre institucionalizados, isto é, legitimados por alguma instância da atividade humana (MARCUSCHI, 2011, p. 20).

Ao conceituar gênero do discurso, Bakhtin (2011) enfatiza a importância das condições de produção dos enunciados, que trazem as marcas da especificidade e da finalidade de uma esfera de comunicação. Podemos assim compreender os gêneros como um repertório de formas disponíveis a uma dada comunidade linguística, organizando a vida social, enquanto aparatos linguístico-sociais à disposição das diferentes situações discursivas. Esse fato faz com que tenhamos uma certa dificuldade de quantificar os gêneros do discurso, que surgem continuamente, para atender aos mais variados propósitos comunicativos.

A esse respeito, Bakhtin (2011) explica que

A riqueza e a diversidade de gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo (BAKHTIN, 2011, p. 262).

Podemos, então, afirmar que a maleabilidade e plasticidade inerentes aos gêneros do discurso refletem a dinamicidade tanto da língua quanto das atividades humanas que se diversificam e complexificam a cada dia, exigindo dos sujeitos o domínio dos gêneros peculiares a cada contexto discursivo. Dessa forma, podemos compreender o uso do gênero como uma ação que adquire significado a partir do contexto e da situação social na qual está situada. Dizendo de outra forma, a situação

¹¹ Bakhtin (2011) defende que através de enunciados concretos a língua, de fato, penetra na vida dos sujeitos. Além disso, “o estudo do enunciado como *unidade real da comunicação discursiva* permitirá compreender de modo mais correto a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – as palavras e orações” (BAKHTIN, 2011, p. 269, grifos do autor).

social determinará o tema (conteúdo), a estrutura linguística e o estilo do gênero, e não o contrário.

Tomando como parâmetro as especificidades de uso da língua, Bakhtin (2011) considera o diálogo a forma clássica de comunicação discursiva e propõe que os gêneros discursivos sejam reconhecidos como primários simples e secundários complexos. O autor afirma que a conversação se situa entre os gêneros primários simples, de forma que os gêneros secundários complexos,

[...] (romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie, os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural mais complexo e relativamente muito desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições da comunicação discursiva imediata (BAKHTIN, 2011, p. 263).

Faraco (2009) pontua que a distinção entre gêneros primários e secundários não se trata de princípios de classificação do discurso, mas de uma distinção “entre duas esferas da criação ideológica: a *ideologia do cotidiano* e os *sistemas ideológicos constituídos*” (FARACO, 2009, p. 61, grifos do autor). Por sua vez, Marcuschi (2003) explica que os gêneros surgem de acordo com o progresso, evolução e necessidades emergentes da sociedade, visto que são fenômenos sociais e históricos.

Esse fato é ratificado pelo desenvolvimento das novas tecnologias, que colocam à disposição da sociedade contemporânea meios eletrônicos digitais que propiciam a comunicação por meio da internet. Dessa forma, a produção dos gêneros textuais não são mais exclusividade de um contexto natural de uso da língua, dada a crescente emergência de gêneros textuais no contexto da língua mediada pelo meio digital (MARCUSCHI, 2004).

É importante enfatizar que

Não são propriamente as novas tecnologias per si que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e sua interferência nas atividades comunicativas diárias. Assim, os grandes suportes tecnológicos da comunicação tais como o rádio, a televisão, o jornal, a revista, a internet, por terem uma presença marcante e grande centralidade nas atividades comunicativas da realidade social que ajudam a criar, vão por sua vez propiciando e abrigando gêneros novos bastante característicos (MARCUSCHI, 2004, p. 20).

Estando tão presente em nosso cotidiano, não é surpreendente o uso do gênero conversação também na esfera virtual, uma “outra esfera da atividade humana”, em termos bakhtinianos. Na interação escrita que analisamos, a que acontece em redes sociais da *Web* como o *Facebook*, é bem visível o entendimento de conversação proposto por Marcuschi (1986, p. 15), a qual consiste em “uma

interação verbal centrada, que se desenvolve durante o tempo em que dois ou mais interlocutores voltam sua atenção visual e cognitiva para uma tarefa comum”. No *Facebook*, essa tarefa comum pode ser a de comentar uma foto, um vídeo, uma notícia ou até outro comentário na página do *Perfil* de usuário, para citar alguns exemplos.

Em capítulo intitulado “Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital”¹², Marcuschi (2004, p. 14) pontua três aspectos que tornam relevante a análise desses gêneros:

(1) seu franco desenvolvimento e um uso cada vez mais generalizado; (2) suas peculiaridades formais e funcionais, não obstante terem eles contrapartes em gêneros prévios; (3) a possibilidade que oferecem de se rever conceitos tradicionais, permitindo repensar nossa relação com a oralidade e a escrita.

Na esteira de investigação dos gêneros digitais, Araújo (2004) examina a conversação ocorrida nos *chats*, buscando identificar neles as marcas do diálogo cotidiano, da esfera face a face. Esse autor afirma ser possível perceber as marcas dessa transmutação através do entrelaçamento das semioses som-imagem-escrita peculiares aos gêneros digitais, concluindo que

Para além dos recursos técnicos de seleção dos parceiros, de abreviações, usos de *emoticons* e de imagens, a transmutação nas conversas coletivas pelo chat aberto é um convite para que comecemos estudos mais sistemáticos em busca de compreender como as pessoas têm arregimentado e gerenciado as novas maneiras de se relacionar em ambiente digital (ARAÚJO, 2006, p. 226-227).

Postulando a multimodalidade como um traço constitutivo tanto do texto falado quanto do escrito, Dionísio (2011) explica:

Se as ações sociais são fenômenos multimodais, consequentemente, os gêneros textuais falados e escritos são também multimodais porque, quando falamos ou escrevemos um texto, estamos usando no mínimo dois modos de representação: palavras e gestos, palavras e entonações, palavras e imagens, palavras e tipográficas, palavras e sorrisos, palavras e animações etc. (DIONÍSIO, 2011, p. 139).

No entanto, a multimodalidade presente na conversação digital possui algumas especificidades, se comparada à conversação face a face. Isto porque as condições de produção do texto conversacional digital requerem uma adequação por parte dos sujeitos interagentes, que podem conversar em tempo real, mas em uma interação em que não podemos contar com a presença física dos pares e que se

¹² Este capítulo integra a obra “Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido” organizada por Marcuschi e Xavier (2004), na qual os autores descrevem e analisam as características dos gêneros emergentes com as novas demandas tecnológicas, bem como as principais modificações promovidas nas atividades linguístico-cognitivas dos usuários.

realiza essencialmente por escrito, num contexto que demanda rapidez e dinamicidade na tessitura dos discursos, além de outras características que esse estudo pretende desvelar, a par do número crescente de pesquisas nessa direção.

Essas características diferenciam a conversação digital do gênero prototípico que se dá em um contexto natural de comunicação. Da mesma forma, considerar o suporte em que se localiza o gênero conversação digital é de fundamental importância, pois a mudança de suporte ocasiona uma transmutação na qual o gênero sofre reformulações significativas.

É essa perspectiva que orienta nosso trabalho, em que as condições de produção do texto conversacional se dão em um enquadre no qual está presente não apenas a língua (gem), como na prática de conversação face a face, mas também a internet – tecnologia simbólica que tem minimizado distâncias e possibilitado usos sociais cada vez mais diversificados, impulsionando assim a criação de vários gêneros digitais.

A propósito da dinamicidade dos gêneros, Marcuschi (2011) observa o seguinte:

Em geral, os gêneros desenvolvem-se de maneira dinâmica e novos gêneros surgem como desmembramento de outros, de acordo com as necessidades ou as novas tecnologias como o telefone, o rádio, a televisão e a internet. [...] Nem sempre temos algo essencialmente novo, mas derivado, como, por exemplo, os *chats* surgindo como uma forma de *conversação* por meios eletrônicos, ou os *blogs* surgindo dos *diários de bordo* (MARCUSCHI, 2011, p. 22, grifos do autor).

Se os gêneros nascem de acordo com as atividades que vão surgindo e com as necessidades comunicativas, no que tange à conversação digital, acreditamos que seja um gênero emergente do meio digital que certamente guarda muitas semelhanças com a conversação prototípica, embora se distancie em alguns pontos, uma vez que se realiza sob condições de produção diferenciadas. Dessa forma, as conversações têm novos formatos e são constantemente adaptadas e negociadas para acontecer dentro das limitações, possibilidades e características das ferramentas (RECUERO, 2014).

3.2 A Conversação Face a Face

Há um consenso na literatura em compreender a conversação como uma forma de ação conjunta, resultante de um contínuo processo de cooperação entre os pares. Hilgert (1989 *apud* Dionísio 2006) explica haver três níveis de enfoque da estrutura conversacional:

Macronível: estuda as fases conversacionais, que são abertura, fechamento e parte central e o tema central e subtemas da conversação; Nível médio: investiga o turno conversacional, a tomada de turnos, a sequência conversacional, os atos de fala e os marcadores conversacionais; Micronível: analisa os elementos internos do ato de fala, que constituem sua estrutura sintática, lexical, fonológica e prosódia (HILGERT, 1989 *apud* DIONÍSIO, 2006, p.70).

Para Kerbrat-Orecchioni (2006), a vocação comunicativa presente na linguagem verbal pressupõe três características:

- 1) Alocução: é necessário que haja um destinatário distinto do falante.
- 2) Interlocução: uma troca de palavras em que os falantes se exprimem cada um em seu turno.
- 3) Interação: os falantes exercem uns sobre os outros uma rede de influências mútuas.

Essas características revelam o caráter par da linguagem e distinguem a conversação do monólogo, por exemplo. A conversação pressupõe uma atitude ativa entre os interlocutores e quando se dá de forma espontânea, normalmente possui um caráter simétrico, uma vez que há um equilíbrio na troca de turnos e todos os participantes têm os mesmos direitos e deveres pragmáticos. Dessa forma, os interlocutores podem falar, ser ouvidos e até interferir na fala uns dos outros, concordando, discordando etc.

Kerbrat-Orecchioni (2006) enfatiza ainda:

Para que haja troca comunicativa, não basta que dois falantes (ou mais) falem alternadamente; é ainda preciso que eles se falem, ou seja, que estejam, ambos, “engajados” na troca e que deem sinais desse engajamento mútuo, recorrendo a diversos procedimentos de **validação interlocutória** (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 8, grifos da autora).

Com base também na natureza essencialmente dialógica da linguagem, Marcuschi (1986) considera as perguntas e respostas, asserções e réplicas como ações constituintes da conversação, citando cinco características básicas presentes na organização elementar desse gênero:

- (a) Interação entre pelo menos dois falantes; (b) Ocorrência de pelo menos uma troca de turnos; (c) Presença de uma sequência de ações coordenadas;

(d) Execução numa identidade temporal; (e) Envolvimento numa interação centrada (MARCUSCHI, 1986, p. 15).

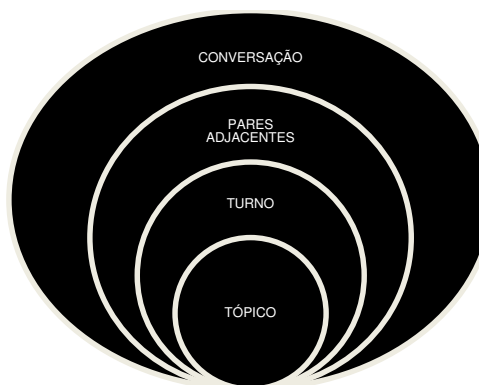
Podemos compreender, a partir da caracterização feita por Marcuschi (1986), que a conversação subentende uma troca, em que pelo menos dois falantes se falam, alternam-se no diálogo, centrando a sua atenção visual e cognitivamente em um evento comunicativo em que ações são coordenadas para atingir um propósito comunicativo. Pode ainda acontecer em espaços diversos, mas durante o mesmo tempo e centrada em um assunto. Segundo esse autor, a interação face a face não é condição necessária, mas a interação centrada, sim, uma vez que toda conversa inicia pelo tópico que motivou o encontro.

O contexto é outro aspecto que tem merecido destaque por parte dos autores que investigam o texto conversacional, sob qualquer perspectiva. Marcuschi (1986, p.17) afirma que “toda conversação é sempre situada em alguma circunstância ou contexto em que os participantes estão engajados. Mas não é necessário investigar sempre todas as particularidades de tais situações para analisar a conversação”. Dessa forma, podemos compreender o contexto como o pano de fundo em que se realiza o texto oral ou escrito, compreendendo

[...] todos os tipos de conhecimentos arquivados na memória dos actantes sociais, que necessitam ser mobilizados por ocasião do intercâmbio verbal: o conhecimento linguístico propriamente dito, o conhecimento enciclopédico, quer declarativo, quer episódico (frames, scripts), o conhecimento da situação comunicativa e de suas “regras” (situacionalidade), o conhecimento superestrutural (tipos textuais), o conhecimento estilístico (registros, variedades de língua e sua adequação às situações comunicativas), o conhecimento sobre os variados gêneros adequados às diversas práticas sociais, bem como o conhecimento de outros textos que permeiam nossa cultura (intertextualidade) (KOCH, 2005, p. 24).

A respeito dessa prática tão genuinamente humana que é a conversação, reconhecemos que apresenta uma realidade demasiado ampla e complexa. Dessa forma, por questões de natureza e foco, não pretendemos fazer uma descrição exhaustiva das características organizacionais da conversação, mas apenas de alguns aspectos que consideramos basilares, como: tópico discursivo, turno conversacional e pares adjacentes. Isto porque uma conversação só inicia ou se mantém, se houver um tópico a ser discutido. Esse tópico se organiza em turnos, os quais se alternam e dão origem aos pares conversacionais ou pares adjacentes, que por sua vez ajudarão na formação das sequências e, conseqüentemente, do evento organizado que é a conversação, na qual operam os marcadores conversacionais. Conforme podemos observar, existe uma hierarquização entre esses diferentes elementos estruturadores, conforme ilustramos na Figura 2:

Figura 2 – Elementos estruturadores da conversação



Fonte: Construída pela autora

Conforme já explicitado, Marcuschi (1986) considera a interação centrada como condição necessária para a conversação, uma vez que toda conversa se organiza em torno de um tópico. Esse tópico, compreendido pelo autor como aquilo a respeito de que se fala, concorre para a coerência conversacional e pressupõe uma construção coletiva, uma vez que os interlocutores precisam manter uma correspondência, ainda que parcial, entre os objetivos do evento comunicativo. Nesse sentido, Dionísio (2006) alerta para o fato de que

As contribuições do falante devem demonstrar, de alguma forma, uma relação com o curso da conversa, pois a conversação é uma atividade semântica, ou seja, um processo de produção de sentidos, altamente estruturado e funcionalmente motivado (DIONÍSIO, 2006, p. 72).

A respeito da regra básica para a organização tópica da conversação, Marcuschi (1986) explica que:

dois turnos contíguos que apresentam o desenvolvimento do mesmo conteúdo sequenciam o mesmo tópico, e dois turnos que não sequenciam o mesmo conteúdo constituem uma mudança de tópico. Mas entre a continuidade e mudança temos a possibilidade da quebra de tópico (MARCUSCHI, 1986, p 80).

Conforme observamos, a topicalidade organiza o texto conversacional, revelando a sua linearidade e coerência, presentes tanto na continuidade quanto na descontinuidade resultantes da progressão temática. Além disso, tanto a determinação quanto a extensão do tópico serão negociados pelos interlocutores.

Convém ressaltar que

A organização tópica compreende duas propriedades básicas, que são a centração e a organicidade. A primeira propriedade diz respeito ao conteúdo, ou seja, diz respeito ao falar-se sobre alguma coisa, enquanto a segunda se refere às relações de interdependência que são estabelecidas entre os tópicos de uma conversação (DIONÍSIO, 2006, p. 71).

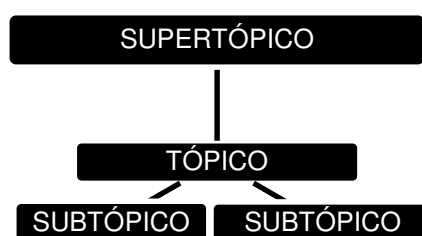
A centração envolve os seguintes traços:

(1) Concernência, isto é, 'interdependência semântica entre os enunciados'.

- (2) Relevância, que diz respeito à proeminência de um certo conjunto de enunciados;
 (3) Pontualização, isto é, a possibilidade de localização de um determinado conjunto de enunciados dentro de uma mensagem (JUBRAN et al. 1992 *apud* MODESTO, 2011, p. 64).

A organicidade se caracteriza pela presença de um tópico central ou supertópico, que se desdobra em subtópicos os quais possuem dois planos: linear e vertical (FÁVERO, 1993). Noutros termos, a organicidade é uma propriedade que permite que as camadas mais gerais possam conter outras mais específicas, cooperando para a progressão discursiva, de forma que um assunto pode estar ligado a um outro mais central. O diagrama ilustrado, abaixo, nos permite visualizar melhor como se dá esse processo:

Figura 3 – Diagrama tópico



Fonte: Construída pela autora

É necessário enfatizar que a organização tópica permite ver o ingrediente social presente na conversação, uma vez que subentende uma colaboração entre os interlocutores na determinação de núcleos comuns. Esses núcleos são dependentes de conhecimentos prévios compartilhados, convenções sociais e linguísticas, manifestos na tessitura de cada unidade discursiva, “fragmento textual que se caracteriza pela centração em determinado tema, podendo ser compreendido pelos subtópicos em que se divide o supertópico global (KOCH et al, 1990, p. 146).

Dessa forma, se é verdade que “[...] só se estabelece e se mantém uma conversação se existe algo sobre o que conversar, nem que seja sobre futilidades ou sobre o tempo, e se isto é conversado” (MARCUSCHI, 1986, p. 77), também é verdade que “Para que haja diálogo, é preciso que sejam postos em presença ao menos dois interlocutores que falem ‘alternadamente’. Num primeiro nível de análise, toda interação verbal se apresenta como uma sucessão de ‘turnos de fala’[...]” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 44).

O trabalho pioneiro sobre o sistema de turnos foi o de Sacks et al. (1974), no qual os autores afirmam que o turno seria o fator organizador não somente da

conversação, mas do evento social que é a interação. Assim, esses autores caracterizam o turno da seguinte forma:

- (1) A troca de falante se repete, ou pelo menos ocorre.
- (2) Na grande maioria dos casos, fala um de cada vez.
- (3) Ocorrências de mais de um falante por vez são comuns, mas breves.
- (4) Transições (de um turno para o próximo) sem intervalos e sem sobreposições são comuns. Junto com as transições caracterizadas por breves intervalos ou ligeiras sobreposições, elas perfazem a grande maioria das transições.
- (5) A ordem dos turnos não é fixa, mas variável.
- (6) O tamanho dos turnos não é fixo, mas variável.
- (7) A extensão da conversa não é previamente especificada.
- (8) O que cada um diz não é previamente especificado.
- (9) A distribuição relativa dos turnos não é previamente especificada.
- (10) O número de participantes pode variar.
- (11) A fala pode ser contínua ou descontínua.
- (12) Técnicas de alocação de turno são obviamente usadas. Um falante corrente pode selecionar um falante seguinte (como quando ele dirige uma pergunta à outra parte) ou as partes podem se auto selecionar para começarem a falar.
- (13) Várias “unidades de construção de turnos” são empregadas; por exemplo, os turnos podem ser projetadamente a “extensão de uma palavra” ou podem ter a extensão de uma sentença.
- (14) Mecanismos de reparo existem para lidar com erros e violações da tomada de turnos; por exemplo, se duas partes encontram-se falando ao mesmo tempo, uma delas irá parar prematuramente, reparando, assim, o problema (SACKS et al., 1974, p. 14-15).

Conforme podemos observar, no modelo proposto por Sacks et al. (1974), uma das características mais centrais da conversação é o fato de os interlocutores se alternarem na produção do evento comunicativo, ora assumindo o papel de falante, ora assumindo o papel de ouvinte. Assim, para eles o sistema de tomada de turnos na conversa pode ser descrito em termos de dois componentes: (1) o componente de construção de turno, no qual os falantes podem lançar mão de vários tipos de unidades construcionais, que “para o inglês incluem construções do tipo sentenciais, clausais, sintagmáticas e lexicais” (SACKS et al., 1974, p. 16); (2) o componente de alocação de turnos, com base em dois grupos, a saber: “(a) aqueles em que o turno seguinte é alocado pela seleção que o falante corrente faz de quem será o falante seguinte; e (b) aqueles em que um turno seguinte é alocado por auto seleção” (SACKS et al., 1974, p. 16).

O modelo proposto pelos autores supracitados serviu de base para Marcuschi (1986), considerado o trabalho pioneiro, no Brasil, em *Análise da Conversação*, seguido por uma geração de outros autores. Marcuschi (1986) vê a tomada de turno como um mecanismo-chave para a organização estrutural da conversação, reconhecendo tratar-se de um universal cultural o fato de a conversação organizar-se

em turnos, definindo turno como “aquilo que um falante faz ou diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade de silêncio” (MARCUSCHI, 1986, p. 18).

Esse conceito é também reiterado por Fávero et al. (2007, p.35), ao afirmarem que “estruturalmente, o turno define-se como a produção de um falante enquanto ele está com a palavra [...]” e por Dionísio (2006, p. 79), para quem turno é “cada intervenção dos interlocutores formada pelo menos por uma unidade construcional”.

O caráter sistemático da conversação, conforme já mencionamos anteriormente, também é evidenciado na tomada de turno, ou seja, na passagem de um turno a outro. Segundo Marcushi (1986) a tomada de turnos se dá com base num sistema localmente comandado, do qual fazem parte as seguintes técnicas:

Técnica I – o falante corrente escolhe o próximo falante, e este toma a palavra iniciando o próximo turno;
Técnica II – O falante corrente para e o próximo falante obtém o turno pela auto escolha (MARCUSCHI, 1986, p. 20).

Essas duas técnicas apontam para o que Castilho (2014, p. 37) denomina “projeção interacional”, termo que captura de forma mais genérica o que Sacks et al (1974), chamam de “alocação de turnos”. Segundo Castilho (2014), a projeção interacional pode se dar sob duas estratégias: (1) pela estratégia de *manutenção do turno*, na qual o interlocutor pode lançar mão de alongamentos de vogais e de consoantes, evitando um silêncio muito prolongado que possa denotar, por exemplo, disposição de ceder o turno; (2) pela estratégia de *passagem de turno*, que pode se dar por assalto ao turno, em que acontece, por exemplo, uma sobreposição de vozes por certo tempo, perdurando até que uma das partes desista, ou ainda, por passagem consentida do turno, na qual é o locutor quem determina o lugar relevante de transição, escolhendo o próximo falante.

Outro aspecto importante ao funcionamento de uma conversação diz respeito à produção de sequências, que excedendo o âmbito do turno, coordenada e cooperativamente, concorrerão para dar fluidez e organicidade ao evento comunicativo. Isto porque

entre essas sequências existem algumas altamente padronizadas quanto à sua estruturação. Devido à contiguidade e ao tipo de relações, tais sequências são chamadas de pares adjacentes, termo introduzido por Schegloff (1972) (MARCUSCHI, 1986, p. 34-35).

Os pares adjacentes fazem parte das sequências mínimas (MARCUSCHI, 1986), pelo fato de não excederem mais que três turnos e aparecerem em qualquer ponto da conversação. Dessa forma, par adjacente (ou par conversacional) trata-se de “uma sequência de dois turnos que co-ocorrem e servem para a organização local

da conversação. Muitas vezes eles representam uma co-ocorrência obrigatória, dificilmente adiável ou cancelável, como no caso dos cumprimentos” (MARCUSCHI, 1986, p. 35).

Os pares adjacentes fazem parte da sintaxe sociocultural da língua e, metodologicamente, são muito importantes para a Análise da Conversação. Isto porque indicam que “não é a simples ação linguística, mas tão-somente a sequência de atividades que se presta como unidade de análise” (STREEK *apud* MARCUSCHI, 1986, p. 36).

Na mesma linha de raciocínio, Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 56) define a sequência “como um bloco de trocas ligadas por um forte grau de coerência semântica ou pragmática, ou seja, trata-se de um mesmo tema ou centra-se sobre uma mesma tarefa”. Para essa autora (2006, p. 57), a troca é a “menor unidade dialogal”, dentre as unidades organizacionais da conversação, sendo constituída por pelo menos duas intervenções. Assim, “quando a troca é constituída por duas intervenções, dizemos que se trata de um par adjacente” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 59).

Os pares adjacentes podem se manifestar sob a estrutura pergunta-resposta, cumprimento-cumprimento, acusação-defesa-revide (MARCUSCHI, 1986), por exemplo, e servem tanto como organizadores locais da conversação quanto indicadores das condições de produção e recepção do texto conversacional, uma vez que atuam como mecanismos de seleção de falantes e proponentes de tema.

A respeito do par adjacente pergunta-resposta, Pereira (2008, p. 16) diz que “A primeira parte do par, a pergunta, seleciona o falante, determina a sua ação e coloca o ponto relevante para a transição do turno”. Assim, podemos compreender esse tipo de construção como um mecanismo de organização local da conversação, elemento constituidor da coerência do texto conversacional, uma vez que a uma pergunta, normalmente se espera uma resposta, embora o outro interlocutor possa optar por um outro ato de fala, dependendo de sua intenção comunicativa.

Além disso, os pares adjacentes possuem uma função semântico-pragmática, uma vez que são “indícios da existência de compreensão ou pelo menos de uma compreensão existente, na medida em que a segunda parte do par só pode ser produzida se a primeira parte foi, de alguma forma entendida” (DITTMANN, 1979 *apud* MARCUSCHI, 1986, p. 36).

Na arquitetura de uma conversação, os marcadores conversacionais são recursos que facilitam a costura e a efetivação da comunicação, fazendo-se presentes tanto por meio de signos linguísticos como extralinguísticos. A Marcuschi (1986) é

atribuído o primeiro estudo longo sobre os marcadores conversacionais no Português do Brasil (CASTILHO, 2014). Dessa forma,

Parcialmente descritos na Gramática Tradicional como “palavras expletivas ou denotativas”, “expressões de realce”, “palavras de difícil classificação” e na Análise da Conversação como “organizadores globais”, podemos entendê-los como seguimentos (i) sintaticamente independentes do verbo (ii) constantes de um ou de mais de um item lexical, ou mesmo de expressões não lexicais, (iii) funcionando no monitoramento da conversação e na organização do texto, (iv) distribuídos no início, no meio ou no final da unidade de análise (turnos, pares adjacentes, unidades discursivas)(CASTILHO, 2014, p.47).

Não obstante a ausência de consenso terminológico, Marcuschi (1986, 1989), Castilho (1989, 2010, 2014), Dionísio (2006), Urbano (1993), além de outros autores, convergem quanto à centralidade desses recursos na organização e gestão da interação verbal entre os interlocutores. Dentre as várias opções terminológicas disponíveis, optamos pela designação “marcador conversacional”, pelo fato de que melhor se alinha à natureza do nosso trabalho, em que buscamos compreender como a linguagem empregada no meio digital funciona quando tem como pano de fundo a conversação realizada na rede social *Facebook*.

Os marcadores conversacionais funcionam como “sinais que servem de elo de ligação entre unidades comunicativas, de orientadores dos falantes entre si etc.” (MARCUSCHI, 1986, p. 61). Além disso, possuem um caráter multifuncional, pois operam como organizadores da interação, articuladores dos textos e indicadores de força ilocutória, podendo ser agrupados em dois grandes tipos funcionais: marcadores pragmáticos, quando orientam para a interação verbal e os marcadores textuais, orientados para a organização do texto (MARCUSCHI, 1989).

Esse caráter multifuncional foi também ressaltado por Castilho (1989), ao afirmar que os marcadores conversacionais (por ele denominados marcadores discursivos) exercem, genericamente, uma função textual, à medida que organizam e estruturam o texto. Essa função geral, porém, desdobra-se em duas funções particulares: a função interpessoal e a ideacional. Essa duplicidade de funções dá origem a dois tipos de marcadores: os interpessoais e os ideacionais, que Marcuschi (1989) chama de pragmáticos e textuais, respectivamente.

A respeito dos marcadores ideacionais ou textuais, Castilho (2014) explica que por meio deles

iniciamos um tópico (“bom, é o seguinte”), recusamos um tópico novo (“essa tido”, “sem essa”), aceitamos um tópico novo (“tá bom”, “vamos lá”), subdividimos o tópico em subtópicos (“inicialmente”, “primeiramente”, “em segundo lugar”, “em seguida”), expandimos o tópico (“e além disso”, “e além

do mais”, “e tem mais”, “outra coisa”), sequenciamos os tópicos (“então”, “e aí”, “agora” [dito em tom descendente])[...](CASTILHO, 2014, p. 49).

Assim, sejam como elementos demarcadores da estrutura linguística ou da interação interpessoal, os marcadores conversacionais

ajudam a construir e a dar coesão e coerência ao texto falado, especialmente dentro do enfoque conversacional. Nesse sentido, funcionam como articuladores não só das unidades cognitivas informativas do texto como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto, naquilo que ela, a produção, representa de interacional e pragmático (URBANO, 1993, p. 85-86).

Marcuschi (1986) afirma que os marcadores conversacionais apresentam três tipos de evidências: verbais, não verbais ou paralinguísticos e suprasegmentais. Essa tipologia salienta uma das particularidades dos marcadores conversacionais, enquanto elementos constituintes do que podemos chamar, metaforicamente, de engrenagem conversacional: sua heterogeneidade. Procuramos ilustrar na Figura 4, com base em Marcuschi (1986), essa engrenagem.

Figura 4 – Classificação dos marcadores conversacionais



Fonte: Adaptado de Marcuschi (1986, p.62-63).

Sobre essa tipologia, Marcuschi (1986) explica que os recursos verbais são palavras ou expressões altamente estereotipadas que, embora não acrescentem informações novas ao desenvolvimento do tópico, permitem demarcar o funcionamento desse tópico no texto conversacional. Por sua vez, os recursos não verbais atuam no estabelecimento, manutenção e regulação do contato, ao passo que os recursos suprasegmentais organizam a conversação quanto ao ritmo discursivo e à entoação.

Diante do ora exposto, observamos que na interação verbal, em um contexto face a face, a língua não é o único instrumento a que os interlocutores recorrem para efetivar a comunicação. Isso nos remete também ao que Urbano (1993) afirma acerca do caráter formal dos marcadores conversacionais:

Uma rápida verificação no rol dos marcadores revela marcadores de diversos tipos quanto ao aspecto formal ou estrutural. Assim, pode-se separá-los, inicialmente, em marcadores linguísticos e não linguísticos. Os primeiros são de duas naturezas: há os verbais e os prosódicos. Os verbais podem ser lexicalizados, como **sabe?**, **eu acho que** ou não lexicalizados como, como **ahn ahn**, eh, eh. Os de natureza prosódica são a pausa, a entonação, o alongamento, a mudança de ritmo e de altura por exemplo. Os não-linguísticos são o olhar, o riso, os meneios de cabeça, a gesticulação. (URBANO, 1993, p. 86, grifos do autor).

Dessa forma, a conversação é uma prática social em que podemos mobilizar ao mesmo tempo elementos linguísticos (lexicalizados, não lexicalizados, prosódicos) e paralinguísticos (olhar, risos, gesticulação etc.) que, coordenada e cooperativamente, concorrerão para que o propósito comunicativo seja atendido.

Noutros termos, esse processo de interação, que se dá por meio da língua oral, apoia-se também em outros canais e semioses: auditivo e visual, por exemplo, já que “Falamos com nossos órgãos vocais, mas é com todo o corpo que conversamos” (D. ABERCROMBIE *apud* KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p.42). Dessa forma, o emprego adequado dos recursos linguísticos e não linguísticos é essencial para a comunicação, permitindo a compreensão do sentido produzido pelo discurso, evitando inclusive situações socialmente embaraçosas.

Marcuschi (1986) divide os marcadores conversacionais verbais em dois grupos, conforme sua fonte de produção: sinais do falante e sinais do ouvinte. O autor afirma que esses sinais possuem funções conversacionais e funções sintáticas.

No que se refere às funções conversacionais, eles (os sinais) podem ser considerados sob dois aspectos: (1) sinais produzidos pelo falante, atuando, entre outras coisas, na sustentação do turno, monitoração do ouvinte, explicitação de intenções, nomeação e referenciação de ações, para indicar dúvida, indagação ou correção, marcar comunicativamente unidades temáticas; (2) sinais produzidos pelo ouvinte, que orientam o falante e/ou monitoram-no quanto à recepção, pois indicam concordância, discordância, além da necessidade de reformulação ou exploração adicional do tópico, dentre outras funções.

Na conversação, a posição de ocorrência dos sinais verbais não é fixa, podendo ocorrer em várias posições: “os sinais do falante podem vir no início, no meio e no fim do turno, enquanto os do ouvinte vêm geralmente no ponto de discordância

ou concordância com o tópico, sendo, portanto, localizados” (MARCUSCHI, 1986, p. 72).

A esse respeito, Urbano (1993), afirma que

São específicas as funções de monitoramento do ouvinte ao falante ou a de busca de aprovação discursiva pelo falante em relação ao ouvinte, ou ainda, de sinalizadores de hesitação, de atenuação ou de reformulação por parte do falante, ou ainda, de sua intenção de asserir ou perguntar (URBANO, 1993, p. 100).

Galembeck e Carvalho (1997) classificam os marcadores, segundo a posição no turno de fala, a saber: 1) Iniciais: não, mas, acho que, não é assim – marcam o início ou a tomada de turno; 2) Mediais: né?, sabe?, entende?, advérbios, conjunções, alongamentos – responsáveis pelo desenvolvimento do turno; 3) Finais: né?, não é?, entendeu? perguntas diretas e pausa conclusa que assinalam a passagem implícita ou explícita do turno. No entanto, os autores alertam para o fato de que a “posição dos marcadores não é fixa, ou seja, o mesmo MC pode aparecer em diferentes posições; eu acho que (inicial e medial); não é? (medial e final)” (GALEMBECK; CARVALHO, 1997, p. 4), o que demonstra o caráter multifuncional desses recursos, conforme também postulam Marcuschi (1989) e Castilho (2014).

Com relação às funções sintáticas, esses sinais podem ser responsáveis “tanto pela sintaxe da interação como pela segmentação e pelo encadeamento de estruturas linguísticas. Marcam sintaticamente as unidades comunicativas quando coocorrem com pausas, correções, anacolutos, reduplicações, elipses etc.” (MARCUSCHI, 1986, p. 72).

Ao relacionar formas, posições e funções dos marcadores conversacionais verbais, Marcuschi (1986) classifica esses recursos nas seguintes categorias, que resumidamente elencamos a seguir, a título de exemplo:

- (1) tomada de turno – marca o início de turno ou a retomada da vez de falar. Exemplo disso são as formas típicas com as quais retomamos o tópico: “voltando ao tema”, fazemos digressão: “a propósito” ou sinalizamos adiamento do tópico: “depois a gente volta a isso” etc.
- (2) sustentação de turno – serve para o falante manter a vez de falar ou buscar o assentimento do ouvinte, a exemplo de “correto?”, ocasião em que pode configurar um lugar relevante para a transição de turno.
- (3) saída ou entrega de turno – há o predomínio da forma indagativa e o uso no final do turno, como em “viu?” ou “entendeu?”.

- (4) armação do quadro tópico – indica o estágio em que se encontra a conversação, como em “agora que estamos neste ponto”, surgindo em posição inicial ou medial de um turno.
- (5) assentimento ou discordância – consiste na produção durante o turno do falante: “ahã” (concordância), “não não” (discordância), não tendo uma função fática apenas.
- (6) abrandamento – minimiza o impacto negativo de conversas desagradáveis, conforme se observa em: “a menos que me equivoque”, “os regulamentos preveem para esse caso”, dentre outros.

Marcuschi (1986), discorrendo sobre os marcadores suprasegmentais e usando a classificação de Rath (1979 *apud* MARCUSCHI, 1986) a respeito das pausas, as classifica em pausas sintáticas e não-sintáticas. As sintáticas podem ser: (1) de ligação, atuando na costura interna da unidade sem, necessariamente, iniciar nova, substituindo conectores; (2) de separação, delimitando ou separando as unidades comunicativas. As não-sintáticas se dividem em: (1) de hesitação, revelando idiossincrasias ou planejamento verbal; (2) de ênfase, com efeito de sinalizador de pensamento, reforçando e/ou chamando a atenção.

No que diz respeito à classe gramatical que assume papel de marcador conversacional, qualquer classe pode assumir este papel (MARCUSCHI, 1989), uma vez que o sentido primário do termo é modificado, em proveito do sentido interacional ou, até mesmo, de organização textual, considerando que “não é pela classe gramatical que identificamos os MCs, mas pela função que aquela forma tem na interação” (MARCUSCHI, 1989, p. 290). Consentâneo a esse pensamento, Castilho (2014) afirma que

De todo modo, deve-se notar que os itens lexicais que funcionam como MCs são plenos, cujo sentido foi alterado, passando de um sentido mais concreto para um mais abstrato. Assim, um verbo como *olhar*, que pode organizar uma sentença (como em “*O aluno olhou a prova do vizinho*”), ao operar como marcador (como em “*olha l...como você sabe...*”) adquire um sentido mais interacional, algo como “*preste atenção ao que vou dizer*”. [...] (CASTILHO, 2014, p. 48, grifos do autor).

Discorrendo sobre o aspecto semântico dos marcadores conversacionais, Urbano (1993) afirma que alguns desses elementos são vazios ou esvaziados do conteúdo semântico original, constituindo-se recursos reveladores do grau de atenção e participação dos interlocutores, não sendo, portanto, discursivamente dispensáveis. Por outro lado, há aqueles mais ligados à enunciação, que mantêm uma parcela do seu sentido e função sintática originais, mas acrescidos de uma função pragmática,

como é o caso do adjunto adverbial *assim*, que pode exercer uma função modalizadora, sinalizando hesitação ou dúvida do falante. Entre os marcadores conversacionais ligados à enunciação, Urbano (1993) explica ainda que

há expressões que continuam semanticamente válidas, como **eu acho que**, mas a informação que passam não integra nem colabora diretamente para o conteúdo referencial do texto enquanto estrutura tópica. Na realidade, refere-se à postura do falante em relação ao “dito”, ou, mais precisamente, ao que vai dizer (URBANO, 1993, p.87-88, grifos do autor).

Dessa forma, podemos afirmar que esses elementos não formam uma classe gramatical, mas funcional, numa perspectiva claramente pragmática, uma vez que a língua

não está de antemão pronta, dada como um sistema de que o sujeito se apropria para usá-la segundo suas necessidades específicas do momento de interação, mas que o próprio processo interlocutivo, na atividade de linguagem, a cada vez a (re) constrói (GERALDI, 1995, p.6).

Assim, nessa prática tão genuinamente humana que é a conversação, há que se reconhecer a importância do contexto de uso, da intenção dos falantes, da própria situação comunicativa e até mesmo da natureza semântica dos marcadores conversacionais, fato que licencia a possibilidade de assumirem diferentes funções.

3.3 A Conversação Digital

No século XXI, a conversação, um dos gêneros mais primários da interação humana (BAKHTIN, 2011), passou a acontecer também na mediação das ferramentas digitais, que além de tecnologias, constituem-se espaços conversacionais importantes, já que os usos que fazemos delas conferem outras feições à conversação (Recuero, 2014). Atualmente, há um número considerável de ferramentas que proporcionam um ambiente conversacional, algumas focam apenas o texto escrito, outras a imagem, outras o som e outras ainda que compreendem todos esses elementos, sendo este o caso do *Facebook*, uma rede social da *Web* e da qual analisaremos apenas os textos escritos, conforme frisamos anteriormente.

A respeito do potencial conversacional de alguns artefatos tecnológicos, Araújo (2006), em pesquisa relacionada ao uso dos “bate-papos” ou “chats” na internet, explica que

O bate-papo também permite uma conversa em tempo real entre diversas pessoas, em ambientes remotos, por meio de mensagens escritas e/ou sonoras. É dividido em salas temáticas, permitindo que usuários com interesses comuns possam trocar ideias e informações acerca do tema escolhido (ARAÚJO, 2006, p.39).

Desse modo, na era da cibercultura, a conversação face a face divide espaço com a conversação digital, de forma que, não mais “em volta do fogo, mas sim diante da fosforescência da tela do microcomputador, milhões de pessoas, diuturnamente, procuram por seus pares imbuídos dos mais diversos propósitos” (FIRMINO, 2005, p. 39). Nesse tipo de conversação, alguns elementos típicos do gênero prototípico se fazem presentes e os interagentes se sentem, de fato, conversando, conforme pistas linguísticas evidenciadas nos próprios textos conversacionais.

Herring (2010, p. 1-2, tradução nossa), ao se referir à comunicação mediada pela internet, assim se manifesta:

Na conversação casual, os usuários da Internet frequentemente referem-se às trocas textuais como conversações, usando verbos como “falei”, “disse” e “ouvi” ao invés de “digitei”, “escrevi” ou “li” para descrever suas atividades na CMC. Mesmo os autores publicados, algumas vezes, referem-se, de forma inconsciente, parece-me, aos “falantes” mais do que aos “escreventes”, “conversa” mais do que “trocas digitadas”, “turnos” mais do que mensagens e daí por diante quando se reportam à CMC. O uso linguístico atesta o fato de que a experiência dos usuários na CMC é fundamentalmente similar àquela da conversação falada, apesar da CMC ser produzida e recebida por meios escritos.

A realidade que ora discorremos foi desencadeada pelo advento da *Web 2.0*, cuja evolução tecnológica propiciou não apenas transmitir dados ou “a publicação de ‘páginas’”, mas a participação dos conteúdos entre as pessoas. Na *Web 2.0*, o sentido da publicação é a participação. Publicar significa participar, isto é, compartilhar” (SPADARO, 2013, p. 11). Após a *Web 2.0*, houve um crescente surgimento de redes sociais, conforme já frisamos no capítulo anterior, gerando uma nova dinâmica conversacional, em parte porque “as conversações que acontecem no Twitter, no Orkut, no Facebook e em outras ferramentas com características semelhantes são muito mais públicas, mais permanentes e rastreáveis do que as outras” (RECUERO, 2014, p.17).

Convém enfatizar que essas conversações não são determinadas pela existência desses novos meios, mas são resultantes de uma apropriação de um sistema técnico para uma prática social (RECUERO, 2014), de forma que essa dinâmica conversacional muda com o tempo, com as próprias ferramentas que surgem e são também reapropriadas pelos interagentes. Isso evidencia o fato de que as ferramentas digitais oferecem mais que uma estrutura técnica de suporte à linguagem, uma vez que o sentido dos discursos é construído colaborativamente. Na mesma linha de pensamento, Primo (2006) enfatiza que é preciso compreender a interação mediada pelo computador como um processo criativo, inovador e capaz de subverter os limites técnicos dessas ferramentas. Lemos (2002) compreende a

apropriação como produto do uso da tecnologia pelo homem, manifestando-se em duas dimensões: uma simbólica (ligada à construção de sentido do uso) e uma técnica (ligada ao aprendizado de uso), constituindo, assim, a essência da cibercultura.

Sendo o evento conversacional um evento social, ele não pode prescindir de uma organização centrada nas normas e convenções sociais específicas da comunidade em que se realiza. Em uma interação face a face, por exemplo, “diferentes sistemas semióticos” (Kerbrat-Orecchioni, 2006, p.36), vão ser responsáveis por traduzir os mais diversos propósitos comunicativos, construindo pistas de significação, num incessante trabalho de colaboração/negociação entre os pares, uma vez que a conversação compreende “ ‘construções coletivas’ feitas de palavras, mas também de silêncios e de entonações, de gestos, de mímicas e de posturas, ou seja, de signos de natureza variada” (KERBRAT-ORECCHIONI (2006, p. 36).

No entanto, nas condições de produção peculiares à conversação digital, que se faz pela palavra escrita e em um contexto que dispensa a presença física dos interagentes, que “saídas” (sistemas semióticos) são convencionalizadas para garantir a comunicação e a construção de sentidos? Ao fazermos um paralelo entre a conversação face a face – contraparte prévia da conversação emergente com as tecnologias digitais, quais os pontos de contato e de distanciamento entre os produtos linguísticos dessas duas formas de interação?

Acreditamos que, a exemplo da conversação face a face, também na conversação mediada pelo meio digital, “um sistema de práticas, convenções, regras de comportamento é empregado” (GOFFMAN, 1970, p. 10), a que são atribuídas as características e a organicidade que lhe são próprias.

Recuero (2014) explicita as seguintes características dessa conversação, que resumiremos a seguir:

- (1) O suporte é subvertido pela apropriação, conferindo formas de organização e estruturação estabelecidas coletivamente pelos atores sociais, além de elementos específicos da própria tecnologia que apoia as trocas conversacionais;
- (2) A linguagem é predominantemente escrita;
- (3) O conceito de unidade temporal é elástico, pois as ações estendem-se por largos períodos de tempo;

- (4) O ambiente é mediado, propiciando gravar, transformar e replicar a informação, caracterizando-se, ainda, pelo descolamento do processo conversacional da copresença;
- (5) Estabelecimento de uma “escrita falada” ou “oralizada”, com vistas a incorporar a dimensão prosódica da fala e elementos não verbais, como gestos e expressões;
- (6) Os contextos são construídos sobre duas apropriações: a conversação síncrona e a assíncrona;
- (7) Os contextos podem ser recuperados, buscados e atualizados por novas interações;
- (8) As conversações podem ser privadas, como as que acontecem no *Live Messenger*, ou abertas, como as que ocorrem em um fórum da internet;
- (9) A representação da presença se dá através de elementos como perfis em redes sociais, um *nickname* em uma sala de chat, uma foto etc., o que auxilia na individualização dos interagentes;
- (10) Presença de multimodalidade e migração entre várias plataformas.

Também na conversação que acontece no ciberespaço, o contexto é um elemento imprescindível, enquanto pano de fundo sobre o qual a interação acontece. Segundo Recuero (2014), esse contexto é composto de duas perspectivas interdependentes:

Uma micro (que chamaremos microcontexto), que envolve o momento da interação, os sentidos negociados e delimitados ali pelas interações (não necessariamente orais), os participantes e seus objetivos, o ambiente etc; e uma macro (que chamaremos macrocontexto), que envolve todo um contexto maior, que compreende o momento e o ambiente histórico, social, cultural, as experiências dos grupos e mesmo, o histórico das interações anteriores dos participantes (RECUERO, 2014, p. 99).

No entanto, esse contexto não é óbvio, precisando ser reconstruído a cada interação. Assim,

Cada forma de CMC oferece características próprias que, quando envolvidas nas práticas cotidianas, vão gerar esse contexto da conversação. Honeycutt e Herring (2009), por exemplo, apontam o uso da hashtag (sinal “#”) como um indicativo contextual daquilo que é dito no Twitter. A hashtag, seguida de uma ou mais palavras, assim, provê o contexto da mensagem, informando à rede social sobre o que se trata. Outras formas de apropriação para a construção do contexto são a numeração das mensagens que são publicadas na ferramenta e o direcionamento da mensagem a outros interagentes através do sinal “@” (RECUERO, 2012, p.8).

Pelo fato de o *Facebook* permitir tanto a modalidade síncrona quanto assíncrona, nas interações que acontecem na página do *Perfil*, o contexto permanece, sendo referenciado por links e por um espaço típico para a conversação: os

comentários, permitindo prosseguir a conversação em acessos posteriores. Isso confere um caráter de maior permanência, ao contrário da efemeridade característica da conversação oral.

Ainda sobre a noção de contexto, Modesto (2011), na esteira de estudos acerca da ideia de “pistas de contextualização” (GUMPERZ, 1982), constata que, nas conversações ocorridas no MSN, as seguintes pistas devem ser consideradas: “a) abreviações, b) *emoticons*, c) alternância de caixa alta e caixa baixa, d) repetições de letras, e) pausas, sinais, reticências e outras referências gráficas etc.” (MODESTO, 2011, p. 29-30). Essas especificidades, presentes na conversação escrita na internet, fazem com que possua uma escrita oralizada, representando uma tentativa de “construir elementos contextuais que não podem ser percebidos no espaço da mediação” (RECUERO, 2014, p. 96).

A respeito da alternância de turnos na conversação da internet, Hilgert (2000), em pesquisa sobre o *chat*, apresenta considerações bem elucidativas, as quais apresentamos, resumidamente, a seguir:

(1) A alternância de turnos acontece com mais frequência que na conversação face a face e os turnos são predominantemente curtos, em parte pelo contexto de produção em que não há o *feedback* linguístico (certo, concordo, sei, isso aí, de fato), paralinguístico (mhm, ahã) ou extralinguístico (gestos, mímicas, sorrisos) que indique o interesse que as contribuições do interagente estão despertando. Além disso, há uma predominância de turnos constituídos por pares adjacentes pergunta-resposta e cumprimento-cumprimento.

(2) Falar um por vez é uma norma compulsória, resultante do meio eletrônico em uso, em que os interlocutores nem sequer têm acesso à gradativa formulação dos enunciados de seus pares, pois isso só acontece após o acionamento do comando “enviar”. Esse fato inviabiliza a ocorrência de sobreposição de falas e os assaltos ao turno, o que deixa ausente uma das principais características da conversação face a face: a negociação.

(3) O intervalo entre turnos pode ser definido como o tempo decorrido entre o aparecimento, no monitor, do turno do falante e o do turno do ouvinte. Além disso, esse intervalo é relativamente longo, se comparado com a conversação face a face.

Por sua vez, Recuero (2014) afirma que a alternância de turnos é determinada, em grande parte, pelos *softwares*, embora sua apropriação possa gerar modos criativos de organização. Além disso, em conversações síncronas, a regra fala um de cada vez (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006) funciona de forma diferente, uma

vez que “é possível que vários participantes digitem suas falas ao mesmo tempo, desconhecendo, portanto, o que os demais estão escrevendo” (RECUERO, 2014, p. 68).

Essas particularidades inerentes à forma de arregimentar a participação na conversação digital são condicionadas, ainda, à ferramenta de comunicação utilizada, conforme evidenciado por Araújo (2006, p. 223): “no *chat*, a organização e alocação dos turnos passam, necessariamente, pela seleção dos parceiros, os quais são listados à extrema direita da tela”.

Da mesma forma, Modesto (2012), a partir da análise da organização da conversação digital no MSN, postula que, nas trocas eletrônicas, os atos de fala não seguem o roteiro esperado pela regra prototípica da conversação (A-B-A-B), defendida por Marcuschi (1986, p. 19), pois

no contexto digital, o canal traz uma concepção escrita, o que nos permite, em tempo real, fazer diversas enunciações e esperar que nosso interlocutor, ao lê-las, vá respondendo e interagindo ao passo que vai respondendo, e, ao mesmo tempo, coloque novas propostas de interação (novos tópicos) (MODESTO, 2012, p. 348).

Com base nas especificidades dessa interação, Modesto (2011, 2012) propõe substituir a noção de turno pela de Ato Enunciativo Digital (AED), postulando que os “AEDs têm uma concepção oral, mas o meio é gráfico, o canal de comunicação é escrito, possuindo, portanto, características inerentes aos planos da oralidade (versatilidade, sincronicidade, rapidez) e da escrita (registro formal dos eventos)” (MODESTO, 2012, p. 349).

Com relação à topicalidade, Hilgert (2000) afirma que, embora isso seja também central na conversação na internet, em se tratando do *chat*, há uma grande dispersão temática, dadas as inúmeras interações paralelas centradas em temas afins ou não ao que predomina no grupo maior.

Por sua vez, Modesto (2012) constata que

A conversação digital não se difere, neste aspecto, da conversação prototípica, uma vez que, na maior parte das vezes, o tópico possui uma articulação de proximidade em relação à linha discursiva, propondo informações novas conforme o desenvolvimento da conversação. A conversação digital apresenta, portanto, uma organização de progressão discursiva, não sendo aleatória ou caótica (MODESTO, 2012, p. 364).

Em estudo comparativo entre a conversação face a face e a conversação mediada pelo computador, no que diz respeito à construção da coerência do texto conversacional, Herring (2004 *apud* OLIVEIRA, 2013) destaca que

As frequências de resposta de conversações pela internet tendem a ser distantes dos turnos a que se referem; os tópicos normalmente se degradam

com maior rapidez; não há *feedbacks* através de recursos paralinguísticos; as mensagens não podem se sobrepor; e a adjacência de turnos é normalmente rompida (HERRING, 2004 *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 161).

Convém destacar que as restrições características do meio, ou das ferramentas de comunicação utilizadas, acabam por convergir para influenciar a capacidade linguística, produtiva e receptiva dos interagentes, ao invés de simplesmente dominá-la (CRYSTAL (2001). Enquanto espaço simbólico, essas ferramentas vão proporcionar espaços para a negociação de sentido e de convenções (como os *emoticons*), negociando também os contextos que vão permitir a conversação.

3.3.1 O Texto Conversacional num *Continuum* Fala-Escrita

Nesse trabalho, defendemos a ideia de que os gêneros são considerados mais uma prova efetiva da união indissociável entre sociedade, tecnologia e comunicação. Naturalmente, ao mesmo tempo em que os interagentes da atual sociedade em rede enveredam pelas novas formas de sociabilidade propiciadas pela *Web 2.0*, precisam se apropriar das convenções inerentes a esse novo domínio discursivo (MARCUSCHI, 2011).

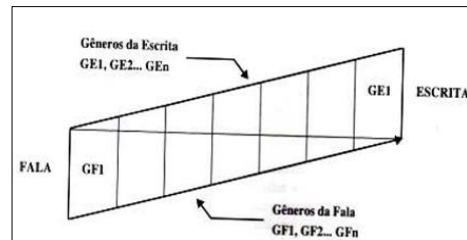
Isso significa dizer que, em linhas gerais, os interagentes precisam reconhecer as condições de produção na qual os discursos são construídos. Na mediação das tecnologias digitais, por exemplo, a conversação pode ser realizada em tempo real, mas utilizando um meio de produção gráfico. Uma escrita digitada, tendo como suporte computadores e outros dispositivos móveis que conferem características peculiares à natureza dos signos produzidos. Assim, convém destacar que esses interagentes “sentem-se falando, mas, pelas especificidades do meio que os põem em contato, são obrigados a escrever suas mensagens, ou seja, interagem, construindo um texto ‘falado por escrito’ ” (HILGERT, 2000, p. 1).

Convém ressaltar que a conversação digital se diferencia da fala espontânea, que não requer domínio das normas básicas de leitura e escrita, o que nos leva a acreditar que se trata de “um gênero emergente do meio digital, e perpassa uma linha tênue entre oralidade e letramento, este último entendido quanto às práticas sociais que se fazem da língua em situação de uso real” (MODESTO, 2011, p. 42).

Essas particularidades revelam de forma incontestável a perspectiva de *continuum* defendida por nós nesse trabalho, com base em Marcuschi (2007) para

quem “as diferenças entre fala e escrita se dão dentro do *continuum* tipológico das práticas sociais de produção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos” (MARCUSCHI, 2007, p. 37), conforme demonstrado na Figura 5.

Figura 5 – Fala e escrita no *continuum* dos gêneros textuais (MARCUSCHI, 2007, p. 38)



Fonte: Marcuschi (2007, p. 38).

Acerca da perspectiva que percebe as diferenças entre a fala e a escrita com base em uma dicotomia estrita, Marcuschi (2007, p. 27) afirma que essa perspectiva propõe “uma análise que se volta para o código e permanece na imanência do fato linguístico”, conforme demonstra o Quadro 1:

Quadro 1: Dicotomias estritas

FALA	VERSUS	ESCRITA
Contextualizada		Descontextualizada
Dependente		Autônoma
Implícita		Explícita
Redundante		Condensada
não-planejada		Planejada
Imprecisa		Precisa
não-normatizada		Normatizada
Fragmentária		Completa

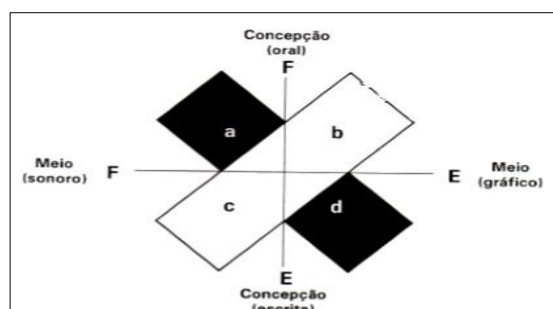
Fonte: adaptado de Marcuschi (2007, p. 27).

Percebemos, assim, que há correlações entre o oral e o escrito, num conjunto de variações, fato que inviabiliza tratá-los partindo, unicamente, do código (MARCUSCHI, 2007). Embora haja protótipos para cada uma dessas duas modalidades da língua, dependendo do contexto sociocomunicativo, o texto oral pode assumir características da escrita e vice-versa, dando causa a textos mistos, devido ao entrecruzamento de fala e escrita.

A ideia das relações mistas entre os gêneros pode ser explicada a partir da noção de meio e concepção. Assim, a fala é de concepção oral e meio sonoro, enquanto a escrita é de concepção escrita e meio gráfico. A Figura 6 ilustra a forma como se dão essas relações, considerando as duas perspectivas e suas formas de

realização, quais sejam, meio de produção: sonoro *versus* gráfico e concepção discursiva: oral *versus* escrita.

Figura 6 – Representação da oralidade e escrita pelo meio de produção e concepção discursiva



Fonte: Marcuschi (2007, p. 39)

Observamos que “a” indica eventos prototípicos de concepção oral e “d” indica eventos de concepção escrita. Em “b” e “c” verificamos a mistura, fusão de ambas as modalidades, caracterizando com isso, textos mistos.

Em trabalho relacionado aos processos interacionais na internet, Modesto (2011, p. 52) afirma que “o gênero Conversação Digital se encontra no domínio b, ou seja, possui uma concepção oral, porém, no meio gráfico”, apresentando a seguinte configuração quanto ao meio de produção e concepção discursiva:

Quadro 2 – Distribuição do gênero Conversação Digital de acordo com o meio de produção e a concepção discursiva

GÊNERO	MEIO DE PRODUÇÃO		CONCEPÇÃO DISCURSIVA		DOMÍNIO
	SONORO	GRÁFICO	ORAL	ESCRITA	
CONVERSAÇÃO DIGITAL		X	X		B

Fonte: Modesto (2011, p. 52)

Conforme podemos observar, embora a conversação digital se afaste do gênero prototípico com relação ao meio de produção, ela se aproxima da oralidade quanto à concepção discursiva, pois “a pessoa que está à frente do computador conversando com um interlocutor ‘sente-se’ realmente dialogando, e usa os recursos que considerar mais próximo da naturalidade do falar para expressar seus pensamentos” (MODESTO, 2011, p. 52). Além disso, fica evidente também o fato de que não podemos desprezar o caráter sonoro da fala e o gráfico da escrita, nem deixar de admitir que haja um deslizamento textual, misturando características prototípicas de cada modalidade. Alinhando-se a esse pensamento, Hilgert (2000, p. 5) afirma que

Somente como formas de manifestação (fônica ou gráfica) textual, a fala e a escrita estão numa relação estritamente dicotômica; definidos, contudo, na perspectiva conceptual, os gêneros de texto, dos falados aos escritos e vice-versa, distribuem-se ao longo de um *continuum* tipológico.

Em pesquisa relacionada ao uso da escrita no gênero *chat*, Santos (2011, p. 157) constata que a IOL (interação *on-line*) faz parte de uma nova prática social, que mistura elementos da conversação face a face e da escrita, pois

[...] o *chatter*, ao escrever o que pensa, lança mão de recursos linguísticos que fogem dos aspectos formais da escrita e busca “imitar” a informalidade e espontaneidade do discurso oral cotidiano, através do uso de onomatopeias, alongamento de vogais e consoantes, entre outros elementos. O que se percebe é uma proximidade muito grande das estratégias da oralidade na formulação da escrita, tais como o descuido proposital com algumas regras que regem a escrita. Assim, como negar que a IOL *imbrica características da fala e da escrita*, sendo escrita com condição de fala? Ora, se as condições de produção do gênero *chat* misturam as modalidades fala/escrita, o texto que se lê numa interação *on-line* é escrito “falado” (SANTOS, 2011, p. 157, grifos da autora).

Assim, as características específicas da oralidade e da escrita não são suficientes para que tenhamos dois sistemas linguísticos, uma dicotomia, ou ainda uma supremacia de uma prática de uso sobre a outra. Com base em Marcuschi (2007), a distinção que fazemos entre fala e escrita

contempla, de modo particular aspectos formais, estruturais e semiológicos, ou seja, os modos de representarmos a língua em suas condições de código. Note-se, no entanto, que o aspecto gráfico não está aqui sendo equiparado a uma de suas formas de realização, isto é, a forma alfabética, pois a escrita abrange todos os tipos de escrita, sejam eles alfabéticos ou ideográficos, entre outros (Marcuschi (2007, p.26).

Fala e escrita correspondem a uma distinção entre duas modalidades de uso da língua (MARCUSCHI, 2007), uma vez que “Na sociedade atual, tanto a oralidade quanto a escrita são imprescindíveis. Trata-se, pois, de não confundir seus papéis e seus contextos de uso, e de não discriminar seus usuários” (MARCUSCHI, 2007, p. 22).

Os textos conversacionais produzidos na internet traduzem uma comunicação viva, própria da oralidade, com a presença de marcadores conversacionais que, em alguns momentos, apresentam muita semelhança com o uso em conversações orais, demonstrando que “as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece” (BAKHTIN, 1995, p. 44).

Assim, movemos a nossa investigação pelo princípio de que, se novos usos estão coexistindo no contexto real da língua, gerando o que Marcuschi (2007 p. 10 denomina de “*shiftings* (deslizamentos textuais) entre modalidades, gêneros e situações”, esses usos precisam ser descritos, investigados e aceitos como legítimos,

uma vez que “é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática [...]” (MARCUSCHI, 2007, p.9).

3.3.2 O Caso dos Marcadores Conversacionais

O advento da internet propicia uma nova experiência de interação social, uma vez que emergem novas formas de administrar os relacionamentos interpessoais. Assim, nesse novo enquadre participativo, o meio eletrônico permite usos sociais, culturais e comunicativos que não se configuram nas relações face a face.

Entre esses usos, estão os marcadores conversacionais, que conforme exposto anteriormente, organiza o texto tanto no que se refere ao material linguístico quanto à dinâmica interacional. No entanto, que “formatações” assumem esses marcadores conversacionais em um contexto de “interação sem face” (RECUERO, 2014), cujos signos se materializam pela escrita e não pelo som, como é o caso das conversações que ocorrem na página *Perfil do Facebook*?

Dadas as condições de produção do texto conversacional digital, algumas particularidades importantes têm sido constatadas pelos teóricos dessa seara. Oliveira e Meira (2010), ao investigar o uso de marcadores verbais para aspectos não-verbais da conversação em salas de *chat* aberto¹³, constata a ocorrência de 370 marcas, havendo uma predominância de usos das marcas verbais iconográficas (*emoticons*) e de onomatopeias, ambas com frequências equivalentes de uso acima de 30%:

- 118 Marcas Iconográficas (M-ICO): sorrisos como 😊 , beijos como 😘
- , [...].
- 116 Marcas de Autoria Lexical Onomatopeia (MAL-O): sorrisos como “hahaha”, choros como “buáá” etc.;
- 81 Marcas de Autoria Lexical Entonação (MAL-E): diversos tons da voz, atenuando ou enfatizando a fala como “amorrrrrr”, como “bom diaaaaaaaa”, como “alowwww”, etc ;
- 55 Marcas de Autoria Lexical Abreviação (MAL-A): rir como “rs”, teclar como “tc” e beijar como “bjs”. (OLIVEIRA; MEIRA, 2010, p. 115).

Conforme podemos observar, a internet tem possibilitado o surgimento de uma variação linguística de registro com peculiaridades especiais, à medida que se

¹³ Nesse trabalho, Oliveira e Meira (2010) optaram por estudar as marcas verbais iconográficas (*emoticons*) e as marcas verbais lexicais de autoria (abreviações, onomatopeias e entonações). Segundo esses autores, as marcas iconográficas são funcionalmente utilizadas para representações da face e de aspectos não-verbais como sorrisos, raiva, choro, aceno, beijo etc., algumas já disponíveis pela ferramenta e outras produzidas pelos próprios usuários. As marcas verbais lexicais de autoria representam a criatividade dos usuários em adaptar recursos da linguagem para representar, por exemplo, gargalhadas, beijos, significar a entonação das vozes (tons mais altos ou mais baixos, gritos ou sussurros). (Nota da pesquisadora).

esforça para garantir a efetiva comunicação entre os internautas, como é o caso dos marcadores conversacionais em uso na *Web*. É o que demonstra Santos (2012), em sua pesquisa acerca dos recursos fonológicos e morfológicos do internetês na página *Perfil do Facebook*:

Os marcadores conversacionais mais usados pelos enunciadores no internetês são os recursos não lexicalizados e os recursos suprasegmentais. Onomatopeias, interjeições, duração e reiteração são os instrumentos não verbais utilizados em todos os bate-papos; já os *emoticons*, os paralinguísticos, que representariam os gestos e as expressões fisionômicas presentes na interação face a face, são usados na conversação (SANTOS, 2012, p. 99).

Os marcadores conversacionais fazem parte dos rituais de marcação (RECUERO, 2014), assim considerados por serem elementos apropriados na mediação do computador. “De certa forma, eles são responsáveis por reproduzir o ambiente da conversação, guiando os atores com relação à cultura estabelecida e às normas” (RECUERO, 2014, p. 78).

Recuero (2008, 2014) relaciona os marcadores conversacionais mais recorrentes na interação digital, observados na literatura, assim como os substitutos paralinguísticos¹⁴ utilizados. Segundo a autora, na conversação síncrona é muito produtivo entre os internautas o uso de onomatopeias, *emoticons*, léxicos de ação, oralização e pontuação, abreviações, indicadores de direcionamento. Na conversação assíncrona, mantêm-se os mesmos fenômenos linguísticos, acrescentando ainda a ocorrência de indicadores de persistência e de indicadores de assunto.

No texto conversacional digital, é muito comum o uso dos marcadores verbais lexicalizados que

[...] são representados como na conversação face-a-face (só que através da escrita), enquanto que os prosódicos e não-linguísticos são representados por vários elementos gráficos, como reticências, onomatopeias ou os emoticons (expressões iconográficas que representam emoções humanas ligadas ao humor) (MODESTO, 2011, p.102).

De acordo com Modesto (2011), alguns marcadores são exclusivos do ambiente digital, como as reticências, que possuem efeitos prosódicos, representando pausas curtas ou longas, além de hesitações, finalizações e progressão de tópico. As onomatopeias consistem em uma lexicalização dos sons normalmente utilizados em um contexto face a face, como é o caso das gargalhadas. Os *emoticons* visam

¹⁴ “Os recursos paralinguísticos são aqueles elementos não verbais normalmente utilizados em uma conversação oral, tais como o riso, gestos e etc.” (RECUERO, 2014, p.79).

demonstrar a afetividade e o humor que costuma permear a conversação. O uso do sinal (?), serve para chamar a atenção para um questionamento e o uso de maiúsculas, dependendo do contexto, pode representar animação, raiva, nervosismo, descortesia, dentre outras atitudes ou emoções. A esse respeito, vejamos o inquérito 28 de Modesto (2011, p. 107) que ilustra o uso da caixa alta para indicar alegria, ansiedade e contentamento:

(21:12) Marcos diz: então...escuta.... o almoço do Carlão ta de pe?
 (21:12) Anita diz: SSSSSSSSSIIIIIIIIIMMMMMMMMMMMMMMMMM!TO LOCA
 DE VONTADE COMER CHURRASSSSSCOOO...AHAUIEHAUEHUAH
 (21:12) Marcos diz: olha o Gustavo vai cmg, tudo bem?
 (21:12) Anita diz: no problemmmss babe!!!

Oliveira (2013), em pesquisa relacionada ao potencial conversacional dos blogs, constata que

Apesar de os comentários serem publicados de maneira escrita e via internet, eles apresentam, em alguns momentos, marcas típicas de conversações genuínas, como marcadores conversacionais que organizam a fala e facilitam a “costura das interações”, funcionando como “colas” ou links entre mensagens que se encontram dispersas no espaço de comentários. Há ainda a tentativa de reproduzir, através da escrita, elementos paralinguísticos que sugerem risos, hesitações, entonações, altura da voz, reações, o que mostra, talvez, uma tentativa de humanizar as relações no meio virtual e também de complementar a mensagem verbal, aproximando a interação *on-line* da conversação tradicional (OLIVEIRA, 2013, p. 177-178).

Diante do exposto, parece-nos coerente afirmar que haja uma compreensão, por parte dos interagentes, no sentido de que uma conversação, de fato, exorbita a mera habilidade linguística dos falantes, conforme já postulava Marcuschi (1986), nos estudos inaugurais desse campo de estudos no Brasil. Se é verdade que na conversação face a face os marcadores conversacionais se materializam não apenas pela linguagem oral, mas também por meio de deixas auditivas e visuais como tom de voz, entonação, silêncios, expressão facial e corporal, também é igualmente verdade que, ao interagirem no ciberespaço, os interagentes igualmente reconhecem a importância desses recursos visuais e prosódicos, na delimitação de estratégias comunicativas e construção de sentido. Eis por que fazem apropriações cada vez mais criativas das ferramentas utilizadas (RECUERO, 2014), de forma que “convenções são criadas para complementar, textualmente, os elementos da linguagem oral e da interação, gerando uma nova ‘escrita oralizada’ ” (RECUERO, 2014, p. 36).

Sobre esse fato, Marcuschi (2007) explica que o advento da internet é na história da humanidade um retorno, em espiral, às origens da oralidade, isto é, um retorno, um (re) encontro entre as sociedades orais e a sociedade eletrônica digital. Isso explica, em parte, a forma como os marcadores conversacionais se materializam

na conversação digital: uma mescla de signos linguísticos (em uma escrita que tenta traduzir nuances prosódicas e paralinguísticas típicas da fala) e signos iconográficos (a exemplo dos *emoticons*, que poderíamos caracterizar como uma atualização tecnológica dos primeiros desenhos rupestres através dos quais o homem se comunicava com seus semelhantes).

Assim, os marcadores conversacionais organizam o texto conversacional, enquanto estrutura linguística e, ao mesmo tempo, atenuam a ausência física dos interagentes, propiciando um alargamento das possibilidades comunicativas das atuais interfaces tecnológicas. Dessa forma, quer aconteça na modalidade síncrona (com identidade temporal), quer na assíncrona (sem identidade temporal), a dissolução espaço-temporal instaurada pela rede não inviabiliza a comunicação entre os seres humanos em suas vivências *on-line*.

Noutros termos, o processo de (re) construção sógnica que caracteriza o espaço virtual nos força a reconhecer a situacionalidade da língua e a importância do trabalho colaborativo que os interagentes empreendem em situações de uso concreto. Embora esses marcadores apresentem algumas diferenças em relação à forma como se configuram no gênero prototípico conversação face a face, isso afetou apenas sua forma, permanecendo intacta a sua função. Isto porque, na conversação digital, esses elementos também “promovem a condução e manutenção do tópico discursivo, instaurando a solidariedade conversacional entre os interlocutores, na medida em que propiciam dinamismo e continuidade à interação” (FÁVERO et al., 2007, p.49).

Dessa forma, acreditamos estar diante de um processo natural, dada a plasticidade da língua, afinal “Da mesma maneira que as necessidades comunicacionais afetam, moldam a forma linguística utilizada, podemos dizer com certeza que a funcionalidade é que determina a forma (e não o contrário). (RAJAGOPALAN, 2013, p. 46).

4 ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO

Para desvelamento do fenômeno de nossa investigação, realizamos um movimento circular do aparecer, buscando responder à questão norteadora da pesquisa, percorrendo a Fenomenologia como trajetória metodológica.

Neste Capítulo, buscamos situar o fenômeno investigado, descrevendo, primeiramente, o *lôcus* de estudo da pesquisa. A seguir, realizamos a descrição da Trajetória Metodológica e dos Procedimentos Metodológicos.

4.1 Caracterização do *Facebook* como Região de Inquérito da Pesquisa

Em 2004, Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughe, três alunos da Universidade de Harvard, construíram um site com o intuito de “criar um ‘álbum de fotografias’ *on-line* com os retratos de todos os alunos” (KIRKPATRICK, 2011, p.23).

Assim, em 2005, os estudantes de 800 redes universitárias dos Estados Unidos puderam se conectar à rede mundial de computadores, chegando a mais de cinco milhões de usuários ativos. O site passou a se chamar *Facebook*, expressão formada por dois termos ingleses: *face* – que significa rosto, cara; *book* – que significa livro, agenda (MICHAELIS, 2006).

O *Facebook* foi a primeira rede social da *Web* a superar 1bilhão de contas registradas e, atualmente¹⁵, soma 1,59 bilhão de usuários ativos mensalmente. Parte de sua popularidade se deve ao fato de que nos permite criar, administrar, publicar e compartilhar conteúdos *on-line*, numa densa rede de interação que engloba amigos de diferentes faixas etárias, escolaridades e classes sociais. Além disso, essa rede social possibilita conversações a distância, restabelecendo laços e uma proximidade cada vez mais caros na atual correria da vida moderna, passando a adotar, também, páginas comerciais e uma cultura de *marketing* que divide espaço com uma cultura de interconexão pessoal.

Seu *layout* e suas funcionalidades passaram por vários ajustes ao longo do tempo. Hoje, o recurso de atualização de *status*, por exemplo, já comporta conteúdo multimodal, como fotos, vídeos, dentre outros. A ferramenta “compartilhar” traduz a nova dinâmica da hipermídia: “Um sistema alinear, reticular de conexões (*links*) entre

¹⁵ Dados do portal Oficina da net, atualizados em abril de 2017. Disponível em: <https://www.oficinadanet.com.br/post/16064-quais-sao-as-dez-maiores-redes-sociais>. Acesso em: 01 maio 2017.

unidades de informação” (SANTAELLA, 2007, p. 294). Além disso, o *Feed* de notícias, inaugurado em 2006, dá visibilidade ao discurso de pessoas comuns, que produzem textos para serem lidos gratuitamente pelos seus amigos virtuais ou pelo público, dependendo da configuração que cada usuário aplicar à sua conta, restringindo quem pode ter acesso ao conteúdo dos textos.

Para melhor caracterizar o *Facebook* como *lócus* da pesquisa de campo, procuramos ilustrar as páginas que consideramos significativas para nosso trabalho. No entanto, dadas as frequentes atualizações por que passa a referida rede social, achamos necessário enfatizar que essas páginas foram capturadas entre fevereiro e março de 2017.

Para acessar o *Facebook*, é necessário possuir uma conta, criada gratuitamente. Para isso, o usuário deve fornecer um endereço de correio eletrônico ou telefone e preencher algumas informações requeridas pelo site, na *Página de Cadastro*, conforme figura 8.

Figura 8— *Página de Cadastro do Facebook*

A imagem mostra a interface de criação de uma nova conta no Facebook. No topo, há campos para 'Email ou telefone' e 'Senha', com um botão 'Entrar' e o link 'Esqueceu a senha?'. Abaixo, o título 'Criar uma nova conta' é seguido pelo texto 'É gratuito e sempre será.'. O formulário contém campos para 'Nome' e 'Sobrenome', um campo para 'Celular ou email' com a dica 'Insira novamente o número do celular ou o e...', e um campo para 'Nova senha'. Abaixo disso, há uma seção para 'Aniversário' com campos para 'Dia', 'Mês' e 'Ano', e uma pergunta 'Por que precisa informar minha data de nascimento?'. As opções de gênero 'Feminino' e 'Masculino' estão selecionadas. No rodapé do formulário, há um aviso sobre o uso de dados e um botão verde 'Criar conta'.

Fonte: www.facebook.com

Após essa etapa, é gerado um *perfil* que fica disponível na *Página Inicial*, contendo as informações do usuário da rede. Alguns dados desse *perfil* são de natureza pública, como os que incluem nome, foto do *perfil*, foto da capa, gênero, nome e ID de usuário (número da conta) e redes. As outras informações ficam condicionadas às configurações definidas pelo proprietário da conta.

A *Página Inicial* tem configuração única para todos os usuários, diferindo apenas quanto a recursos como fotos, grupos, eventos, aplicativos e outras interfaces inerentes às preferências e particularidades de cada proprietário. Na Figura 9, caracterizamos alguns dos *links* disponíveis na *Página Inicial*.

Figura 9 – Página Inicial do Facebook



Fonte: www.facebook.com

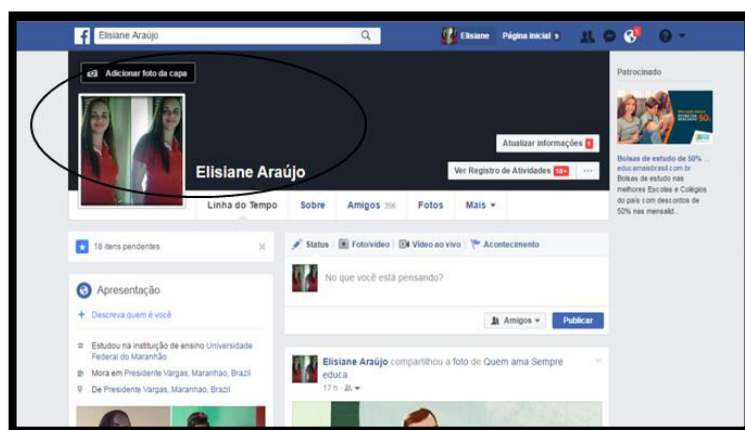
Qualquer pessoa pode acessar as informações públicas, no entanto, selecionando a função *Configurações*, por exemplo, podemos bloquear usuários indesejados, definir quem pode nos fazer solicitações de amizade, ter acesso ou fazer publicações em nossa *Linha do Tempo*, procurar-nos no *Facebook*, dentre outras opções disponíveis. Isto porque no *Facebook* “é possível gerir as fronteiras das conversações, classificando as conexões e publicando determinadas informações apenas a determinados grupos” (RECUERO, 2014, p.58), conforme mostra a Figura 10.

Figura 10 – Opção *Configurações*

Fonte: www.facebook.com

Outro elemento estrutural do *Facebook* que destacamos é a página do *Perfil*, interface que se caracteriza de acordo com a Figura 11.

Figura 11 – Página do Perfil



Fonte: www.facebook.com

O *link* que dá acesso à página do *Perfil* é representado normalmente pela foto e pelo nome do proprietário da conta. Nele podemos escolher o que queremos compartilhar, como: *status*, interesses, fotos, acontecimentos, filmes, músicas favoritas etc. Assim, essa página dá uma ideia de quem é o usuário e de quais são os seus interesses.

Na página do *Perfil* está a *Linha do Tempo*, que tem a finalidade de mostrar, em linha temporal, os momentos da vida do usuário, tendo como base suas publicações e aquelas em que foi marcado, organizadas por data. No entanto, através da ferramenta “Seletor de Público”, é possível definir quem pode ver essas publicações.

Ainda na página do *Perfil*, há o link “Sobre”. Nele, descrevemos detalhes como trabalho, estudo, residência, acontecimentos. Há, também, o *link* que dá acesso à “Lista de Amigos”, mostrando o número de postagens permanentemente atualizado. Há, ainda, os *links*: “Foto” por meio do qual adicionamos fotos e vídeos, criamos álbuns; “Mais”, *link* que abre um panorama das curtidas, grupos, avaliações etc.; e o *link* “Status”, em que o usuário pode escrever uma frase personalizada, adicionar fotos e vídeos à publicação e marcar pessoas.

Ressaltamos que as funcionalidades do *Facebook*, descritas anteriormente, são apenas algumas das possibilidades oferecidas por essa rede social em que

Todos podem ser editores, criadores de conteúdo, produtores e distribuidores. Os clássicos papéis da velha mídia estão sendo desempenhados por todos. O Efeito Facebook pode criar uma repentina convergência de interesses em torno de uma notícia, uma música ou um vídeo do You Tube. (KIRKPATRICK, 2011, p.17).

Embora o *Facebook* não tenha sido a primeira rede social da *Web*, ela se tornou “a mais atraente, com um maior número de recursos e possibilidades de

interação, que facilitam a troca de imagens e vídeos em tempo real, mesmo sendo acessada por um celular” (CARVALHO; KRAMER, 2013, p. 81). Nessa rede social emergiram novas formas de administrar os relacionamentos interpessoais, por meio da linguagem, matéria-prima da comunicação, a qual sofre os efeitos dessa nova dinâmica interacional, ao mesmo tempo em que reflete novos usos.

Em nosso trabalho, consideramos a interação propiciada pelo *Facebook* que se manifesta por meio de signos linguísticos e de signos semiológicos (BARTHES, 1992) que constituem os textos escritos, por meio dos quais os interagentes se abrem para o diálogo com o outro. São esses textos/discursos que compõem o *corpus* da pesquisa, pois eles contêm uma intencionalidade e um significado que podem ser revelados pela linguagem. Dessa forma, os signos tomam o lugar da fala porque procuram fixar o discurso, potencializando a conversação e reconduzindo a comunicação para uma dinâmica na qual indivíduos e instituições podem agir de forma descentralizada, colaborativa e participativa (LE MOS, 2009, p. 3). Isso é possível porque o *Facebook* passa a proporcionar espaços conversacionais com contornos semelhantes àqueles da conversação, buscando estabelecer e/ou manter laços sociais (RECUERO, 2014).

As características e funcionalidades do *Facebook*, descritas anteriormente, justificam a escolha dessa rede social como Região de Inquérito da pesquisa e reforçam o já exposto acerca do potencial comunicativo dessa ferramenta digital. Além disso, essa ferramenta congrega pessoas oriundas de grupos sociais, geográficos e etários os mais diversos, propiciando uma produção colaborativa cuja escrita é sua forma de materialização mais usual.

4.2 A Trajetória Metodológica

Investigar aspectos relacionados à influência da tecnologia na linguagem revela-se um desafio teórico-metodológico a nós, como pesquisadora, considerando o fato de estarmos lançando um olhar sobre um fenômeno historicamente novo e, portanto, com poucas faces estudadas pela ciência. Nessa busca de caminhos para responder à questão norteadora da pesquisa, optamos pela Fenomenologia como trajetória metodológica, por reconhecermos que uma pesquisa qualitativa fundada na Fenomenologia possibilita uma aproximação maior do fenômeno *Marcadores Conversacionais* no português escrito no *Facebook*, cujos textos foram produzidos por sujeitos historicamente situados.

Assim, apoiamo-nos no rigor metodológico proposto pela trajetória fenomenológica, acreditando poder ir além da nossa experiência¹⁶ de ser-no-mundo com os outros, trazendo à consciência aquilo que estava no plano irrefletido, sem pré (conceitos) que interfiram na manifestação do fenômeno de nossa investigação, compreendendo que

A lógica da visão é uma “lógica alusiva”: vejo mais do que é oferecido pela visão atual e analisável, vejo uma coisa onde há uma presença latente, constituo ativamente a coisa, embora dela possua apenas certos lados. (BONOMI, 1974, p. 28).

O caráter intuitivo, descritivo e intersubjetivo (SANTOS, 1997) da Fenomenologia está voltado para a essência do fenômeno – o *eidos* –, a partir do “ir à coisa mesma” (HUSSERL, 1992, p. 21). Esse pressuposto vai ao encontro da natureza e das motivações da nossa pesquisa que tem como pano de fundo a conversação, compreendida por Sacks et al. (1974) como a pedra sociológica fundamental da interação entre os homens.

Essa forma de fazer científico surgiu na Alemanha, no final do século XIX, a partir das reflexões seminais de Franz Brentano (1838-1917). Todavia, foi seu discípulo, Edmund Husserl, (1859-1938) quem desenvolveu a Fenomenologia como método de apreensão da realidade¹⁷.

Husserl defendia que a Fenomenologia seria a base segura e liberta de pressupostos para a efetivação de novos conhecimentos nas ciências, pois se pautava pelo princípio da observação dos fenômenos tais como se mostram para quem os observa, uma “fenomenologia do conhecimento enquanto doutrina da essência dos fenômenos cognitivos puros” (HUSSERL, 2000, p. 74). Na trajetória fenomenológica, a consciência é uma atividade que, por meio de atos como percepção, imaginação, especulação e volição nos permitem desvelar o fenômeno que queremos iluminar.

A respeito do advento da Fenomenologia, Stein (1983, p. 30) discorre que

O sopro de renovação da filosofia europeia continental, trazido pela obra de um desconhecido livre-docente, as Investigações Lógicas de Edmund Husserl, publicadas no início deste século, só tem similar no movimento grandioso do idealismo alemão, única corrente filosófica imediatamente

¹⁶ Usamos esse termo na acepção de Mora (1998), referindo-se à apreensão de uma realidade, uma forma de ser, um modo de fazer, uma maneira de viver. A experiência consiste então num conhecimento anterior a qualquer juízo acerca do apreendido.

¹⁷ Segundo Rehfeld (1984, p. 93), “A realidade é tudo o que está aí: factual, que se diz, que se faz; mas há um sentido que percorre esse fazer, esse dizer e que precisa ser encontrado”.

anterior que se aproxima, pela riqueza de suas consequências, do movimento fenomenológico.

O olhar fenomenológico que direciona nossa pesquisa traduz a compreensão de uma experiência recortada pela historicidade do momento, estando sempre aberta a novos olhares, à atribuição de novos sentidos, já que não representa uma obra acabada, imune a novos contextos existenciais, pois

A Fenomenologia não é um conceito, mas uma ideia de Fenomenologia. Os conceitos normalmente se caracterizam pelo fato de se deixarem definir com uma relativa facilidade, enquanto as ideias ficam sempre um pouco indefinidas. As ideias são mais modelos das coisas do que a expressão de sua situação de fato. A Fenomenologia é para nós uma atitude que se define aos poucos em sua realização e que devemos sempre redefinir. Ela não se liga a nenhuma teoria acabada [...]. (DICHTEKIAN, 1984, p. 33).

Assim, a Fenomenologia se constrói sob a perspectiva do mundo vivido, propondo a descrição e compreensão dos fenômenos que se apresentam à consciência. Dessa forma, a experiência do outro se articula com a nossa própria experiência de pesquisador: é um existir com-o-outro, em que sujeito e objeto não existem dicotomicamente, pois a forma como compreendemos o mundo deriva do

[...] sentido que aparece na intercessão de minhas experiências e na intercessão de minhas experiências com o outro, pela engrenagem de uma sobre as outras. Ele é, pois, inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que fazem em sua unidade pela retomada de minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 49).

Para que o pesquisador percorra a Fenomenologia como trajetória metodológica, é necessário “ter uma interrogação e andar em torno dela, em todos os sentidos, sempre buscando todas as suas dimensões e, andar outra vez e outra ainda, buscando mais sentidos, mais dimensões, e outra vez...” (MARTINS, 1992, p. 24). No entanto, para responder a essa interrogação, é necessário assumir uma “intencionalidade operante” (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 16), técnica que mobiliza esforços para desvelar a estrutura do fenômeno, fazendo-o aparecer, num movimento cuja realização é recortada pela situacionalidade do momento. Dessa forma, o pesquisador vivencia três etapas: a *descrição*, a *redução fenomenológica* ou *epoché* e a *interpretação*, as quais não se constituem etapas rigidamente delimitadas, mas representam um processo gradativo de intuição da essência do fenômeno a ser iluminado/desvelado.

A *descrição* é o primeiro momento da trajetória fenomenológica e representa

Um esforço de saída do mundo constituído reflexivamente ou representado conceitualmente, para se retomar um compromisso mais originário. Antes do dizer (científico ou cultural) está um viver, ou seja, o dizer está comprometido

com uma maneira de viver que precisa ser esclarecida [...] (REHFELD, 1984, p. 92).

Dessa forma, podemos afirmar que a *descrição* busca a constituição originária do fenômeno, “um retorno ao mundo da vida” (HUSSERL, 2000). Esse retorno se torna possível por meio da experiência perceptiva, visto que

A experiência da percepção nos põe em presença do momento em que se constituem para nós as coisas, as verdades, os bens; que a percepção nos dá um *logos* em estado nascente, que nos ensina, fora de todo dogmatismo, as verdadeiras condições da própria objetividade; que ela nos recorda as tarefas do conhecimento e da ação (MERLEAU-PONTY, 1990, p. 63).

Dois outros elementos são de fundamental importância na etapa de *descrição*: a consciência e o sujeito. A consciência é a descoberta da subjetividade e da intersubjetividade e é sempre consciência de, pois está intencionada. É a consciência do *corps propre*¹⁸ que, segundo Merleau-Ponty (2006), está associada à experiência do sujeito percebido, revelando, assim, a ligação entre o pesquisador, os outros e o mundo, na atribuição de significados e nos fazendo

[...] ver o mundo como algo que é novo em si e estranho para mim e que por esta diferença me afeta e faz com que me volte para ele, buscando compreendê-lo. Dizer, pois, que a consciência tem uma estrutura essencial significa que ela essencialmente tem a possibilidade de ver as coisas que são novas e interrogá-las. (MARTINS, 1992, p.75).

O sujeito é o ser com possibilidade de experienciar o corpo vivido, através da consciência, e com capacidade de dialogar com os outros e com o mundo (SANTOS, 1997). Ele interrompe o vivido para significá-lo e “o ter um sentido implica na inviabilidade de adiar a presença do sujeito lá, no fato a ser dito, a ser visto, a ser feito” (REHFELD, 1984, p. 93). O pesquisador interroga o mundo que o circunda e é visto como sujeito indivisível, idêntico e reidentificável (RICOEUR, 1989).

A segunda etapa da trajetória é a *redução fenomenológica*, um dos principais pressupostos husserlianos, vista como possibilidade de resgate do ideal clássico de rigor da ciência, caracterizada pela suspensão de atitudes, crenças, teorias em prol do retorno às origens (COBRA, 2005), sem, no entanto, significar a negação da realidade,

Mas uma mudança de signos que afecta toda a realidade, a qual, de *coisa* absoluta e em si – se torna *sentido* relativo e para mim. A redução põe fim ao viver natural e faz aparecer a *Erlebnis*, que já não é um viver – nem um reviver, mas o sentido da vida. Pela redução, aparece um domínio do sentido, um parecer para, em que o sentido remete apenas para outro sentido e para a consciência a fim de haver sentido (RICOEUR, 1989, p. 20, grifo do autor).

¹⁸ Expressão que significa *corpo vivido*.

Assim, a *redução fenomenológica* proporciona uma abertura ao mundo anterior à reflexão e aos outros (intersubjetividade), dando sustentação à análise linguística, no momento da interpretação. Inicia-se, nesse momento, a *Análise Ideográfica*, que consiste num olhar minucioso sobre as descrições dos sujeitos.

Pela técnica *Variação Imaginativa* o pesquisador seleciona aquilo que é essencial nas descrições dos sujeitos, as *Unidades de Significado*. Por meio dessa técnica buscamos “refletir sobre as partes da experiência que nos parecem possuir significados cognitivos, afetivos e conativos e, sistematicamente, imaginar cada parte como estando presente ou ausente na experiência” (MARTINS, 1992, p.60). Presentes na linguagem, enquanto codificação da experiência, essas *Unidades de Significado* se tornam conteúdo reflexivo ao longo da investigação e são definidas por Martins (1992, p. 99), como

discriminações espontaneamente percebidas nas descrições dos sujeitos quando o pesquisador assume uma atitude psicológica e a certeza de que o texto é um exemplo do fenômeno pesquisado. [...] As unidades de significado também não estão prontas no texto. Existem somente em relação à atitude, disposição e perspectiva do pesquisador.

A terceira etapa da trajetória é a *interpretação*, a qual representa a “resposta a uma espécie de distanciação associada à plena objetivação do texto” (RICOEUR, 1996, p. 86). Essa etapa caracteriza-se na busca pela representação do significado que advém dos dois momentos anteriores: *descrição e redução fenomenológica*, desvelando, em termos de possibilidade, os aspectos convergentes, divergentes e idiossincráticos que permeiam as proposições significativas das Descrições¹⁹ dos sujeitos. Esses aspectos emergem a partir da *Análise Nomotética*, importante para que o pesquisador alcance uma compreensão que permita “um si mais vasto que seria a proposta da existência, respondendo de maneira mais apropriada à proposta do mundo” (RICOEUR, 1991, p.124).

Considerando que a *interpretação* é o desenvolvimento de possibilidades projetadas na forma de compreender o fenômeno investigado, o pesquisador tenta desvelar o fenômeno no sentido em que esse desvelamento é possível, chegando, assim, a uma meta-compreensão do fenômeno investigado, atribuindo sentido ao universo simbólico entranhado na experiência dos sujeitos.

¹⁹ “Descrição”, em Fenomenologia, vem de *des ex-crivere* e significa algo que é escrito para fora. Nesse trabalho, “Descrição” significa a expressão natural do registro do sujeito da pesquisa, a maneira como esse sujeito representa o mundo para si mesmo (MARTINS, 1992).

Convém ressaltar que foi possível constatar, em pesquisas anteriores, que essa trajetória metodológica,

[...] enquanto filosofia, era possível ser aplicada às Ciências Humanas, cujas práticas têm se constituído de conquistas e avanços, em diferentes países, configurando-se como opção a ser utilizada pelos investigadores contemporâneos (SANTOS, 2006, p.162).

Podemos constatar que, como método de apreensão da realidade, a Fenomenologia apresenta faces específicas, conforme observamos em Husserl (Fenomenologia), Heidegger (Hermenêutica Fenomenológica), Ricoeur (Fenomenologia Hermenêutica), Merleau-Ponty (Fenomenologia da Expressão), Gadamer (Hermenêutica Filosófica), só para citar algumas dessas faces.

Dada a especificidade de nosso fenômeno de investigação, procuramos percorrer a Fenomenologia Hermenêutica de Paul Ricoeur (1989), considerando que, por essa trajetória, é-nos possível compreender os significados que os interagentes das redes sociais da *Web*, mais especificamente do *Facebook*, atribuem ao português escrito. Isto porque “A fenomenologia começa quando, não contentes de ‘viver’ – ou de ‘reviver’ –, nós interrompemos o vivido para o significar” (RICOEUR, 1991, p. 67).

Optando pela Fenomenologia Hermenêutica como trajetória metodológica, pretendemos chegar a uma exegese, propondo

uma descrição e uma análise dos discursos em que o homem *diz* o seu *fazer* [...]. O *dizer do fazer* pode também considerar-se a vários níveis: nível dos *conceitos* empregues na descrição da acção; nível das *proposições* em que a própria acção vem enunciar-se; nível dos *argumentos* em que se articula uma estratégia da acção. (RICOEUR, 1989, p.11, grifos do autor).

No nível dos conceitos, a análise parte da linguagem ordinária, com o objetivo de pôr em relevo o lado público do enunciado, buscando elaborar “as noções primeiras ou categorias sem as quais seria impossível dar à acção o seu sentido de acção” (RICOEUR, 1989, p.11). Nessa pesquisa, essa análise se realiza a partir dos textos escritos por sujeitos interagentes do mundo virtual, tendo a rede social *Facebook* como o *locus* da investigação. Os conceitos subjacentes nesses textos têm como função abrir os próprios textos, um campo de experiência, à observação, à explicação e à compreensão. Isto porque o texto escrito possibilita ao pesquisador as objetivações da experiência, no próprio texto, isto é, “em formas de expressão que se oferecem simultaneamente à observação exterior e à reflexão de sentido” (RICOEUR, 1989, p.12).

No nível das proposições, a análise apresenta um carácter avançado de formalização e fundamenta-se na forma lógica dos enunciados, traduzindo a força

elocucionária que reveste cada proposição e em que a intenção assume o seu sentido de intenção. Dessa forma,

Importa levar a bom termo uma análise de todo o ‘*speech act*’ que situe bem, por um lado, a proposição com a sua referência (aquilo em que ela incide), o seu sentido (o que ela diz acerca do sujeito lógico) – por outro lado, a força elocucionária de que ela reveste tal proposição (RICOEUR, 1989, p.15).

No nível dos argumentos, a análise se realiza formando um encadeamento, “cujo termo ou conclusão são geralmente os enunciados pontuais. O caráter altamente articulado do discurso da decisão constitui o seu caráter de estratégia. Uma lógica da acção é, então, a forma mais elementar do discurso da acção [...]” (RICOEUR, 1989, p. 17). Dessa forma, resultante da contribuição da análise linguística (conceptual e proposicional), a análise discursiva faz emergir a articulação significativa da experiência dos sujeitos, pois

O que a fenomenologia busca sob a camada dos enunciados é uma constituição do sentido em relação à qual o enunciado é o que Husserl chama a camada ‘não produtiva da expressão’. [...] Assim o sentido é a objectividade que faz frente à consciência; esta objectividade correlativa do vivido é o que aflora nos nossos enunciados (RICOEUR, 1989, p. 21).

Reafirmamos, portanto, que a análise fenomenológico-hermenêutica propicia o rigor metodológico necessário para o desvelamento do nosso fenômeno de investigação, fazendo com que capturemos os marcadores conversacionais utilizados por sujeitos em suas vivências na *Web*, por meio da linguagem “processo pelo qual a experiência privada se faz pública” (RICOEUR, 1996, p.30), constituindo assim o discurso descritivo-analítico do mundo da ação.

4.3 A Pesquisa e os Procedimentos Metodológicos

No item anterior, descrevemos a trajetória metodológica que optamos para desvelamento de nosso objeto de investigação, buscando apreender os marcadores conversacionais como fenômeno linguístico em uso no português escrito no *Facebook*. Para isso, procuramos situá-lo em uma região de inquérito, conforme descrição no item 4.1.

Foi dessa região de inquérito que os dados da pesquisa foram colhidos, de forma iterativa, num processo de idas e voltas, nas diversas etapas da pesquisa (CHIZZOTTI, 1995), tendo como princípio de coleta desses dados a construção de um *corpus*. Para essa construção, baseamo-nos em Bauer e Aarts (2002, p. 51), para quem um *corpus* “deve incluir um suficiente espectro de texto dentro da população

alvo, onde esta é compreendida como significando uma coleção de materiais demarcada, isto é, rigidamente definida”.

Também nos apoiamos em Barthes (1992), o qual enfatiza que um *corpus* pressupõe rigor tanto na construção quanto na análise, pois esse procedimento situa a legitimidade da pesquisa na esfera pública, “isto é, de um lado, nada acrescentar-lhe no decurso da pesquisa, mas também esgotar-lhe completamente a análise, sendo que qualquer fato incluído no corpus deve reencontrar-se no sistema” (BARTHES, 1992, p.104).

Para a construção do *corpus*, retomamos a questão orientadora que elegemos para desvelamento do fenômeno de nossa investigação: Como os marcadores conversacionais se manifestam nos textos escritos no *Facebook*?

Dado o caráter público dos *perfis* do *Facebook* e o fato de, segundo Recuero (2014), se constituírem em conversações, optamos por não construir nenhum grupo de sujeitos para capturarmos os textos que compuseram o *corpus* para análise. Dessa forma, o *corpus* foi construído com os textos/discursos produzidos na página *Perfil* do *Facebook*, a partir de uma seleção aleatória entre os *perfis* do grupo de amigos que possuímos na referida rede social.

Acreditamos que o fato de os interagentes não saberem que as suas conversas estavam sendo analisadas nos daria uma margem maior de segurança para capturar, da forma mais fidedigna e espontânea possível, as nuances dessas interações, o que contribui para a credibilidade da pesquisa.

Procuramos também determinar critérios de seleção do *corpus* para a coleta dos dados. O primeiro critério foi: os textos deveriam ser um evento comunicativo escrito²⁰, produzido por dois ou mais interagentes, sendo excluídos os monólogos, por serem postagens que não engendram nenhum tipo de resposta por parte de outros sujeitos. Esses textos deveriam possuir a organização básica da conversação, definida por Marcuschi (1986), considerando que no *Facebook* os interagentes realizam interações com características desse tipo de conversação: “[...] (b) Ocorrência de pelo menos uma troca de turnos; (c) Presença de uma sequência de ações coordenadas; [...] (e) Envolvimento numa interação centrada” (MARCUSCHI,

²⁰ Neste trabalho, utilizamos o conceito de escrita proposto por Marcuschi (2007), segundo o qual escrita “seria um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracterizaria por sua constituição gráfica, embora envolva também recursos de ordem pictórica e outros (situa-se no plano dos letramentos). [...]” (MARCUSCHI 2007, p. 26).

1986, p. 15). Assim, para a seleção do *corpus* da pesquisa, os textos deveriam apresentar as seguintes características:

1. Ser um evento comunicativo escrito no *Facebook*.
2. Apresentar ocorrência de pelo menos uma troca de turnos
3. Possuir uma sequência de ações coordenadas
4. Revelar o envolvimento dos interagentes numa interação centrada.

Definidos os critérios de seleção do *corpus*, procuramos perceber o fenômeno de nossa investigação, voltando a nossa consciência para encontrá-lo nas percepções subjacentes aos discursos, “pois é como discurso que o *logos* se constitui a revelação de um sentido de ser e do existir humano. É o *logos* enquanto discurso que permite algo ser visto (*fainesthai*), a partir do seu próprio ser” (SANTOS, 1997, p. 28).

Colocando em prática a lição husserliana de “ir à coisa mesma”, pudemos habitar outras experiências, adentrar em outros mundos-vividos. Nesse movimento, ao final de um período de dez meses, havíamos capturado um total de 30 (trinta) textos. Utilizamos como procedimento de captura desses textos a realização de *print screens* que, após serem capturados, eram enviados para uma pasta de arquivos no computador para posterior seleção dos textos que seriam analisados.

Assim, selecionamos, aleatoriamente, apenas sete textos/discursos para análise, com base nos critérios definidos anteriormente, uma vez que na pesquisa qualitativa “o número de componentes da amostra é menos importante que sua relevância para o problema de pesquisa [...]” (AMARAL et al., 2015, p. 67). Esses sete textos/discursos passaram a ser considerados as *Descrições* dos sujeitos da pesquisa.

A seguir, apresentamos as *Descrições* selecionadas, da forma como se materializam na experiência de linguagem mediada pela internet. Apenas ressaltamos que, nos *print screens* de cada *Descrição*, o nome dos sujeitos participantes da conversa foi substituído por um S acompanhado de um número cardinal: o sujeito autor da postagem é representado por S1A e os demais sujeitos participantes da conversa são representados por S2, S3 e assim sucessivamente.

DESCRIÇÃO 1



DESCRIÇÃO 2



DESCRIÇÃO 3

les



Durante o final de semana um fato chocou a população de Vargem Grande. Na manhã de sábado (15) um bebê de apenas três meses de nascido foi encontrado morto no Bairro Santo Antônio. Segundo os vizinhos, os pais são usuários de droga e teriam deixado o bebê sozinho

BLOG DO [REDACTED] COM BR | POR [REDACTED] S1A

Curtir

Comentar

Compartilhar

[REDACTED] e outras 88 pessoas

S2

Parece ter sido espacando pelos os hematomas não parece ter sido coisa leve não essa mulher é muito irresponsável deve ir pressa mesmo e q não saia nunca mais 🙄🙄🙄

Curtir · Responder · 17 de outubro às 13:40

S3

Que tristeza Senhor! II

Curtir · Responder · 17 de outubro às 13:40

S4

Misericórdia...quem e essa mãe

Curtir · Responder · 17 de outubro às 13:40

S5

Essa mulher não é mãe.

Curtir · Responder · 1 - 17 de outubro às 13:57

S6

Misericórdia

Curtir · Responder · 17 de outubro às 14:38

S7

nossa...🙄

Curtir · Responder · 17 de outubro às 14:52

S8



Curtir · Responder · 17 de outubro às 15:01

S9

Misericórdia,quanta malvadeza diante desse inocente q n pediu pra vim ao mundo.

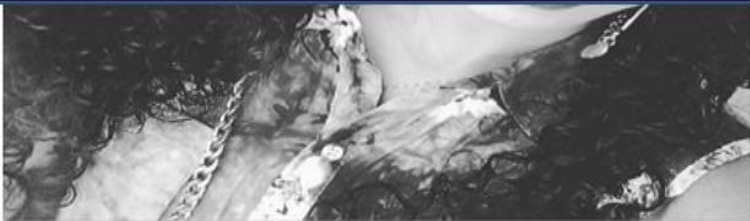
Curtir · Responder · 17 de outubro às 16:17

S9

Essa monstra merece ir pra cadeia.

Curtir · Responder · 17 de outubro às 16:19

DESCRIÇÃO 4



Curtir

Comentar

Compartilhar

[REDACTED] e outras 91 pessoas

Ver mais 4 comentários

S2

Quem é esta gata??????

Curtir · Responder · 1 · 20 h

[REDACTED] respondeu · 1 resposta

S3

Linda amga😍... Teamo

Curtir · Responder · 1 · 9 h

S1A

Puxei pra vc amiga lindaaaaaal Te amoooooooooooo mais que chocolate!😍

Curtir · Responder · 1 h

S4

Linda

Curtir · Responder · 13 min

DESCRIÇÃO 5

S1A Kkk

ESTÁ COMEÇANDO A TEMPORADA DE CAÇA AO POBRE

PEGA O POBRE, BEIJA, ABRAÇA, TIRA SELFIE, VAI NA CASA, ESCUTA, E PROMETE UM BUCADO DE COISA

Curtir · Responder · 2 · 4 de agosto às 14:58

S2 Aff o povo fica se acabando por causa de política misericórdia.
Curtir · Responder · 4 de agosto às 15:36

S3 Voh votar em branco...talvez ele ganhe!kkkkkkkkkkk ooohh povo q gosta d uma infunfa...aff
Curtir · Responder · 3 · 4 de agosto às 16:22 · Editado

S4 Bate aki 🙄
Kkkkk
Curtir · Responder · 1 · 5 de agosto às 22:40

S3 Kkkkkkk
Curtir · Responder · 6 de agosto às 01:28

DESCRIÇÃO 6

S1A

Meu Deus...o Barcelona ganhou? Caracas...

Curtir · Comentar · Compartilhar

👍 🙄 e outras 38 pessoas

S2 Jogo maravilhosooo! Ame!kkkkkkkkk
Curtir · Responder · 15 h

S3 Melhor jogo do ano 🏆
Curtir · Responder · 1 · 16 h

S4 Foi inacreditável
Curtir · Responder · 16 h

S5 Ali sabe é jogar meu amigo! Kkkkkkkk
Curtir · Responder · 15 h

S6 Inacreditável!... kkkkk
Curtir · Responder · 15 h

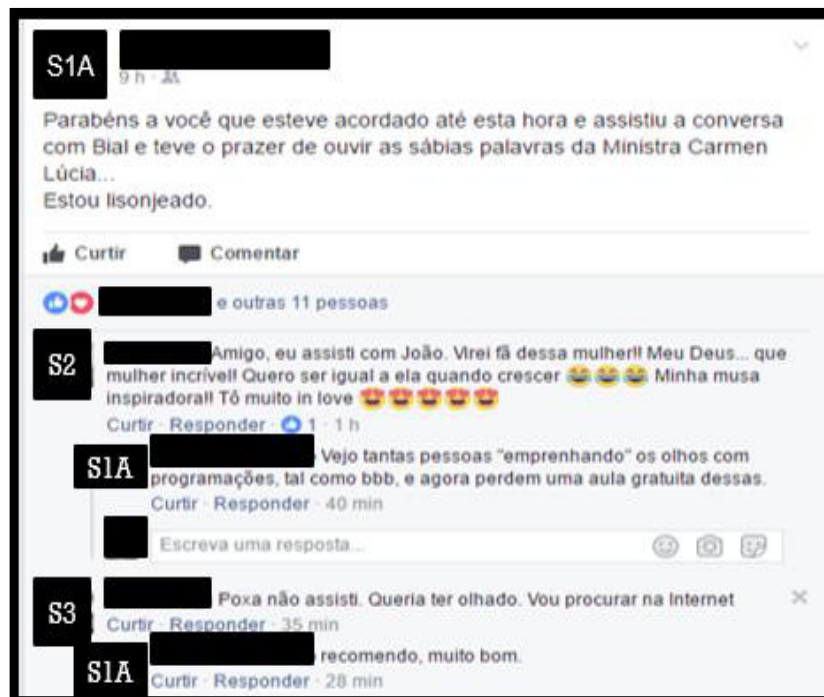
S7 Quem mais se destacou no jogo?
Curtir · Responder · 1 · 11 h

S2 Neymar claroff
Curtir · Responder · 1 · 11 h

S2 🙄
Curtir · Responder · 1 · 11 h

S7 Kkkkk chefe é chefe nè pae

DESCRIÇÃO 7



5 DESCRIÇÃO DOS MARCADORES CONVERSACIONAIS NO *FACEBOOK*

Neste capítulo, procuramos descrever as estruturas fundamentais do fenômeno investigado. Pela descrição “[...] A experiência, como vivida, permanece privada, mas o seu sentido, a sua significação, torna-se pública” (RICOEUR, 1996, p. 28).

Para isso, abdicamos de conceitos e categorias dadas *a priori*, para atribuir significados às Descrições dos sujeitos, entendidas como realizações linguísticas (BAGNO, 2000) escritas por sujeitos reais e concretos interagindo na rede social *Facebook*. Buscamos compreendê-las como oriundas de uma experiência vivida que têm significado para si e para os sujeitos que dela participam – seres que expressam sentimentos e pensamentos por meio da linguagem incrustada no mundo do texto, entendido como “aquilo de que se falou, a *coisa do texto*, a saber, a espécie de mundo que, de certa forma, a obra revela pelo texto” (RICOEUR, 1991, p.169, grifo do autor).

5.1 Tratamento dos Dados

No tratamento dos dados de uma pesquisa fundada na Fenomenologia, o sujeito investigador vivencia uma aproximação e interpretação do real em que a possibilidade do conhecimento é subordinada às possibilidades existenciais. Dessa forma, “Podemos falar numa *postura fenomenológica*, isto é, numa *consciência de ser que dispõe o pensar e o próprio existir, ou ser-no-mundo, em sua historicidade*” (CRITELLI, 1996, p.31, grifos da autora). Em nossa pesquisa, essa historicidade é revelada gradativamente durante a trajetória fenomenológica, cujos movimentos de apreensão do real nos possibilitam desvelar, revelar, testemunhar, veracizar e autenticar (CRITELLI, 1996) os marcadores conversacionais como fenômenos linguísticos em uso no *Facebook*.

Para os propósitos dessa pesquisa, o sentido é uma questão fulcral, e optando pela Fenomenologia Hermenêutica, volvemos o nosso olhar para a linguagem²¹, “a estruturação da vida significativa” (RICOEUR, 1989, p.12), buscando compreender o

²¹ Neste trabalho, consideramos a linguagem que se manifesta tanto sob a forma de signos linguísticos quanto sob a forma de signos semiológicos, dado o caráter multimodal da conversação na internet, característica descrita por autores como Modesto (2011), Oliveira (2013) e Recuero (2014), pois “A própria linguagem da conversação mediada por computador é, muitas vezes, ao mesmo tempo, escrita e visual, o que já caracteriza a multimodalidade. Por exemplo, mesmo em chats puramente textuais, o uso de desenhos em ASCII e de elementos gráficos como os *emoticons* também caracteriza o uso de vários modos na conversação” (RECUERO, 2014, p. 61).

discurso que se oculta sob a cadeia de signos verbais e não-verbais, fazendo assim aparecer o sentido, considerando que

É este gesto filosófico que a hermenêutica prolonga na região que é sua, a das ciências históricas e, mais amplamente, a das ciências do espírito. O “vívido” que ela procura trazer à linguagem e levar ao sentido é a conexão histórica, mediatizada pela transmissão dos documentos escritos, das obras, das instituições, dos monumentos que tornam presente para nós o passado histórico (RICOEUR, 1991, p. 67).

Embora compreendamos que o ser se revela no mundo por meio da linguagem, não esperamos encontrar um sentido transparente nos textos/discursos que serão abertos à nossa investigação, tampouco pretendemos chegar a uma compreensão fechada acerca do fenômeno investigado, pois compreendemos que o texto é, segundo Ricoeur (1991, p.109),

muito mais que um caso particular de comunicação inter-humana; ele é o paradigma da distanciação na comunicação; [...] ele revela um aspecto fundamental da própria historicidade da experiência humana, a saber, que ela é uma comunicação na e pela distância.

Iniciamos a análise das *Descrições* dos sujeitos da pesquisa, aplicando a *Variação Imaginativa*, técnica de pesquisa própria da Fenomenologia. Procuramos refletir sobre a experiência vivida, dando início à *redução fenomenológica*, uma vez que, segundo Ricoeur (1989, p.20), “pela redução, aparece um domínio do sentido, um parecer para, em que o sentido remete apenas para outro sentido e para a consciência a fim de haver sentido”.

Em seguida, ordenamos as referidas *Descrições* selecionadas para análise, atribuindo-lhes uma numeração de 1 a 7, antecedida pela palavra Descrição, conforme explicitado no item 4.3. Nos *print screens* de cada Descrição, o nome dos sujeitos participantes da conversa foi substituído por um S acompanhado de um número cardinal. Esse procedimento foi tomado com vistas a proteger a identidade dos referidos sujeitos e facilitar a análise de aspectos estruturais da conversação, no sentido de compreendermos a estrutura conversacional em que se inserem os marcadores conversacionais.

Selecionadas as *Descrições*, procedemos a análise fenomenológico-hermenêutica dos dados da pesquisa. Vivenciamos dois momentos: a *Análise Ideográfica*, por meio da identificação das Unidades de Significado e explicitação dos textos/descrições dos sujeitos, e a *Análise Nomotética*, momento em que realizamos a convergência dos textos/descrições para identificação e análise das *categorias abertas*.

Para identificação das Unidades de Significado, procuramos deslocar o olhar do mundo natural para o sentido do mundo (RICOEUR, 1989), buscando uma aproximação maior do fenômeno por meio da explicitação do texto, pois a “passagem pela expressão linguística apresenta a vantagem de se apoiar nas objectivações da experiência no discurso, isto é, em formas que se oferecem simultaneamente à observação exterior e à reflexão de sentido” (RICOEUR, 1989, p. 12).

Dessa forma, num movimento de aproximação e afastamento, buscamos apreender a essência do fenômeno, descrito tão precisamente quanto possível, a partir da extração das Unidades de Significado, expressão do vivido, representando também aspectos que se destacam em nosso horizonte de percepção. Em seguida, procedemos à explicitação dos textos/descrições e a síntese das asserções que representam as possibilidades de existência do ser-aí no contexto de comunicação propiciado pelo ciberespaço.

Na análise de cada Descrição, destacamos o contexto, considerando que, segundo Marcuschi (1986, p. 17), “Toda conversação é sempre situada em alguma circunstância ou contexto em que os participantes estão engajados”. O contexto ou situação comunicativa compreende três elementos: o lugar, o objetivo e os participantes (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006). Tanto na conversação face a face, quanto na conversação mediada pelo meio digital, o contexto é um elemento indispensável à compreensão do sentido do texto, uma vez que situa e sustenta o funcionamento das trocas comunicativas.

5.2 Análise Fenomenológico-Hermenêutica dos Dados

Nessa etapa da trajetória fenomenológica, iniciamos uma objetivação do discurso possibilitada pelo mundo do texto, na qual iremos da análise objetiva das estruturas do texto à apropriação do sentido (RICOEUR, 1989). Iniciamos este movimento pela *Análise Ideográfica*, identificando as unidades de significado e explicitando os textos/descrições dos sujeitos. Concluída esta etapa, realizamos a convergência dos textos/descrições, a identificação e clarificação das categorias abertas, por meio da *Análise Nomotética*.

5.2.1 Análise Ideográfica: Identificação das Unidades de Significado e Explicitação dos Textos/Descrições dos Sujeitos

DESCRIÇÃO 1



Fonte: www.facebook.com

Dessa Descrição, identificamos como primeira Unidade de Significado a foto, pois compreendemos que esse signo não linguístico contribui para a construção do contexto sobre o qual se realiza a conversação. Essa foto foi publicada na *Linha do Tempo* da proprietária do *perfil*, identificada como S1A, a qual aparece com alguns amigos. É essa foto que engendrará comentários opinativos acerca da aparência de uma das jovens exibidas na referida foto, dando origem a uma conversação da qual participam dois interagentes: S1A e S2.

O tópico da conversa é, portanto, essa foto, o que confere um caráter multimodal a essa conversação, a qual se estrutura em torno do par adjacente pergunta-resposta (MARCUSCHI, 1986). Isto porque a pergunta de S2 acerca da escolha daquela foto provoca uma resposta de S1A, que oferece como justificativa o fato de a foto escolhida ter ficado melhor, conforme podemos comprovar a seguir:

Pergunta/Iniciativa: amiga, pq não colocou a outra.... (S2)

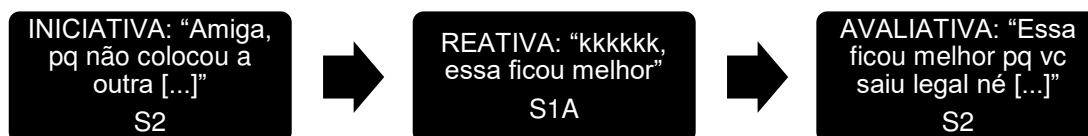
Resposta/Reativa: kkkkkk essa ficou melhor (S1A)

Em seguida, ocorre uma terceira intervenção, feita por S2, na qual avalia o contentamento de S1A quanto à foto postada como sendo resultante do fato de que S1A “saiu legal” na foto:

Resposta/Avaliativa: Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. aaffsss (S2)

Esse fato nos leva a concordar com Kerbrat-Orecchioni (2006), ao afirmar que toda troca se faz de, pelo menos, duas intervenções: iniciativa e reativa, mas em uma troca iniciada por uma pergunta, pode haver uma terceira intervenção, que é chamada de avaliativa.

Esquemmatizando, temos:



Fonte: Esquema adaptado de Kerbrat-Orecchioni (2006).

Convém destacar que a desaprovação de S2 à foto postada por S1A vai ao encontro da noção de preservação de face, elaborada por Goffman (1967 *apud* Galembeck, 1999) para quem a face corresponde à autoimagem pública do indivíduo, que pode ser ameaçada na interação com os demais.

Conforme Galembeck (1999), esse conceito é aprofundado por Brown & Levinson em 1978, ao postularem haver uma face positiva e uma face negativa: a positiva diz respeito ao que o interlocutor exhibe ao outro na conversação, ao passo que a face negativa é o “território” a ser preservado. Dessa forma, o fato de S2 não se sentir confortável com a exposição de sua “face negativa” nas redes sociais decorre de reconhecer nessa ação um dano à imagem que ele busca construir.

Dando continuidade à análise da Descrição 1, nosso olhar se volta para as seguintes realizações linguísticas, nas quais estão destacadas as Unidades de Significado:

kkkkk só faltastes **vc..** (S1A)
amiga, pq não colocou a outra.... eu com esse troço na cabeça..... 🤔 (S2)
kkkkkk **essa** ficou melhor (S1A)
Essa ficou melhor **pq vc** saiu legal **né.. aaffsss** (S2)

Colocamo-nos diante da Unidade de Significado **kkkkk** (S1A), marcador verbal não lexicalizado (MARCUSCHI, 1996) de uso muito recorrente na escrita digital para representar graficamente o som de uma gargalhada. Esse elemento de significação é considerado uma onomatopeia, pois consiste em fazer uma imitação de um som específico, ou seja, a transposição na língua articulada humana de gritos e ruídos inarticulados, conforme (MARTINS, 2002).

Convém ressaltar que a segunda ocorrência desse marcador atribui um sentido de irreverência à resposta de S1A acerca do motivo da escolha da foto. Nas realizações linguísticas da Descrição 1, as duas ocorrências desse marcador na “fala” de S1A aparecem em posição inicial do turno e confere um tom de descontração ao evento comunicativo, possuindo função meramente pragmática.

A forma criativa com que esses interagentes lançam mão do código escrito vai ao encontro do que afirmam Oliveira e Meira (2010), no sentido de ser a

onomatopeia uma marca de autoria lexical que representa a criatividade dos usuários em adaptar recursos linguísticos para propósitos comunicativos específicos.

Nesse movimento de atribuição de sentido, destacamos as Unidades de Significado **vc** (S1A, S2) e **pq** (S2), abreviação das palavras “você” e “porque”, respectivamente. Essas Unidades de Significado ilustram a rapidez da comunicação mediada pelo meio digital, sendo também um dos usos inscritos sobre a terminologia internetês (RAJAGOPALAN, 2013).

A abreviação (ou braquissesmia) é um fenômeno morfológico presente no processo de formação de palavras em português e “envolve a redução de um vocábulo geralmente longo, por comodidade expressiva” (HENRIQUES, 2006, p. 89). Esse fenômeno, evidenciado nas Unidades de Significado analisadas, colabora para dar mais agilidade à escrita, fazendo parte do que Recuero (2014) denomina de rituais de marcação, na conversação mediada pelo meio digital.

Convém ressaltar que, na Descrição analisada, a abreviação não se concretiza de acordo com as prescrições gramaticais, pois nas Unidades de Significado já explicitadas, os interagentes S1A e S2 transgridem o conceito de sílaba inerente ao sistema da língua, o qual apresenta a vogal como núcleo da sílaba e não a consoante, fonema considerado assilábico. Isto porque, segundo Cunha e Cintra (2001, p. 52), “Quando pronunciamos lentamente uma palavra, sentimos que não o fazemos separando um som de outro, mas dividindo a palavra em pequenos segmentos fônicos que serão tantos quantas forem as vogais”. Convém ressaltar também, que algumas abreviações advêm da criatividade dos usuários do espaço virtual e não das normas inerentes ao código linguístico, razão por que esse fenômeno linguístico foi reconhecido por Oliveira e Meira (2010) como uma marca de autoria lexical.

Prosseguindo nossa trajetória de análise, em que o discurso se manifesta enquanto intenção de dizer e a escrita como uma inscrição direta dessa intenção (RICOEUR, 1991), deparamo-nos com a Unidade de Significado **amiga** (S2), um marcador verbal lexicalizado, com função pragmática, na seguinte realização linguística:

amiga, pq não colocou a outra.... (S2)

Por meio dela, um vocativo, S2 invoca S1A, direcionando a fala e atribuindo à proposição um grau de maior proximidade afetiva. No contexto dessa conversação, podemos afirmar que esse marcador faz parte do que Recuero (2014, p. 83) denomina

indicadores de direcionamento, marcadores “fundamentais para permitir que os pares conversacionais sejam identificados nas conversações em meio às diversas mensagens”. Dessa forma, por meio do marcador “amiga” S2 utiliza a técnica de alocação de turno na qual “Um falante corrente pode selecionar um falante seguinte (como quando ele dirige uma pergunta à outra parte) [...]” (SACKS et al., 1974, p. 15).

Outra Unidade de Significado que destacamos é **essa** (S1A) e (S2), encontrada em:

kkkkkk **essa** ficou melhor (S1A)
Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. aaffsss (S2)

Esse marcador verbal lexicalizado, com função textual, presente nas realizações linguísticas de S1A e S2, é usado para fazer alusão à foto, cuja função é dar continuidade ao tópico em andamento. Nesse co-texto, o marcador **essa** constitui-se uma forma referencial que colabora para a coesão dos sentidos do texto.

Ao utilizar esse elemento de significação para fazer a retomada do tópico, S1A demonstra desinteresse quanto a uma provável mudança de tópico proposta por S2, quando este indaga o porquê de não ter colocado “a outra” foto. O fato de S2 reportar-se a um referente extralinguístico²² (“a outra” foto), cujo sentido não pode ser recuperado na superfície textual, corrobora a postulação de Marcuschi (1986) quanto à importância dos conhecimentos prévios partilhados entre os interlocutores, o que permite um alto grau de implicitude na conversação.

Destacamos também a Unidade de Significado **né** em:

Essa ficou melhor pq vc saiu legal **né**.. aaffsss (S2)

Esta forma reduzida de “não é” constitui-se um marcador verbal lexicalizado com função pragmática, por meio do qual S2 solicita uma resposta convincente por parte de S1A, razão por que podemos enquadrar esse elemento de significação entre os “marcadores de apoio” elencados por Macedo e Silva (1987 *apud* CASTILHO, 2014, p. 49). A opção por essa forma linguística atribui à escrita da rede social *Facebook* dimensões da oralidade, afastando-se cada vez mais do padrão escrito da língua e corroborando a perspectiva de *continuum* defendida por Marcuschi (2007).

Ainda no percurso de análise da Descrição 1, deparamo-nos com os significados possibilitados pela seguinte realização linguística:

²² Convém explicitar que “o termo referência tem sido usado, em Linguística, com duas acepções distintas: a) na tradição semântica, designando a relação que se estabelece entre uma forma linguística e o seu referente extralinguístico; b) na trilha de Halliday, significando a relação de sentido (basicamente de co-referência) que se estabelece entre duas formas na superfície textual” (KOCH, 2004, p. 34).

Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. **aaffsss** (S2)

Dessa realização linguística, destacamos a Unidade de Significado **aaffsss**, um marcador verbal não lexicalizado, com função pragmática, finalizando o segundo turno de S2. Através dessa forma de manifestação, S2 tenta reproduzir, por meio da escrita, algo próximo de um suspiro de irritação, traduzindo “de modo vivo, os estados d’alma” (CÂMARA JÚNIOR, 1984, p.147). Essa Unidade de Significado é também um marcador prosódico, pois denota uma tentativa de S2 em reproduzir, graficamente, a entonação da fala, o que confere à realização linguística produzida por este interagente características de uma conversação face a face, na qual é possível perceber o alongamento de vogais e consoantes para obtenção de efeitos de sentido específicos. Esse fenômeno recebe o nome de duração (MARTINS, 2002) “termo usado em FONÉTICA, para indicar a EXTENSÃO de tempo envolvida na ARTICULAÇÃO de um som ou SÍLABA” (CRYSTAL, 1985, p. 89).

Convém ressaltar que nas realizações linguísticas produzidas por S2, as **reticências** também são consideradas Unidades de Significado, uma vez que funcionam como marcadores conversacionais prosódicos, demarcando pausas e organizando a conversação quanto ao ritmo discursivo e à entoação, conforme pontuou Marcuschi (1986). É o que podemos observar em:

amiga, pq não colocou a outra.... eu com esse troço na cabeça..... 😞 (S2)

Esses elementos são muito significativos nas realizações linguísticas destacadas, pois atribuem um efeito prosódico à escrita, já que

A língua escrita não dispõe dos inumeráveis recursos rítmicos e melódicos da língua falada. Para suprir esta carência, ou melhor, para reconstituir aproximadamente o movimento vivo da elocução oral, serve-se da pontuação (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 625).

Na realização linguística “amiga, pq não colocou a outra.... eu com esse troço na cabeça..... 😞 (S2)”, a primeira ocorrência de reticências na fala de S2 possui tanto uma função pragmática, numa entoação de lamento por parte de S2 quanto à escolha da foto a ser postada, quanto uma função textual, pois indica uma pausa sintática de ligação (MARCUSCHI, 1986), atuando na construção interna da unidade comunicativa, substituindo um conector indicativo de explicação que antecederia o motivo de S2 não aprovar a escolha da foto publicada. Na segunda ocorrência, essa mesma Unidade de Significado possui uma função meramente pragmática, pois assinala uma inflexão de voz de natureza emocional: descontentamento de S2.

Há uma terceira ocorrência desse elemento de significação em:

Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. aaffsss (S2)

Nesse contexto, essa Unidade de Significado possui a função pragmática de imprimir uma nota levemente irônica à avaliação que S2 faz acerca do contentamento de S1A com a foto postada. Acerca da forma como os interagentes empregam esse sinal de pontuação, convém acrescentar o fato de não haver uma preocupação de utilizar a orientação gramatical, pois em nenhuma ocorrência esse sinal foi grafado com três pontos (...).

Também destacamos como Unidade de Significado, o signo não-verbal presente na seguinte realização linguística:

amiga, pq não colocou a outra.... eu com esse troço na cabeça..... 🤔 (S2)

Esse signo, identificado nas redes sociais da *Web* como **emoticon**, é um marcador paralinguístico por meio do qual S2 adiciona ao enunciado verbal uma marca não-verbal que completa o propósito comunicativo de externar sua reprovação e descontentamento para com a foto publicada. Este fato pode ser comprovado pelo sentido possibilitado pela carinha fazendo um “trejeito” com os lábios, um gesto muito utilizado para exprimir esse tipo de sentimento, regulando o contato entre os interagentes (MARCUSCHI, 1986).

Síntese da Descrição 1

Na Descrição 1, os sujeitos utilizam o português escrito:

- ✓ Com características de uma comunicação face a face
- ✓ Com marcadores verbais não lexicalizados com função pragmática
- ✓ Com marcadores verbais lexicalizados com função pragmática
- ✓ Com marcadores verbais lexicalizados com função textual
- ✓ Com abreviação de palavras
- ✓ Com escrita oralizada
- ✓ Com pontuação inovadora
- ✓ Com marcador paralinguístico

DESCRIÇÃO 2



Fonte: www.facebook.com

Dessa Descrição, a foto é a primeira Unidade de Significado que destacamos, dada a importância desse signo, publicado na *Linha do Tempo* da proprietária do perfil (S1A), na constituição do contexto: pano de fundo sob o qual se realiza a conversação. Nessa conversação, que transcorre em quatro turnos, identificamos a participação de quatro interagentes: S1A, S2, S3 e S4, cujas intervenções são organizadas com base na “Técnica II – O falante corrente para e o próximo falante obtém o turno pela auto-escolha” (MARCUSCHI, 1986, p. 20).

A referida foto constitui o tópico discursivo sobre o qual os interagentes escrevem comentários opinativos acerca do fato de um deles não ter sido “marcado”. Dessa forma, após a postagem de S1A, ocorre uma espécie de solidariedade temática entre eles, na medida em que tecem, colaborativamente, o evento conversacional.

Dando continuidade à análise da Descrição 2, colocamo-nos diante das seguintes realizações linguísticas, nas quais estão destacadas as Unidades de Significado:

Só os “importantes” são marcado na foto pessoal! O resto tá podi 🙄 (S2)
Hummmmmmm....vcssss heimm... (S3)
 **Zamores** (S1A)
 eu sou importante, por isso tô n foto e fui marcada (S4)

Na trilha de busca dos sentidos possibilitados pela realização linguística – Só os “importantes” são marcado na foto pessoal! O resto tá podi 🙄 (S2) – consideramos significativo o marcador paralinguístico cuja representação de uma carinha torcendo os lábios demonstra o descontentamento de S2 quanto ao fato de não ter sido “marcado” na foto postada por S1A.

Dando continuidade à identificação e análise das Unidades de Significado da Descrição 2, colocamo-nos diante da seguinte realização linguística:

Hummmmmm....vcssss heimmm...(S3)

Dessa realização linguística, destacamos, primeiramente, as Unidades de Significado **Hummmmmm** e **heimmm** (S3), marcadores verbais não lexicalizados com função pragmática. Por meio desses marcadores, o interagente S3 demonstra uma certa ironia, ao comentar a asserção de S2 acerca do fato de não ter sido marcado na postagem de S1A. Além disso, essas Unidades de Significado também podem ser consideradas marcadores prosódicos por meio das quais S3 busca reproduzir o fenômeno da duração, conforme já explicitado na Descrição 1. Assim, a grafia inovadora desses elementos de significação confirma a postulação de Crystal (2005) a respeito da revolução linguística propiciada pela internet.

Prosseguindo nossa trajetória de reflexão de sentido, destacamos as Unidades de Significado **vcssss** (S3) e **n** (S4), abreviação das palavras “vocês” e “na”, respectivamente. Convém destacar que, através do alongamento da consoante /s/ no elemento de significação “vcssss” (S3), esse interagente tenta reproduzir, graficamente, tanto a velocidade do evento comunicativo quanto o fenômeno da duração (MARTINS, 2002; CRYSTAL, 1985).

Ainda lançando o nosso olhar interrogativo para a realização linguística “Hummmmmm....vcssss heimmm...(S3)”, colocamo-nos diante da Unidade de Significado **reticências**, um marcador prosódico que sinaliza uma pausa no interior e no final do turno de S3. Além do efeito prosódico, esse elemento de significação completa o sentido levemente irônico subjacente a todo o enunciado de S3.

Dando continuidade, colocamo-nos diante da seguinte realização linguística:



Zamores S1A

Dessa realização linguística, destacamos, primeiramente, a Unidade de Significado representada pelo marcador paralinguístico  formado por carinhas com olhos em formato de coração, que significam amor e carinho: sentimentos que S1A externa repetindo seis vezes o mesmo **emoticon**. Essa repetição é uma estratégia utilizada por esse interagente para enfatizar a intensidade do sentimento de carinho pelos amigos (S2 e S3). Esse elemento de significação corrobora a postulação de Ricoeur (1989) acerca do fato de que na forma como o sujeito articula o seu discurso reside o caráter de estratégia subjacente a cada discurso.

Dessa realização linguística, destacamos, ainda, a Unidade de Significado **Zamores** (S1A), marcador verbal lexicalizado com função pragmática, por meio do qual S1A invoca S2 e S3, dando um sentido apaziguador ao seu discurso. Através desse recurso, S1A busca desfazer o mal-estar causado pelo fato de não ter marcado S2 em sua publicação, funcionando, nesse contexto, como um marcador de atenuação. A forma como S4 faz o registro da palavra “Zamores” foge à norma reconhecida pelos compêndios gramaticais, dado o acréscimo do /z/ na forma linguística padrão “amores”, um fenômeno linguístico conhecido como prótese (VIARO, 2011). Essa forma de uso demonstra um esforço de S1A por tentar recuperar os matizes fonético-fonológicos da fala, uma vez que a escrita “[...] recupera a linguagem oral com todas as suas características, inclusive o caráter linear e sintagmático dos elementos que se concatenam numa certa ordem” (CAGLIARI, 2006, p.2).

Síntese da Descrição 2

Na Descrição 2, os sujeitos utilizam o português escrito:

- ✓ Com características de uma comunicação face a face
- ✓ Com abreviação de palavras
- ✓ Com escrita oralizada
- ✓ Com marcadores verbais não lexicalizados com função pragmática.
- ✓ Com marcadores verbais lexicalizados com função pragmática
- ✓ Com pontuação inovadora
- ✓ Com marcador paralinguístico

DESCRIÇÃO 3



Fonte: www.facebook.com

Dessa Descrição, identificamos como primeira Unidade de Significado a postagem feita por S1A, pois compreendemos que ela contribui para a construção do contexto sobre o qual se situa essa troca comunicativa. Como essa postagem se trata de um compartilhamento feito por S1A de uma notícia oriunda do seu blog pessoal “morte de um bebê de três meses”, podemos dizer que esse evento conversacional está inserido em um macrocontexto formado por interações anteriores (RECUERO, 2014).

Ao fazer esse compartilhamento em sua própria *Linha do Tempo*, S1A provoca comentários opinativos entre oito interagentes. Dessa forma, S1A arma o quadro tópico da conversação sobre o qual giram todas as intervenções, cujo sistema de tomada de turno se dá com base na “Técnica II – O falante corrente para e o próximo falante obtém o turno pela auto-escolha” (MARCUSCHI, 1986, p. 20).

Continuando nosso percurso de intuição dos sentidos presentes na Descrição 3, passamos a analisar os significados presentes nas seguintes realizações linguísticas, em que destacamos as Unidades de Significado:

Parece ter sido espacando pelos os hematomas não parece ter sido coisa leve não essa mulher é muito irresponsável deve ir pressa mesmo **q** não saía nunca mais 🙄🙄🙄 (S2)
 Que tristeza senhor! !! (S3)
Misericórdia. .. quem e essa mãe (S4)
 Essa mulher não é mãe (S5)
Misericórdia (S6)
nossa... 🤔 (S7)
 🤔 (S8)
Misericórdia, quanta malvadeza diante desse inocente **q n** pediu pra vim ao mundo. (S9)
 Essa monstra merece ir pra cadeia. (S9)

Em nosso percurso de desvelamento do fenômeno de nossa investigação destacamos também como Unidade de Significado as abreviações **q** (S2, S9) e **n** (S9), colocadas em lugar dos signos “que” e “não”. Conforme explicitado anteriormente nas Descrições 1 e 2, a abreviação tem sido um uso cada vez mais recorrente na conversação digital, como estratégia para dar mais dinamicidade e informalidade a esse evento comunicativo escrito, revelando a criatividade com que a língua é utilizada no ciberespaço.

Prosseguindo nossa trajetória de compreensão da Descrição 3, colocamo-nos diante da Unidade de Significado representada pelo marcador paralinguístico 🙄🙄🙄 formado por uma mão em punho, num gesto sugestivo de raiva, presente na realização linguística de S2, conforme podemos observar em:

Parece ter sido espacando pelos os hematomas não parece ter sido coisa leve não essa mulher é muito irresponsável deve ir pressa mesmo q não saía nunca mais 🙄🙄🙄 (S2)

Por meio desse elemento de significação, S2 busca traduzir o gesto que acompanha o seu comentário indignado, uma vez que as condições de produção dessa comunicação *in* ausência inviabilizam fazê-lo de outro modo. Noutros termos, através da posposição de um signo paralinguístico à sua “fala”, S2 cumpre o seu propósito comunicativo de externar com palavras e gestos sua opinião acerca do assunto em discussão.

Nesse percurso de atribuição de significados, quando buscamos compreender a efetuação do discurso como texto (RICOEUR, 1991), focamos o nosso olhar para a seguinte realização linguística:

Que tristeza senhor! !! (S3)

Nessa realização linguística, destacamos como Unidade de Significado o **ponto de exclamação**, o qual possui seu significado na forma como se encontra grafado: de forma reiterada, numa estratégia interlocutória por meio da qual S3 expressa a intensidade do sentimento de tristeza despertado com a notícia, o tópico da conversa. Essa forma estilizada de empregar os sinais de pontuação tem sido muito presente nas Descrições até aqui analisadas, em que os sujeitos reinventam a escrita convencional para adaptá-la a contextos mediados pelas tecnologias digitais.

Percorrendo mais um pouco os caminhos traçados pelos signos, na realização linguística “**Misericórdia**. .. quem e essa mãe (S4)”, destacamos as seguintes Unidades de Significado: **Misericórdia** e **reticências**.

A palavra **misericórdia** é um marcador verbal lexicalizado com função pragmática, pois por meio desse marcador verbal S4 denota seu espanto diante da atitude da mãe em deixar um bebê de três meses sozinho em casa. Esse elemento de significação também aparece na realização linguística de S6 e S9, fazendo-nos compreender que seja essa repetição uma marca do sentimento de comoção compartilhado pelos interagentes S4, S6 e S9 diante do trágico desfecho dos fatos veiculados pela notícia postada. Assim, por meio de uma interjeição, um recurso da linguagem afetiva utilizado para traduzir sentimentos súbitos e espontâneos (CUNHA; CINTRA, 2001) e colocado à disposição dos utentes da língua, esses interagentes conseguem demonstrar o que sentiram.

Quanto às **reticências**, podemos afirmar que se trata de um marcador prosódico o qual assinala uma pausa de separação entre as unidades constitutivas do

turno (MARCUSCHI, 1986), colaborando também para atribuir sentido, uma vez que marca uma inflexão de natureza emocional, completando a significação da interjeição “misericórdia”. Ao optar pelo uso das reticências em lugar do ponto de exclamação, sinal recomendado pela tradição gramatical (BECHARA, 2009), S4 ressignifica esse signo em prol de um propósito comunicativo.

No movimento intencional da consciência para o sentido da Descrição 3, direcionamos o nosso olhar para a realização linguística de S7:

nossa... 

Nessa realização linguística, destacamos como Unidades de Significado a palavra **nossa**, as **reticências** e o signo não-verbal .

A Unidade de Significado **nossa** é um marcador verbal lexicalizado com função pragmática que está denotando a surpresa e a indignação de S7 para com a atitude dos pais do bebê. Como um elemento de significação, ele corrobora o que afirma Castilho (2014) acerca das classes que atuam como marcadores conversacionais, no sentido de que “os itens lexicais que funcionam como MCs são itens plenos cujo sentido foi alterado, passando de um sentido mais concreto para um sentido mais abstrato” (CASTILHO, 2014, p. 48). Nesse contexto, a palavra **nossa** perdeu o seu sentido original de posse, integrando o grupo dos sinais do ouvinte (MARCUSCHI, 1986), uma vez que, por meio desse recurso, S7 marca sua posição diante do tópico discutido.

Em relação às **reticências** como Unidade de Significado, conforme já referido em análises anteriores, se constituem um marcador prosódico com função pragmática que assinala uma pausa de ênfase por meio da qual S7 realça o sentido de surpresa e indignação presente na Unidade de Significado “nossa”.

Quanto ao signo não-verbal , representado por uma carinha com uma expressão de fúria e indignação, trata-se de um marcador paralinguístico por meio do qual esse interagente dá a conhecer aos demais pares envolvidos no evento comunicativo, também aspectos fisionômicos.

Convém enfatizar que S7 não escolheu esse signo não-verbal de forma aleatória, mas objetivando completar/esclarecer o sentido das Unidades de Significado anteriores: “nossa” e “reticências”, como se quisesse deixar bem claro o seu propósito comunicativo. Isto porque, nesse mesmo enunciado, caberia, por exemplo, tanto um *emoticon* de uma carinha triste, como um *emoticon* de uma carinha assustada, para citar algumas possibilidades, pois são diversas as opções já pré-

configuradas no *Facebook*, cuja escolha fica a critério da intencionalidade dos sujeitos.

Ainda sob esse nosso olhar de compreensão, colocamo-nos diante da Unidade de Significado representada pelo marcador paralinguístico formado por um rosto franzido e olhos apertados: 🙄 (S8).

A forma escolhida por S8 para traduzir sua fúria e reprovação diante da atitude daqueles pais revela a estratégia interlocutória utilizada por esse sujeito: preferiu não utilizar signos linguísticos em sua participação no evento comunicativo, de forma que o *emoticon* constituiu, sozinho, o seu turno conversacional.

Síntese da Descrição 3

Na Descrição 3, os sujeitos utilizam o português escrito:

- ✓ Com características de uma comunicação face a face
- ✓ Com abreviação de palavras
- ✓ Com marcadores verbais lexicalizados com função pragmática
- ✓ Com pontuação inovadora
- ✓ Com marcador paralinguístico

DESCRIÇÃO 4



Fonte: www.facebook.com

Dando início ao percurso de identificação das Unidades de Significado e explicitação dos textos/descrições dos sujeitos da Descrição 4, colocamo-nos diante da primeira Unidade de Significado: a foto postada por S1A, a qual colabora para a

constituição do contexto desse evento comunicativo. Nele, identificamos a presença de quatro interagentes: S1A, autor da publicação utilizada como foto do próprio *perfil*, S2, S3 e S4 que comentam o *perfil* de S1A. O tópico da conversação proposto por S1A é, portanto, essa foto e as trocas de turnos se dão a partir da “auto-escolha” (MARCUSCHI, 1986, p. 20), ficando a critério de quaisquer interagentes fazer comentários sobre a foto do *perfil* de S1A.

Explicitada a primeira Unidade de Significado da Descrição 4, colocamo-nos diante das seguintes realizações linguísticas e nelas destacamos as demais Unidades de Significado presentes na Descrição em análise:

Quem é essa gata?????? (S2)
 Linda amga 🍷 ...Teamo (S3)
 Puxei pra vc amiga lindaaaaaa! Te amoooooooooooo mais que chocolate! 🍷
 (S1A)
 Linda (S4)

O nosso olhar agora se volta para os sentidos presentes na realização linguística de S2 “Quem é essa gata??????”, na tentativa de revelá-los como uma “possibilidade de ser indicada pelo texto” (RICOEUR, 1991, p. 98). Dessa realização linguística, destacamos o **ponto de interrogação**, marcador prosódico que tem sua significação na forma como foi grafado: repetido seis vezes, revelando a força expressiva com que a pergunta foi feita por S2.

O uso reiterado do ponto de interrogação na Descrição 4 ilustra uma das características da língua escrita no ciberespaço, na qual os usuários têm convencionado signos cada vez mais expressivos, tentando imprimir matizes relacionadas à tonalidade da voz, como o fez S2. Assim, com a repetição do ponto de interrogação, a intencionalidade desse interagente não consistia em “perguntar várias vezes”, mas traduzir a intensidade de sua surpresa e admiração diante da foto de S1A.

Percorrendo mais um pouco a tessitura da Descrição 4, focamos o nosso olhar de investigador atento e analista de significados para a realização linguística de S3:

Linda amga 🍷 ...Teamo (S3)

Dessa realização linguística, extraímos como Unidade de Significado o marcador paralinguístico 🍷. Por meio desse marcador, representado por uma carinha com olhos em formato de coração, S3 revela um sentimento de afeto por S1A, interagente cuja foto de perfil está sendo comentada. Através do acréscimo desse signo não-verbal, S3 completa o sentido dos signos verbais “linda” e “amiga”, conduzindo-nos a afirmar que na conversação digital, assim como em um contexto de comunicação face a face, os interagentes mobilizam ao mesmo tempo elementos

linguísticos e paralinguísticos para atingir um propósito comunicativo. Essa mesclagem de recursos comunicativos ratifica a postulação de Marcuschi (1986) acerca da língua ser apenas um dentre tantos investimentos que concorrem para a efetividade da conversação.

Outra Unidade de Significado que destacamos da realização linguística de S3 é o sinal de pontuação **reticências**, um marcador prosódico que indica uma pausa de separação (MARCUSCHI, 1986) atuando na construção interna da unidade comunicativa, marcando também uma inflexão de voz de natureza emocional, conforme já explicitado na Descrição 3.

Prosseguindo a caminhada rumo à compreensão da Descrição 4, deparamo-nos com a realização linguística de S1A:

Puxei pra **vc amiga lindaaaaaa!** Te **amoooooooooooo** mais que chocolate! 🍫

Dessa realização linguística, destacamos, primeiramente, a Unidade de Significado **vc**, representação gráfica da palavra “você”. Conforme explicitado nas Descrições anteriores, a abreviação tem se revelado um elemento de significação muito constante nos dados da pesquisa, conferindo espontaneidade e velocidade ao evento comunicativo e atribuindo-lhe dimensões da oralidade. A forma como S1A faz uso da língua no ciberespaço endossa a asserção de Marcuschi (2004) acerca da oportunidade que os gêneros digitais oferecem para revermos conceitos tradicionais, repensando nossa relação com a oralidade e a escrita.

Da realização linguística de S1A, destacamos, também, a Unidade de Significado **amiga**, um marcador verbal lexicalizado com função pragmática através do qual S1A direciona a fala a S3. Conforme já explicitamos na Descrição 1, esse elemento de significação é considerado um marcador conversacional indicador de direcionamento (RECUERO, 2014), incluindo-se entre aqueles marcadores que precisam ser apropriados pelos interagentes, uma vez que não são disponibilizados previamente pelo software.

Outro sentido presente na realização linguística de S1A é o possibilitado pelas Unidades de Significado **lindaaaaaa** e **amoooooooooooo**. A força do ato elocucionário é completada pela forma como esse interagente tenta reproduzir, graficamente, a entonação da voz, razão porque, nesse contexto, esses elementos funcionam como marcadores prosódicos.

Convém destacar que, por meio da repetição dos grafemas /a/ e /o/, S1A produz um alongamento enfático, que Bechara (2009, p. 87) denomina de “acento de

insistência emocional”, reproduzindo, graficamente, a duração da voz. Esse fenômeno é perceptível sem dificuldades na conversação oral, mas na comunicação mediada pelo computador, ele (o fenômeno) precisa ser adaptado – ou apropriado, como explica Recuero (2014). Assim, ao convencionar os signos “lindaaaaaa” e “amoooooooooooo”, S1A produz uma escrita oralizada, driblando, portanto, as limitações peculiares às condições de produção desse texto conversacional, que se realiza pelo signo escrito.

Além disso, diferentemente da escrita convencional, cuja norma não prevê a repetição de grafemas em casos como esse, ao fazer uso desse recurso, S1A ilustra uma prática linguageira cada vez mais recorrente na língua escrita nas redes sociais. Isso ratifica a postulação de Marcuschi (2007) de que, sob uma perspectiva conceptual, os gêneros de texto, sejam falados sejam escritos, distribuem-se ao longo de um *continuum* tipológico que “contempla a relação fala e escrita numa visão não dicotômica sob o ponto de vista sociointeracional” (MARCUSCHI, 2007, p. 40).

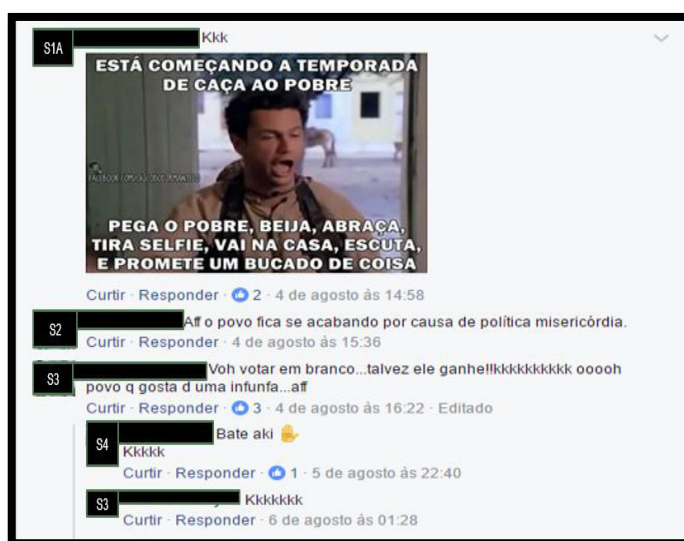
Ainda da realização linguística de S1A, destacamos como Unidade de Significado o signo não-verbal representado por uma carinha com olhos em formato de coração , um marcador paralinguístico que encerra o sentimento de carinho evidenciado em toda a proposição de S1A. Conforme já enfatizamos nas Descrições anteriormente analisadas, os *emoticons* são signos iconográficos criados para suprir aspectos fisionômicos, gestuais ou emotivos comuns à conversação face a face, sendo uma das apropriações da comunicação mediada pelo meio digital, cujos significados são em parte definidos pelas ferramentas e em parte negociados entre os interagentes.

Síntese da Descrição 4:

Na Descrição 4, os sujeitos utilizam o português escrito:

- ✓ Com características de uma comunicação face a face
- ✓ Com abreviação de palavras
- ✓ Com escrita oralizada
- ✓ Com marcador verbal lexicalizado com função pragmática
- ✓ Com pontuação inovadora
- ✓ Com marcador paralinguístico

DESCRIÇÃO 5



Fonte: www.facebook.com.br

Iniciando a trajetória de explicitação de sentidos da Descrição 5, lançamos o nosso olhar para essa Descrição como um “enunciado público da ação” (RICOEUR, 1989). Dessa forma, destacamos como primeira Unidade de Significado o meme²³ publicado por S1A. Esse meme se constitui o contexto da interação entre 4 (quatro) interagentes: S1A, S2, S3 e S4, abordando, comicamente, o início da campanha político-partidária em todo o Brasil, por meio dos seguintes enunciados:

ESTÁ COMEÇANDO A TEMPORADA DE CAÇA AO POBRE
 PEGA O POBRE, BEIJA, ABRAÇA, TIRA SELFIE, VAI NA CASA, ESCUTA,
 E PROMETE UM BUCADO DE COISA.

Convém destacar que o meme revela o macrocontexto no qual se insere essa interação, pois os interagentes vivenciavam um período de grandes discussões e até polêmicas relacionadas às iminentes eleições municipais que ocorreriam em todo o território brasileiro, no ano de 2016. Dessa forma, o tópico “eleições” era algo recorrente nas redes sociais, constituindo-se também o tópico dessa conversação, em particular, composta de cinco turnos, cujas trocas se dão a partir da “auto-escolha” (MARCUSCHI, 1986, p. 20), conforme já explicitado nas Descrições 2, 3 e 4.

²³ “Os memes podem ser ideias ou parte de ideias, línguas, sons, imagens, valores morais ou estéticos, bem como algo que possa ser apreendido com facilidade e transmitido como unidade autônoma. A memética constitui a especialidade que estuda os modelos evolutivos de transferência de informação. Termo cunhado pelo autor Richard Dawkins, no livro *O gene egoísta*” (KIRKPATRICK, 2011, p.16).

Após explicitar a primeira Unidade de Significado, procuramos destacar outras Unidades de Significado das seguintes realizações linguísticas, presentes na Descrição 5:

kkk (S1A)

Aff o povo fica se acabando por causa de política **misericórdia**. (S2)

Voh votar em branco... talvez ele ganhe!! **kkkkkkkkkkk ooooh** povo **q** gosta d uma infunfa...**aff** (S3)

Bate aqui 🍌 **Kkk** (S4)

Kkkkkkkk (S3)

Apoiando-nos na codificação da experiência presente no discurso de sujeitos que interagem no ciberespaço, colocamo-nos, agora, diante da Unidade de Significado **kkk** (S1A) e (S4), **kkkkkkkkkkk** e **Kkkkkkkk** (S3), um marcador verbal não lexicalizado, com função pragmática.

Ao utilizar o signo onomatopaico “kkk” como um prefaciador do meme com que encerra o seu turno de “fala”, S1A reproduz um ritual cultural muito comum nas interações face a face: uma gargalhada antecipatória de um comentário engraçado. O signo “kkk” é uma onomatopeia que tem sido muito presente nas Descrições até aqui analisadas. A forma como os interagentes tentam reproduzir a duração do som, nos leva a afirmar que são gargalhadas diferenciadas: em **kkk** (S1A, S4), temos gargalhadas breves e em **kkkkkkkkkkk** e **Kkkkkkkk** (S3), gargalhadas mais longas.

Percorrendo mais um pouco os caminhos traçados por nossa atitude investigativa, buscamos atribuir sentido à Unidade de Significado **aff** (S2) e (S3), uma interjeição oriunda da internet, encontrada nas seguintes realizações linguísticas:

Aff o povo fica se acabando por causa de política **misericórdia**. (S2)

Voh votar em branco... talvez ele ganhe!! **kkkkkkkkkkk ooooh** povo q gosta d uma infunfa...**aff** (S3)

Esse elemento de significação, revelado, também, na Descrição 1, é um marcador verbal não lexicalizado com função pragmática que, nesse contexto, traduz a irritação de S2 para com o comportamento de algumas pessoas (o povo), e que S3 utiliza para completar o significado de irreverência e ironia implícito em todo o seu discurso, conforme podemos comprovar a seguir:

Aff o povo fica se acabando por causa de política **misericórdia**. (S2)

[...] **ooooh** povo q gosta d uma infunfa...**aff** (S3)

Ainda na trilha dos sentidos que permeiam a realização linguística de S2, colocamo-nos diante da Unidade de Significado **misericórdia**, marcador verbal lexicalizado, com função pragmática. Por meio desse marcador, esse interagente deixa transparecer um misto de lamento e ironia acerca do comportamento de

algumas pessoas no período de campanha eleitoral, conforme referimos, anteriormente.

A respeito da forma como S2 utiliza a escrita, achamos importante frisar o desapego para com a pontuação, flagrante em dois momentos: na falta do emprego usual do ponto de exclamação após as interjeições “aff” e “misericórdia”, que “acompanham-se de um contorno melódico exclamativo” (BECHARA, 2009, p. 331) e do ponto, após a palavra “política”, dada a pausa implícita no enunciado. Esse fato confirma os resultados da pesquisa realizada por Modesto (2011), cuja análise do *corpus* evidenciou não haver a “preocupação, por parte dos interagentes, em se fazer correções sintáticas ou gramaticais, estando a preocupação voltada apenas para que as ‘palavras-chave’ dos enunciados sejam compreendidas” (MODESTO, 2011, p. 111).

Nesse percurso em que somos impulsionados pelo desejo de compreender, volvemos mais uma vez o nosso olhar para a realização linguística de S3:

Voh votar em branco... talvez ele ganhe!!kkkkkkkkkkk ooooh povo q gosta d uma infunfa...aff

Dessa realização linguística, destacamos as **reticências** e o **ponto de exclamação** como Unidades de Significado, ambas são marcadores prosódicos que têm sido muito recorrentes nas Descrições selecionadas para análise neste trabalho.

Na realização linguística de S3, as **reticências** foram empregadas em dois momentos. Na primeira ocorrência desse elemento de significação, observamos uma semelhança com um uso muito comum na conversação face a face: as pausas sintáticas de ligação, que “vindo por vezes no lugar de um conector qualquer, como ‘e’, ‘então’, ‘mas’, funcionam para a construção interna da unidade sem iniciar propriamente uma nova” (MARCUSCHI, 1986, p. 63). Conforme podemos observar, as reticências poderiam ser substituídas, respeitando a correção gramatical e o sentido original, pelo conector “pois”. Diferentemente, na segunda ocorrência do uso de reticências, S3 assinala uma pausa enfática, revelando um quê de ironia, ratificada pela posposição da palavra “aff”, conforme já explicitamos, anteriormente.

O **ponto de exclamação** tem o seu sentido na forma como aparece grafado: reiterado duas vezes, denotando a força ilocucionária que reveste a proposição “Voh votar em branco... talvez ele ganhe!![...]”. Conforme podemos observar, essa estratégia interlocutória dá mais expressividade à “fala” de S3, adicionando a entoação de irreverência requerida pelo uso dos signos verbais antepostos.

Dando continuidade ao movimento de intuição de sentidos da realização linguística de S3, destacamos a Unidade de Significado **ooooh**, presente em:

Voh votar em branco... talvez ele ganhe!!kkkkkkkkkk **ooooh** povo q gosta d uma infunfa...aff

Essa Unidade de Significado se constitui, ao mesmo tempo, um marcador verbal não lexicalizado com função pragmática e um marcador prosódico. Como marcador verbal, seu sentido é depreendido na forma irônica com que o interagente S3 realiza seu comentário. Como um marcador prosódico, depreendemos seu sentido no alongamento da vogal /o/. Assim, por meio dessa estratégia discursiva, S3 pretende dar mais expressividade ao seu discurso, produzindo uma escrita oralizada ao simular, graficamente, o fenômeno da duração, algo já constatado também nas Descrições 1, 2 e 4.

Ainda da realização linguística de S3, destacamos as Unidades de Significado **q** e **d**, abreviação das formas linguísticas “que” e “de”. A grafia utilizada por esse interagente revela a criatividade e a economicidade com que a escrita é utilizada no meio virtual, conferindo velocidade e informalidade à conversação entre os interagentes S2 e S3.

Ancorando-nos no “caráter de conservatório da linguagem ordinária” (RICOEUR, 1989, p. 16), continuamos nossa análise voltando o nosso olhar para a realização linguística de S4:

Bate aqui  Kkk (S4)

Dessa realização linguística, destacamos como Unidade de Significado o **emoticon** , representando uma mão aberta e virada para frente. Esse signo é um marcador paralinguístico que significa um gesto culturalmente interpretado como indicativo de apoio. Isso nos conduz a afirmar ser esse elemento de significação um sinal de “validação interlocutória” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 8) por meio do qual S4 responde ao comentário de S3, manifestando o seu engajamento no evento comunicativo.

Síntese da Descrição 5

Na Descrição 5, os sujeitos utilizam o português escrito:

- ✓ com características de uma comunicação face a face
- ✓ Com abreviação de palavras
- ✓ Com escrita oralizada
- ✓ Com marcadores verbais lexicalizados com função pragmática

- ✓ Com marcadores verbais não lexicalizados com função pragmática
- ✓ Com pontuação inovadora
- ✓ Com marcador paralinguístico

DESCRIÇÃO 6



Fonte: www.facebook.com

Continuando a trajetória de identificação das Unidades de Significado e explicitação dos textos/descrições dos sujeitos, volvemos o nosso olhar para a Descrição 6, destacando as Unidades de Significado presentes nas seguintes realizações linguísticas:

Meu Deus...O Barcelona ganhou? Caracas... (S1A)
 Jogo **maravilhosooo!!** Amei!! **Kkkkkkkkk** (S2)
 Melhor jogo do ano 🍷 (S3)
 Foi inacreditável (S4)
Ali sabe é jogar meu amigo! **Kkkkkkkkk** (S5)
 Inacreditável! **...kkkkk** (S6)
 Quem mais se destacou no jogo? (S7)
 Neymar **claro!!** (S2)
 🍷 (S2)
kkkkk chefe é chefe **né pae** (S7)

Iniciamos nossa análise, destacando a realização linguística de S1A, a qual contextualiza todas as intervenções subsequentes:

Meu Deus...O Barcelona ganhou? Caracas... (S1A)

Como podemos observar, o ato de fala desencadeador do evento comunicativo é construído pela publicação de um comentário de S1A acerca de um jogo de futebol envolvendo o time espanhol Barcelona, no qual esse time saiu

vitorioso. Nesse evento comunicativo, identificamos a presença de 7 (sete) interagentes que se alternam através da técnica de “auto escolha” (MARCUSCHI, 1986, p. 20), para comentar a postagem de S1A.

A Descrição 6 ratifica a postulação de Fávero (1993) a respeito da organicidade do tópico da conversação, propriedade tópica que possibilita ao tópico central ou supertópico agregar outros subtópicos. Assim, S1A propõe o supertópico “jogo do Barcelona”, sobre o qual a maioria das interações faz referência. Esse supertópico se desdobra no subtópico “jogador que obteve maior destaque no jogo”, proposto por S7, cuja propositura possibilita a formação do par adjacente pergunta-resposta (MARCUSCHI, 1986), uma vez que a pergunta de S7 acerca de quem mais se destacou no jogo provoca uma resposta de S2, que afirma ter sido Neymar, conforme podemos comprovar a seguir:

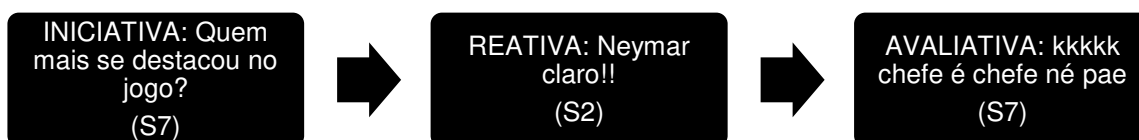
Pergunta: Quem mais se destacou no jogo? (S7)

Resposta: Neymar claro!! (S2)

Em seguida, S7 avalia a resposta de S2 por meio da seguinte realização linguística:

“kkkkk chefe é chefe né pae”.

Essa realização linguística denota a admiração de S7 pelo jogador, cuja atuação, naquele jogo, também não lhe causa estranheza. A presença dessa intervenção confirma a teoria de Kerbrat-Orecchioni (2006) acerca da possibilidade de o par adjacente pergunta-resposta gerar uma terceira intervenção, que é chamada de avaliativa, conforme já comentamos, anteriormente, na Descrição 1. Retomando o esquema que utilizamos na referida Descrição, temos:



Fonte: Esquema adaptado de Kerbrat-Orecchioni (2006)

Ainda penetrando a teia de sentidos possibilitados pela realização linguística de S1A, destacamos as Unidades de Significado **Meu Deus** e **Caracas**, interjeições que, nesse contexto, se constituem marcadores verbais lexicalizados, com função pragmática. Por meio dessas Unidades de Significado, S1A expressa surpresa diante da vitória do Barcelona.

Dessa realização linguística, destacamos também a Unidade de Significado **Reticências**, marcador prosódico que S1A utiliza após as interjeições “Meu Deus” e “Caracas” para marcar uma pausa indicativa do seu estado emocional ao falar do resultado daquele jogo. Dessa forma, a primeira ocorrência desse elemento de significação enquadra-se em um dos usos definidos por Cunha e Cintra (2001, p. 661): aquele em que esse sinal é colocado “antes de uma palavra ou de uma expressão que se quer realçar”, pois antecede a pergunta retórica para a qual S1A não espera resposta, mas procura repeti-la para si mesmo, como se tivesse dificuldades para acreditar no que acabara de falar – O Barcelona ganhou? Na segunda ocorrência, as reticências assinalam uma suspensão provocada por surpresa de quem fala (CUNHA; CINTRA, 2001).

Continuando a trajetória de explicitação de sentidos, lançamos o nosso olhar para as duas primeiras realizações linguísticas de S2:

Jogo **maravilhosooo!!** Amei!! Kkkkkkkkk
Neymar **claro!!**

Dessas realizações linguísticas, destacamos as Unidades de Significado **maravilhosooo**, **ponto de exclamação** e **claro** (S2).

A Unidade de Significado **maravilhosooo** é um marcador prosódico cuja significação está na forma como aparece grafado: com a repetição da vogal /o/. Conforme podemos perceber, ao optar por essa forma linguística, S2 reinventa a escrita convencional na tentativa de conseguir reproduzir o fenômeno da duração (MARTINS, 2002), dando a perceber que não pretende apenas atribuir uma característica positiva ao jogo, mas também traduzir a gradação dessa qualidade, caso em que, na conversação face a face, comumente os interlocutores recorrem ao alongamento vocálico. A opção por uma escrita oralizada representa um dentre tantos outros arranjos criativos, capturados das Descrições analisadas, que revelam a potencialidade existente na língua de se adequar *ad infinitum* às intenções do falante, já que “são os usos que fundam a língua e não o contrário” (MARCUSCHI, 2007, p. 9).

O **ponto de exclamação**, como elemento de significação, é um marcador prosódico que aparece reiterado nas duas ocorrências, dando mais expressividade à opinião de S2 acerca do jogo e conferindo um caráter mais efusivo ao seu comentário, conforme podemos comprovar a seguir:

Jogo maravilhosooo!! Amei!! Kkkkkkkkk
Neymar claro!!

A Unidade de Significado **claro** é um marcador verbal lexicalizado com função textual, enquadrando-se em uma das funções postuladas por Castilho (2014, p. 49): a de marcador textual com função “modalizadora do tópico”, uma vez que esse marcador contém uma asseveração de S2 acerca da performance de Neymar.

Damos continuidade à compreensão da Descrição 6, destacando as Unidades de Significado **Kkkkkkkkkk** e **kkkkk**, presentes nas seguintes realizações linguísticas:

Jogo maravilhosooo!! Amei!! **Kkkkkkkkkk** (S2)

Ali sabe é jogar meu amigo! **Kkkkkkkkkk** (S5)

Inacreditável!! ...**kkkkk** (S6)

kkkkk chefe é chefe né pae (S7)

Essas Unidades de Significado, conforme já explicitado nas Descrições 1 e 5, constituem-se um marcador verbal não lexicalizado com função pragmática. Esses elementos de significação se revelam com as mesmas características das apresentadas na Descrição 5, no que se refere à representação do som de gargalhadas breves e longas, atribuindo um sentido entusiástico ao evento comunicativo.

Prosseguindo nossa análise, destacamos a realização linguística de S3:

Melhor jogo do ano 🍷 (S3)

Apontamos como Unidade de Significado 🍷, o marcador paralinguístico representando uma carinha com os olhos em forma de coração. Por meio desse marcador, S3 tenta traduzir, graficamente, uma expressão fisionômica denotativa de admiração.

Dando prosseguimento ao movimento do ver intencional, passamos a atribuir sentido à Unidade de Significado destacada na realização linguística de S5:

Ali sabe é jogar meu amigo! Kkkkkkkkkk

A Unidade de Significado **Ali** é um marcador verbal lexicalizado com função textual que, devido à relação intrínseca com o contexto da enunciação, colabora para a coesão dos sentidos do texto, apontando para o referente Barcelona, a quem S5 elogia, entusiasticamente, a performance no jogo.

Continuando nossa busca de compreensão, lançamos nosso olhar interrogativo para a realização linguística de S6:

Inacreditável!! ... kkkkk

Dessa realização linguística, destacamos as **reticências** como Unidade de Significado, um marcador prosódico por meio do qual S6 assinala uma pausa de

ênfase (MARCUSCHI, 1986) e uma inflexão de natureza emocional, a qual revela um misto de surpresa e alegria, advinda com o resultado do jogo.

Direcionando nosso olhar novamente para a Descrição 6, colocamo-nos diante de mais uma Unidade de Significado presente na realização linguística de S2:



Essa Unidade de Significado, um marcador paralinguístico representando uma carinha sorridente, constitui sozinha um turno conversacional, por meio do qual S2 completa sua resposta à pergunta de S7 sobre quem mais se destacou no jogo, conforme podemos observar em:

Quem mais se destacou no jogo? (S7)

Neymar claro!! (S2)



(S2)

Convém ressaltar que a pergunta de S7 foi respondida por S2 em dois turnos consecutivos, como se esse interagente tivesse percebido, após responder à pergunta de S7, a necessidade de esboçar uma reação mais polida, o que o fez enviar o *emoticon*, denotando uma estratégia de polidez para manter o caráter harmonioso da relação (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006).

Concluindo a explicitação da Descrição 6, destacamos a Unidade de Significado presente na realização linguística de S7:

kkkkk chefe é chefe **né** pae

A Unidade de Significado **né**, marcador verbal lexicalizado com função pragmática, se revela, nesse contexto, como marcador de apoio (MACEDO; SILVA, 1987 *apud* CASTILHO, 2014, p. 49), conforme já explicitado na Descrição 1.

Síntese da Descrição 6:

Na Descrição 6, os sujeitos utilizam o português escrito:

- ✓ Com características de uma comunicação face a face
- ✓ Com marcadores verbais lexicalizados com função pragmática
- ✓ Com marcadores verbais lexicalizados com função textual
- ✓ Com marcador verbal não lexicalizados com função pragmática
- ✓ Com escrita oralizada
- ✓ Com pontuação inovadora
- ✓ Com marcador paralinguístico

DESCRIÇÃO 7



Fonte: www.facebook.com

Dando continuidade à leitura e releitura atenta dos textos/descrições dos sujeitos, num movimento de afastamento/aproximação em relação ao fenômeno *Marcadores Conversacionais*, nosso olhar agora se volta para a Descrição 7. Assim, buscamos atribuir sentido às Unidades de Significado presentes nas seguintes realizações linguísticas:

Parabéns a você que esteve acordado até esta hora **e** assistiu a conversa com Bial **e** teve o prazer de ouvir as sábias palavras da Ministra Carmen Lúcia... Estou lisonjeado. (S1A)

Amigo, eu assisti com João. Virei fã dessa mulher!! **Meu Deus...** que mulher incrível! Quero ser igual a ela quando crescer 😍😍😍 Minha musa inspiradora!! Tô muito in love 🥰🥰🥰 (S2)

Vejo tantas pessoas “emprenhando” os olhos com programações, tal como o bbb, **e** agora perdem uma aula gratuita dessas. (S1A)

Poxa não assisti. Queria ter olhado. Vou procurar na Internet (S3)
recomendo, **muito bom**. (S1A)

Iniciamos nossa análise pela primeira realização linguística de S1A, a qual contém o contexto estruturador dessa conversação:

Parabéns a você que esteve acordado até esta hora **e** assistiu a conversa com Bial **e** teve o prazer de ouvir as sábias palavras da Ministra Carmen Lúcia... Estou lisonjeado. (S1A)

Conforme podemos observar, o contexto motivador dessa conversação é o comentário de S1A acerca de um programa que assistira na televisão: *Conversa com Bial*. Assim, fazem parte dessa troca comunicativa os interagentes S1A, S2 e S3, que se alternam através da técnica de “auto-escolha” (MARCUSCHI, 1986, p. 20) para comentar a entrevista da Ministra Cármen Lúcia, no referido programa de televisão.

Dessa forma, S1A propõe como tópico conversacional “a ministra Carmen Lúcia” o qual é discutido em uma “interação centrada” (MARCUSCHI, 1986, p. 15), configurando-se também nessa conversação, como em todas as outras Descrições selecionadas para análise, *o princípio geral da cooperação*, em que “cada participante reconhece um propósito comum ou um conjunto de propósitos, ou, no mínimo, uma direção mutuamente aceita” (GRICE 1967 *apud* CASTILHO 2014, p. 29). E assim compreendendo e validando os enunciados uns dos outros, S1A, S2 e S3 constroem colaborativamente “uma sequência de ações coordenadas” (MARCUSCHI, 1986, p.15) em prol de um propósito comunicativo.

Ainda percorrendo a tessitura da primeira realização linguística de S1A, destacamos como Unidade de Significado a palavra **e**, presente também na segunda realização linguística de S1A. Esse elemento de significação organiza o encadeamento das ações relatadas por esse interagente, as quais vão sendo adicionadas no decorrer da progressão tópica:

Parabéns a você que esteve acordado até esta hora **e** assistiu a conversa com Bial **e** teve o prazer de ouvir as sábias palavras da Ministra Carmen Lúcia... Estou lisonjeado. (S1A)
Vejo tantas pessoas “emprenhando” os olhos com programações, tal como o bbb, **e** agora perdem uma aula gratuita dessas. (S1A)

Essa Unidade de Significado é um marcador verbal lexicalizado com função textual, pois atua como elemento organizador do texto enquanto estrutura linguística. Gramaticalmente, esse elemento de significação é uma conjunção coordenativa aditiva derivada “do étimo latino *et*, que significava aproximadamente ‘e também’, ‘e mesmo’, ‘e mais’, ‘e então’, servindo para acrescentar informações adicionais a algo já dito, às vezes com um valor de inclusão” (CASTILHO, 2010, p. 349).

Enquanto organizador do texto conversacional, a palavra “e” marca o momento da conversação em que S1A vai ligando porções menores que compõem o tópico discutido. Nesse contexto, a Unidade de Significado “e” tem propriedades tanto discursivas quanto sintáticas (CASTILHO, 2010) e ambas se revelam nas duas realizações linguísticas de S1A. Discursivamente, esse elemento de significação organiza a progressão temática no interior dos turnos de “fala” de S1A.

Na primeira realização linguística de S1A, sintaticamente, esse elemento de significação tem a função de unir as seguintes sentenças: “Parabéns a você que esteve acordado até esta hora”, “assistiu a conversa com Bial” e “teve o prazer de ouvir as sábias palavras da Ministra Carmen Lúcia”. Na segunda, esse marcador

estabelece o elo coesivo entre “Vejo tantas pessoas “emprenhando” os olhos com programações, tal como o bbb ” e “agora perdem uma aula gratuita dessas”.

Da realização linguística “Parabéns a você que esteve acordado até esta hora e assistiu a conversa com Bial e teve o prazer de ouvir as sábias palavras da Ministra Carmen Lúcia... Estou lisonjeado. (S1A)”, destacamos, ainda, a Unidade de Significado **reticências**.

Esse elemento de significação é um marcador prosódico que tem se evidenciado muito produtivo na marcação de pausas. Conforme podemos observar, as reticências utilizadas por S1A encerram uma pausa de separação (MARCUSCHI, 1986) entre as unidades comunicativas no interior do turno, servindo também para indicar que a ideia que esse interagente desejou exprimir não se “completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 660).

Essa Unidade de Significado também se faz presente na segunda realização linguística de S2:

Amigo, eu assisti com João. Virei fã dessa mulher!! Meu Deus... que mulher incrível! Quero ser igual a ela quando crescer 🤔🤔🤔 Minha musa inspiradora!! Tô muito in love 🥰🥰🥰 (S2)

Nessa realização linguística, as reticências assinalam uma pausa de ênfase (MARCUSCHI, 1986) por meio da qual o interagente S2 realça o elogio que faz à ministra Cármen Lúcia.

Ainda da realização linguística de S2, destacamos as seguintes Unidades de Significado: **Amigo, ponto de exclamação, Meu Deus**.

As Unidades de Significado **Amigo** e **Meu Deus** são marcadores verbais lexicalizados com função pragmática. Ao empregar o vocativo “Amigo”, S2 direciona a fala a S1A, indicando envolvimento na conversação. Em relação a “Meu Deus”, podemos afirmar que, por meio dessa locução interjetiva, S2 expressa sua admiração pela ministra Cármen Lúcia. Esse elemento de significação faz parte dos recursos da linguagem afetiva (CAMARA JÚNIOR, 1974), utilizado quando precisamos expressar emoções decorrentes de uma situação comunicativa particular. Quanto à Unidade de Significado **ponto de exclamação**, podemos afirmar que esse elemento se revela como um marcador prosódico. Sua significação está na forma reiterada com que aparece grafado, estratégia interlocutória que confere maior expressividade ao comentário do interagente S2.

Dando continuidade à análise da realização linguística de S2, destacamos as Unidades de Significado  e . A primeira, representada por uma carinha sorrindo até sair lágrimas, foi empregada para atribuir um sentido bem humorado à afirmação “Quero ser igual a ela quando crescer”. A segunda, representada por uma carinha com os olhos em forma de coração, traduz, graficamente, um sentimento de admiração, pois S2, “está muito *in love*”, em relação à ministra Cármen Lúcia. Ambas as Unidades de Significado são marcadores paralinguísticos.

Convém destacar que esses *emoticons* ilustram a capacidade que os sujeitos possuem de, também nas redes sociais da *Web*, exprimir “na linguagem os sentimentos de simpatia, entusiasmo ou repulsa que lhe despertam as ideias enunciadas” (CÂMARA JÚNIOR., 1974, p. 55).

Continuando nossa busca de compreensão dos sentidos da Descrição 7, lançamos nosso olhar interrogativo para a realização linguística de S3:

Poxa não assisti. Queria ter olhado. Vou procurar na Internet (S3)

Dessa realização linguística, destacamos a Unidade de Significado **poxa** (S3), marcador verbal lexicalizado com função pragmática. Esse elemento de significação consiste em uma representação coloquial da forma padrão “puxa!”, interjeição que nesse contexto exprime o sentimento de frustração por parte de S3, pelo fato de não ter assistido à entrevista da ministra Cármen Lúcia.

Nessa busca de compreender os sentidos possibilitados pelos signos que formam a tessitura da Descrição 7, colocamo-nos diante de mais uma realização linguística de S1A:

recomendo, **muito bom**. (S1A)

Dessa realização linguística, damos destaque à Unidade de Significado **muito bom** (S1A), um marcador verbal lexicalizado com função textual. Por meio desse marcador, S1A modaliza o tópico, asseverando a relevância de assistir à entrevista com a ministra Carmem Lúcia.

Síntese da Descrição 7

Na Descrição 7, os sujeitos utilizam o português escrito:

- ✓ Com características de uma comunicação face a face
- ✓ Com marcadores verbais lexicalizados com função pragmática
- ✓ Com marcadores verbais lexicalizados com função textual

- ✓ Com pontuação inovadora
- ✓ Com marcador paralinguístico

5.2.2 Análise Nomotética

Do mergulho na subjetividade dos discursos e na experiência de pensar e agir dos sujeitos, por meio da *Análise Ideográfica*, passamos a realizar uma meta-compreensão do fenômeno investigado, por meio da *Análise Nomotética*. Esse momento consiste na convergência dos textos/descrições, a partir das Unidades de Significado extraídas das sete Descrições analisadas, resultando na emergência de nossas categorias²⁴ de análise.

Esse momento da trajetória metodológica foi realizado em dois outros momentos: o de identificação das Categorias Abertas e o de Interpretação dos Resultados.

5.2.2.1 Identificação das Categorias Abertas

Concluída a explicitação dos textos/descrições dos sujeitos, as Unidades de Significado foram cruzadas entre si e convergiram para as Categorias Abertas. Essas Unidades de Significado e as Categorias Abertas estão identificadas no Quadro a seguir:

QUADRO 3 – Quadro de Convergência das Descrições e Identificação das Categorias Abertas

CATEGORIAS ABERTAS	UNIDADES DE SIGNIFICADO	DESCRIÇÕES
MARCADOR VERBAL LEXICALIZADO	amiga , pq não colocou a outra.... eu com esse troço na cabeça..... 🤔 (S2)	D1
	Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. aaffsss (S2)	D1
	 Zamores (S1A)	D2
	Misericórdia. .. quem e essa mãe (S4)	D3

²⁴ Na Fenomenologia, as categorias representam possibilidades abertas, pois circunscrevem a situacionalidade do fenômeno sem, no entanto, impedir a sua transcendência. Dessa forma, essas categorias são ancoradas não na “consciência e nas categorias humanas, mas sim na manifestação da coisa com que nos deparamos, da realidade que vem ao nosso encontro” (ESPÓSITO, 1993, p. 98).

	Misericórdia (S6)	D3
	Misericórdia , quanta malvadeza diante desse inocente q n pediu pra vim ao mundo. (S9)	D3
	nossa... 🤔 (S7)	D3
	Puxei pra vc amiga lindaaaaaa! Te amoooooooooooo mais que chocolate!! 🍫 (S1A)	D4
	Aff o povo fica se acabando por causa de política misericórdia . (S2)	D5
	Meu Deus... O Barcelona ganhou? Caracas... (S1A)	D6
	Neymar claro!! (S2)	D6
	Ali sabe é jogar meu amigo! Kkkkkkkkk (S5)	D6
	kkkkk chefe é chefe né pae (S7)	D6
	Parabéns a você que esteve acordado até esta hora e assistiu a conversa com Bial e teve o prazer de ouvir as sábias palavras da Ministra Carmen Lúcia... Estou lisonjeado. (S1A)	D7
	Vejo tantas pessoas “emprenhando” os olhos com programações, tal como o bbb, e agora perdem uma aula gratuita dessas. (S1A)	D7
	Amigo , eu assisti com João. Virei fã dessa mulher!! Meu Deus... que mulher incrível! Quero ser igual a ela quando crescer 🤔🤔🤔 Minha musa inspiradora!! Tô muito in love 🍷🍷🍷🍷 (S2)	D7
MARCADOR VERBAL NÃO LEXICALIZADO	Poxa não assisti. Queria ter olhado. Vou procurar na Internet (S3)	D7
	recomendo, muito bom . (S1A)	D7
	kkkkk só faltastes vc.. (S1A)	D1
	kkkkkk essa ficou melhor (S1A)	D1
	Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. aaffsss (S2)	D1
	Hummmmmm.... vcssss heimmm... (S3)	D2
	kkk (S1A)	D5
	Bate aqui 🤔 Kkk (S4)	D5
	Voh votar em branco... talvez ele ganhe!! kkkkkkkkkkk ooooh povo q gosta d uma infunfa... aff (S3)	D5
	Kkkkkkk (S3)	D5

	Aff o povo fica se acabando por causa de política misericórdia. (S2) Jogo maravilhosooo!! Amei!! Kkkkkkkkk (S2) Ali sabe é jogar meu amigo! Kkkkkkkkk (S5) Inacreditável! ...kkkkk (S6) kkkkk chefe é chefe né pae (S7)	D5 D6 D6 D6 D6
PONTUAÇÃO	Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. aaffsss (S2) amiga, pq não colocou a outra.... eu com esse troço na cabeça.... 🤔 (S2) Hummmmmmm....vcssss heimmm... (S3) Que tristeza senhor! !! (S3) Misericórdia. .. quem e essa mãe (S4) nossa... 🤔 (S7) Quem é essa gata?????? (S2) Linda amga 🤔 ...Teamo (S3) Voh votar em branco... talvez ele ganhe!! kkkkkkkkkk ooooh povo q gosta d uma infunfa...aff (S3) Meu Deus...O Barcelona ganhou? Caracas... (S1A) Jogo maravilhosooo!! Amei!! Kkkkkkkkk (S2) Inacreditável! ...kkkkk (S6) Parabéns a você que esteve acordado até esta hora e assistiu a conversa com Bial e teve o prazer de ouvir as sábias palavras da Ministra Carmem Lúcia... Estou lisonjeado. (S1A) Amigo, eu assisti com João. Virei fã dessa mulher!! Meu Deus... que mulher incrível! Quero ser igual a ela quando crescer 🤔🤔🤔 Minha musa inspiradora!! Tô muito in love 🤔🤔🤔🤔 (S2)	D1 D1 D2 D3 D3 D3 D4 D4 D5 D6 D6 D6 D7 D7
ESCRITA ORALIZADA	kkkkk só faltastes vc.. (S1A) kkkkkk essa ficou melhor (S1A) Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. aaffsss (S2) Hummmmmmm....vcssss heimmm... (S3)	D1 D1 D1 D2

	Puxei pra vc amiga lindaaaaaa! Te amoooooooooooo mais que chocolate! 🍰 (S1A)	D4
	Voh votar em branco... talvez ele ganhe!! kkkkkkkkkkk ooooh povo q gosta d uma infunfa...aff (S3)	D5
	kkk (S1A)	D5
	Bate aqui 🍷 Kkk (S4)	D5
	Kkkkkkk (S3)	D5
	Jogo maravilhosooo!! Amei!! Kkkkkkkkk (S2)	D6
	Ali sabe é jogar meu amigo! Kkkkkkkkk (S5)	D6
	Inacreditável! ...kkkkk (S6)	D6
ABREVIACÃO	kkkkk só faltastes vc.. (S1A)	D1
	Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. aaffsss (S2)	D1
	amiga, pq não colocou a outra.... eu com esse troço na cabeça..... 🤪 (S2)	D1
	Hummmmmmm.... vcssss heimmm... (S3)	D2
	eu sou importante, por isso tô n foto e fui marcada (S4)	D2
	Parece ter sido espacando pelos os hematomas não parece ter sido coisa leve não essa mulher é muito irresponsável deve ir pressa mesmo q não saía nunca mais 🍌🍌🍌 (S2)	D3
	Misericórdia, quanta malvadeza diante desse inocente q n pediu pra vim ao mundo. (S9)	D3
	Puxei pra vc amiga lindaaaaaa! Te amoooooooooooo mais que chocolate!! 🍰 (S1A)	D4
MARCADOR PARALINGUÍSTICO	Voh votar em branco... talvez ele ganhe!! kkkkkkkkkkk ooooh povo q gosta d uma infunfa...aff (S3)	D5
	amiga, pq não colocou a outra.... eu com esse troço na cabeça..... 🤪 (S2)	D1
	Só os “importantes” são marcado na foto pessoal! O resto tá podi 🤪 (S2)	D2
	🍌🍌🍌🍌🍌 Zamores (S1A)	D2
	Parece ter sido espacando pelos os hematomas não parece ter sido coisa leve não essa mulher é	D3

	muito irresponsável deve ir pressa mesmo q não saía nunca mais 🍌🍌🍌 (S2) nossa... 🍌 (S7) 🍌 (S8) Linda amga 🍌 ...Teamo (S3) Puxei pra vc amiga lindaaaaaa! Te amoooooooooooo mais que chocolate!! 🍌 (S1A) Bate aqui 🍌 Kkk (S4) Melhor jogo do ano 🍌 (S3) 🍌 (S2) Amigo, eu assisti com João. Virei fã dessa mulher!! Meu Deus... que mulher incrível! Quero ser igual a ela quando crescer 🍌🍌🍌 Minha musa inspiradora!! Tô muito in love 🍌🍌🍌 (S2)	D3 D3 D4 D4 D5 D6 D6 D7
--	---	---

O movimento de convergência das Descrições, para identificação das Categorias Abertas, está descrito no Quadro 4.

Quadro 4 – Quadro Ilustrativo de Convergência das Descrições

DESCRIÇÕES CATEGORIAS	D1	D2	D3	D4	D5	D6	D7	TOTAL
MARCADOR VERBAL LEXICALIZADO	05	01	04	01	01	05	06	23
MARCADOR VERBAL NÃO LEXICALIZADO	02	02	00	00	07	04	00	15
PONTUAÇÃO	01	02	03	02	03	05	04	20
ESCRITA ORALIZADA	03	03	00	02	05	05	00	18
ABREVIACÃO	04	02	03	01	02	00	00	12

MARCADOR PARALINGUÍSTICO	01	02	03	02	01	02	02	13
---------------------------------	----	----	----	----	----	----	----	----

5.2.2.2 Interpretação dos Resultados

Conforme explicitado no item 5.2.2.1, o qual trouxe à luz as convergências das Descrições reveladas pelo português escrito no *Facebook*, num movimento de reflexão e de compreensão para que o fenômeno se tornasse visível, retomamos a Questão Norteadora que direcionou nossa trajetória metodológica: Como os marcadores conversacionais se manifestam nos textos escritos no *Facebook*?

Damos início, assim, à compreensão das seis categorias que emergiram das sete Descrições analisadas: *Marcador Verbal Lexicalizado*, *Marcador Verbal Não Lexicalizado*, *Pontuação*, *Escrita Oralizada*, *Abreviação* e *Marcador Paralinguístico*. A partir dessas categorias, damos continuidade à leitura dos dados da investigação, aguçando nossa percepção para de novo adentrar no mundo do texto/discurso, pois segundo Ricoeur (1991, p. 201),

A reconstrução do texto enquanto todo oferece, como consequência, um caráter circular, no sentido de que está implicado no reconhecimento das partes. E, reciprocamente, é, ao construir os pormenores, que reconstruímos o todo.

Neste novo adentrar no mundo do texto/discurso, volvemos a nossa consciência para refletir sobre as Categorias Abertas, extraídas de um horizonte de possibilidades, atribuindo sentido a cada uma delas, isoladamente, sem perder de vista a inter-relação que mantêm umas com as outras, visto que emergem imbricadas. E assim examinando os seus pormenores, buscamos estabelecer intersignificações, percorrendo a trilha teórica delineada na pesquisa, bem como a outros teóricos que se fizeram necessários para auxiliar o nosso percurso de compreensão.

A primeira Categoria Aberta a ser clarificada/significada é *Marcador Verbal Lexicalizado*. Essa categoria se manifesta nas seguintes Unidades de Significado:

amiga, pq não colocou a outra....eu com esse troço na cabeça..... 🤔 (D1)

Essa ficou melhor pq vc saiu legal **né..** aaffsss (D1)

🍷🍷🍷🍷🍷 **Zamores** (D2)

Misericórdia. .. quem e essa mãe (D3)

Misericórdia (D3)

Misericórdia, quanta malvadeza diante desse inocente q n pediu pra vim ao mundo. (D3)

nossa... 🤔 (D3)

Puxei pra vc **amiga** lindaaaaaa! Te amoooooooooooo mais que chocolate!! 🍫 (D4)
 Aff o povo fica se acabando por causa de política **misericórdia**. (D5)
Meu Deus...O Barcelona ganhou? **Caracas...** (D6)
 Neymar **claro!!** (D6)
Ali sabe é jogar meu amigo! Kkkkkkkkk (D6)
 kkkkk chefe é chefe **né** pae (D6)
 Parabéns a você que esteve acordado até esta hora **e** assistiu a conversa com Bial **e** teve o prazer de ouvir as sábias palavras da Ministra Carmen Lúcia... Estou lisonjeado. (D7)
 Vejo tantas pessoas “emprenhando” os olhos com programações, tal como o bbb, **e** agora perdem uma aula gratuita dessas. (D7)
Amigo, eu assisti com João. Virei fã dessa mulher!! **Meu Deus...** que mulher incrível! Quero ser igual a ela quando crescer 🍷🍷🍷 Minha musa inspiradora!! Tô muito in love 🍷🍷🍷 (D7)
Poxa não assisti. Queria ter olhado. Vou procurar na Internet (D7)
 recomendo, **muito bom**. (D7)

Nessas Unidades de Significado, são encontrados os seguintes marcadores verbais lexicalizados: **amiga** (D1 e D4), **essa** (D1), **né** (D1 e D6), **zamores** (D2), **misericórdia** (D3 e D5), **nossa** (D3), **Meu Deus** (D6 e D7), **Caracas**, **claro** e **ali** (D6), **e**, **amigo**, **poxa** e **muito bom** (D7). Os sujeitos da pesquisa empregam esses marcadores com *função textual* e com *função pragmática*. Segundo Marcuschi (1989), os marcadores com *funções textuais* estão direcionados para a tessitura do texto conversacional e os marcadores com *funções pragmáticas* estão voltados para a interação verbal.

Os marcadores verbais lexicalizados com *função textual* se manifestam por meio dos termos negritados nas seguintes Unidades de Significado:

kkkkkk **essa** ficou melhor (D1)
Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. aaffsss (D1)
 Meu Deus...O Barcelona ganhou? Caracas... (D6)
 Jogo maravilhosooo!! Amei!! Kkkkkkkkk (D6)
 Melhor jogo do ano 🍷 (D6)
 Foi inacreditável (D6)
 Neymar **claro!!** (D6)
Ali sabe é jogar meu amigo! Kkkkkkkkk (D6)
 Parabéns a você que esteve acordado até esta hora **e** assistiu a conversa com Bial **e** teve o prazer de ouvir as sábias palavras da Ministra Carmen Lúcia... Estou lisonjeado. (D7)
 Vejo tantas pessoas “emprenhando” os olhos com programações, tal como o bbb, **e** agora perdem uma aula gratuita dessas. (D7)
 recomendo, **muito bom**. (D7)

Buscando apreender os sentidos dos marcadores verbais lexicalizados, podemos afirmar que eles são recursos linguísticos que funcionam como elementos articuladores da conversação. Os marcadores verbais **essa** (D1), **claro**, **ali**, **e** (D6), **muito bom** (D7) servem de “elo de ligação entre unidades comunicativas” (MARCUSCHI, 1986, p. 61), organizando o encadeamento das estruturas linguísticas e a coesão textual, compreendida como “todos os processos de sequencialização que

asseguram (ou tornam recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que ocorrem na superfície textual” (KOCH, 2004, p. 18).

Nas Descrições analisadas, esses marcadores evidenciam características da conversação face a face: o marcador **essa** (D1) tem a função de promover a manutenção do tópico da conversação, ratificando o que afirma Marcuschi (1986) a respeito de esses recursos demarcarem o funcionamento do tópico no texto conversacional; os termos **claro** (D6) e **muito bom** (D7) funcionam como modalizadores do tópico, por meio dos quais os interlocutores se manifestam asseverando: certeza em D6 e juízo de valor em D7, corroborando a postulação de Marcuschi (1989) a respeito da função dos marcadores enquanto elementos indicadores de força ilocutória.

Em relação ao item gramatical **ali** (D6), os sujeitos o empregaram como marcador conversacional. No contexto em que foi empregado, esse elemento perdeu o seu valor locativo, uma vez que assume uma função mais discursiva. Assim, podemos afirmar que houve uma espécie de atualização pragmática no uso do marcador “ali”, havendo, portanto, o que Martelota et al (1996 *apud* MENDES, 2013, p. 288), denominou de “discursivização ou pragmatização”. Esse fenômeno se explica pelo fato de que “Para além do desempenho de funções ao nível da estruturação do texto, é frequente que unidades linguísticas gramaticalizadas ganhem funções ao nível do discurso e da pragmática” (MENDES, 2013, p. 288).

O processo ora explicitado pode ser também observado no exemplo encontrado em Mendes (2013), no qual o advérbio “bem” perde o seu significado de modo e ganha funções de marcador discursivo que assinala a tomada de turno (64a) ou preenchimento de pausas (64b):

- (64) a. A – e...que mais é que elas fazem?
 B – *bem*, agora estão a lavar as grelhas, depois para o tempo da...da sardinha descabeçam as sardinhas (CRPC, PF 0147)
- b. pois, ouve-se a música, *bem*, o que é que isto será, *bem*, isto é o mar a rugir, é uma cavalgada (CRPC, PF 0049) (MENDES, 2013, p. 289).

Sobre o marcador verbal **e**, nas Unidades de Significado destacadas das Descrições dos sujeitos da pesquisa, podemos afirmar que esse marcador organiza a progressão tópica, ligando sintática e discursivamente as porções menores que compõem o texto conversacional na D7. Esse marcador se enquadra entre os marcadores mediais de função coesiva representados por algumas conjunções e advérbios como: mas, agora, porque, então, depois, além disso, responsáveis pela

estruturação das unidades que compõem o diálogo (GALEMBECK; CARVALHO, 1997).

Os marcadores verbais lexicalizados com *função pragmática* se revelaram nas sete Descrições analisadas, conforme podemos comprovar a seguir:

amiga, pq não colocou a outra....eu com esse troço na cabeça..... 😊 (D1)
 Essa ficou melhor pq vc saiu legal **né**.. aaffsss (D1)
 🍌🍌🍌🍌🍌 **Zamores** (D2)
Misericórdia. .. quem e essa mãe (D3)
Misericórdia (D3)
Misericórdia, quanta malvadeza diante desse inocente q n pediu pra vim ao mundo. (D3)
nossa... 🤔 (D3)
 Puxei pra vc **amiga** lindaaaaaa! Te amoooooooooooo mais que chocolate!! 🍫 (D4)
 Aff o povo fica se acabando por causa de política **misericórdia**. (D5)
Meu Deus...O Barcelona ganhou? **Caracas**... (D6)
 kkkkk chefe é chefe **né** pae (D6)
Amigo, eu assisti com João. Virei fã dessa mulher!! **Meu Deus**... que mulher incrível! Quero ser igual a ela quando crescer 🍌🍌🍌🍌🍌 Minha musa inspiradora!! Tô muito in love 🍌🍌🍌🍌🍌 (D7)
Poxa não assisti. Queria ter olhado. Vou procurar na Internet (D7)

Nas Unidades de Significado destacadas, encontramos os seguintes marcadores verbais lexicalizados com *função pragmática*: **amiga** (D1), **né** (D1 e D6), **Zamores** (D2), **misericórdia** (D3 e D5), **nossa** (D3), **amiga** (D4), **Meu Deus** (D6 e D7), **Caracas** (D6), **Amigo** e **Poxa** (D7).

Esses marcadores integram os sinais do falante e sinais do ouvinte (MARCUSCHI, 1986) e, por meio deles, os sujeitos monitoram o intercâmbio comunicativo, dando sinais de envolvimento na conversação. Os marcadores verbais **misericórdia** (D3 e D5), **nossa** (D3), **Meu Deus** (D6 e D7), **Caracas** (D6), **Poxa** (D7) funcionam como interjeições, “frases emocionais” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 592) utilizadas para traduzir as mais variadas emoções dos interagentes. Assim, os sujeitos atribuem sentidos vários aos marcadores verbais que acionaram: o marcador **misericórdia** revela espanto e comoção (D3), ironia e lamento (D5); o marcador **Meu Deus** expressa tanto surpresa (D6) quanto admiração (D7); o marcador **caracas** (D6) indica surpresa; o marcador **poxa** (D7) traduz frustração.

Em relação ao marcador **nossa** (D3), podemos dizer que os sujeitos atribuíram a ele uma função mais discursiva, ao representar um sentimento de irritação. Neste caso, ele deixa de ser um item pleno, ao perder o seu valor possessivo, sendo este mais um caso de “discursivização ou pragmatização” (MARTELOTA et al 1996 *apud* MENDES, 2013, p. 288), fenômeno já explicitado, anteriormente.

Conforme podemos observar, não há uma fixidez no sentido das interjeições, o que ratifica a afirmação de Cunha e Cintra (2001) acerca do contexto, enquanto elemento definidor das significações possíveis.

Carone (1991) afirma que os conteúdos significativos das interjeições são apreendidos no todo da frase e não em partes específicas, pois são consideradas

um tipo rudimentar de frase, sem estrutura mórfica ou sintática; mas são dotadas de entonação vária, que as tornam capazes de exprimir modalidades diversas: interrogativa (hem?) ahn?), imperativa (pst!), optativa (oxalá), exclamativa (epa! oba!), negativa (hum-hum, ahn-ahn) (CARONE, 1991, p.47).

Convém ressaltar que os sujeitos da pesquisa, além de monitorarem a conversação evidenciando “reações afetivas vivas” (DUBOIS et al., 1998, p. 349) por meio de interjeições, também recorreram a outros recursos linguísticos para veicular informações referentes ao destinatário daquilo que é dito e solicitar envolvimento do interlocutor, como foi o caso dos seguintes marcadores verbais: **amiga** (D1 e D4), **zamores** (D2) e **amigo** (D7). Esses marcadores, quando apenas vocativo, exercem uma função meramente sintática. Nas Descrições, além da função sintática, os referidos marcadores verbais passam a funcionar também como organizadores da conversação na internet. Assim, achamos pertinente, com base em Recuero (2014, p. 83), colocá-los entre os “indicadores de direcionamento”, resultantes da criatividade dos interagentes para direcionar a fala a um interlocutor específico. Isto porque suas propriedades semânticas lhes conferem a multifuncionalidade necessária, requisito postulado por Marcuschi (1986, 1989), Castilho (1989, 2010, 2014) dentre outros autores, para que os interagentes da esfera virtual façam uma apropriação das funções sintático-pragmáticas desses marcadores. Esse fato nos leva a afirmar que “os marcadores do texto conversacional são específicos e com funções tanto conversacionais quanto sintáticas. (MARCUSCHI, 1986, p.61).

A categoria *Marcador Verbal Lexicalizado* também se revela no marcador verbal lexicalizado **né** (D1 e D6), que assumiu, na conversação digital que analisamos, o papel de elemento fático usado para requisitar o engajamento do ouvinte (D1), e do falante (D6), sinalizando também concordância. Convém destacar que esse foi mais um achado ilustrativo de “discursivização ou pragmatização”, dada a “atualização” pragmática que esse elemento recebe no contexto conversacional. Ressaltamos, no entanto, que “A discursivização de *não é* é, aliás, acompanhada de um processo de redução fonológica e de aglutinação que culmina em *né*, muito usual no português do

Brasil e menos frequente no português europeu” (MENDES, 2013, p. 289, grifos da autora).

Uma vez formada de elementos linguísticos oriundos do léxico, a categoria *Marcador Verbal Lexicalizado* ilustra

[...] o saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se o acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e os costumes de uma comunidade, como também as inovações tecnológicas, transformações socioeconômicas e políticas ocorridas numa sociedade (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 7)

Essa categoria vem revelar que, não apenas na conversação face a face, mas também na conversação mediada pelo meio digital, há a presença de marcadores que organizam o texto enquanto estrutura verbal-cognitiva e enquanto estrutura de interação interpessoal (URBANO, 1993). O caráter organizador desses marcadores faz com que se constituam recursos importantes na tessitura e efetivação da conversação, independente do canal por meio do qual se realiza.

A segunda categoria de nossa análise é *Marcador Verbal Não Lexicalizado*. Essa categoria se manifesta nas seguintes Unidades de Significado:

kkkkk só faltastes vc.. (D1)
kkkkkk essa ficou melhor (D1)
 Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. **aaffsss** (D1)
Hummmmmm....vcssss **heimmm**... (D2)
kkk (D5)
 Bate aqui 🍷 **Kkk** (D5)
 Voh votar em branco... talvez ele ganhe!! **kkkkkkkkkk ooooh** povo q gosta d uma infunfa...**aff** (D5)
Kkkkkkkk (D5)
Aff o povo fica se acabando por causa de política misericórdia. (D5)
 Jogo maravilhosooo!! Amei!! **Kkkkkkkkkk** (D6)
 Ali sabe é jogar meu amigo! **Kkkkkkkkkk** (D6)
 Inacreditável! ...**kkkkk** (D6)
kkkkk chefe é chefe né pae (D6)

Nessas Unidades de Significado, são encontrados os seguintes marcadores verbais não lexicalizados: **kkkkk**, **kkkkkk** (D1), **kkk**, **kkkkkkkkkk**, **Kkkkkkkk** (D5), **Kkkkkkkkkk**, **kkkkk** (D6) **aaffsss** (D1), **aff** (D5), **Hummmmmm**, **heimmm** (D2), **ooooh** (D5). Esses marcadores possuem função meramente *pragmática*, atuando como elementos “orientadores dos falantes entre si” (MARCUSCHI, 1986, p. 60), quanto a reações não verbais ou sentimentais e posição pessoal acerca do tópico discutido.

A categoria *Marcadores Verbais Não Lexicalizados* revela que os sujeitos D1, D2, D5 e D6 empregam os recursos linguísticos para atender às suas necessidades

comunicativas, como é o caso dos marcadores verbais não lexicalizados **kkkkk**, **kkkkkk** (D1), **kkk**, **kkkkkkkkkk**, **Kkkkkkk** (D5) e **Kkkkkkkkk**, **kkkkk** (D6) que são considerados onomatopeias, pois “são palavras imitativas, isto é, palavras que procuram reproduzir aproximadamente certos sons e certos ruídos” (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 116). O uso desses marcadores revela o envolvimento dos interagentes, sujeitos da pesquisa, na conversação digital, contribuindo, assim, para “criar uma característica de informalidade para a linguagem empregada” (HERRING, 1999 *apud* Recuero, 2014, p. 80) nas redes sociais da *Web*, mais especificamente, no *Facebook*.

Através desses recursos, os interagentes se esforçam para reproduzir, graficamente, o som de gargalhadas, explicitando intenções de irreverência (D1), ironia (D5) e alegria (D6). Assim, a expressividade dos fonemas utilizados atribui ao evento comunicativo mais informalidade e descontração, características peculiares à comunicação face a face que, na mediação digital, são adaptadas por meio de signos onomatopaicos.

A forma como esses signos são escritos, à revelia da orientação gramatical, que explica que “Em português, o centro da sílaba é sempre uma vogal” (CÂMARA-JÚNIOR, 2014, p. 38), revela a criatividade dos interagentes, razão por que as onomatopeias foram categorizados por Oliveira e Meira (2010) como marcas de autoria lexical, configurando-se como um dos marcadores mais presentes nos dados da pesquisa dos autores, que observaram várias formatações para representar sorrisos, tais como: hahahaha, hehehehe, hihhi, hohohoho, hauhauhauaha, kakakakaka, kkkkkkkk, rararara, entre outras.

Além das onomatopeias como marcadores verbais lexicalizados, os sujeitos empregaram, também, os seguintes marcadores: **aaffsss** (D1), **aff** (D5), **Hummmmm**, **heimmm** (D2), **ooooh** (D5). Esses marcadores estão representados por interjeições, “palavras que se empregam exclusivamente como frases de situação” (AZEREDO, 2000, p. 149). Nas Descrições analisadas, revelam a intenção dos interagentes, traduzindo sentimentos de irritação (D1) e ironia (D2 e D5). Isto porque as interjeições apresentam uma particularidade: são utilizadas nas funções emotiva e conativa da linguagem.

A forma linguística como os marcadores verbais não lexicalizados, representados pelas interjeições **aaffsss** (D1), **aff**, **ooooh** (D5) **hummmmm**, **heimmm** (D2), se materializam nas Descrições, ratifica a afirmação de Carone (1991,

p. 47) acerca do fato de que “[...] apresentam apenas a articulação fonológica (segunda articulação) e, por vezes, até configurações insólitas na língua”.

Assim, sob uma grafia inovadora do ponto de vista gramatical, o falante/escrevente das redes sociais *on-line*, de forma muito parecida com a conversação face a face, “[...] impregnado de emoção, procura exprimir seu estado psíquico num momento súbito, em vez de se exprimir por uma frase logicamente organizada” (CÂMARA JÚNIOR, 1974, p. 232).

Dando continuidade à nossa análise, deparamo-nos com a categoria *Pontuação*. Essa categoria se manifesta nas seguintes Unidades de Significado:

Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. aaffsss (D1)
 amiga, pq não colocou a outra....eu com esse troço na cabeça.....😞 (D1)
 Hummmmm....vcssss heimm... (D2)
 Que tristeza senhor! !! (D3)
 Misericórdia. .. quem e essa mãe (D3)
 nossa...😞 (D3)
 Quem é essa gata?????? (D4)
 Linda amga 😍 ...Teamo (D4)
 Voh votar em branco... talvez ele ganhe!! kkkkkkkkkk ooooh povo q gosta d uma infunfa...aff (D5)
 Meu Deus...O Barcelona ganhou? Caracas... (D6)
 Jogo maravilhosooo!! Amei!! Kkkkkkkkkk (D6)
 Inacreditável! ...kkkkk (D6)
 Parabéns a você que esteve acordado até esta hora e assistiu a conversa com Bial e teve o prazer de ouvir as sábias palavras da Ministra Carmem Lúcia... Estou lisonjeado. (D7)
 Amigo, eu assisti com João. Virei fã dessa mulher!! Meu Deus... que mulher incrível! Quero ser igual a ela quando crescer 😄😄😄 Minha musa inspiradora!! Tô muito in love 🍷🍷🍷 (D7)

A categoria *Pontuação* é um marcador conversacional prosódico recorrente nas sete Descrições analisadas, manifestando-se através do ponto de exclamação (D3, D5, D6, D7), ponto de interrogação (D4, D6) e das reticências (D1, D2, D3, D4, D5, D6, D7). É importante destacar que

Os MCs *prosódicos* (chamados também de suprasegmentais), apesar de sua natureza linguística, são de caráter não-verbal (os contornos entonacionais, as pausas, o tom de voz, o ritmo, a velocidade, os alongamentos de vogais etc.). Dentre eles se destacam as pausas e o tom de voz como sendo os mais importantes para as análises das conversações (DIONÍSIO, 2006, p. 89).

A forma inovadora como os sujeitos da pesquisa empregam a pontuação está para além da indicação, na escrita, da melodia e das pausas (CUNHA; CINTRA, 2001), uma vez que ela atribui um caráter mais expressivo ao português escrito no *Facebook*, conferindo a essa conversação dimensões da oralidade, normalmente livre de normas e convenções gramaticais. É o caso dos pontos de exclamação e de interrogação, os quais são empregados de forma reiterada: em D3, D4, D5, D6 e D7. O ponto de exclamação foi empregado para acentuar, com mais expressividade, a

inflexão da voz e a duração da pausa pedidas pelas formas exclamativas, deixando no texto a marca da enunciação, resultante de uma intencionalidade que transforma significantes em significados; em D4, o ponto de interrogação foi empregado para intensificar a entonação interrogativa do enunciado, atribuindo-lhe, assim, maior força elocucionária. Também é o caso das reticências evidenciadas em D1, D2, D3, D4, D5, D6 e D7 que revelam interrupções significadas, “marcando, assim, a transcodificação da intenção dos sujeitos em caracteres gráficos” (SANTOS, 2006, p. 336).

Em relação às reticências, Hilgert (2000) afirma que a sequência de três pontos ou mais dão a impressão de que o “falante” quer traduzir uma pausa, revelando também uma consciência acerca da segmentação sintática que compõe um enunciado. Esse elemento prosódico substitui “o que, num texto prototipicamente escrito, seria representado por um ponto ou ponto-e-vírgula, em final de período; por uma vírgula, na demarcação de um adjunto adverbial ou de elementos coordenados (HILGERT, 2000, p.21).

A categoria *Pontuação* presente nas 7 (sete) Descrições analisadas vem revelar que os interagentes da conversação escrita mediada pelo meio digital marcam prosodicamente os enunciados para produzir determinados efeitos de sentido, para “ênfatar o dito, numa tentativa de remediar/substituir a ausência de entonação” (SANTOS, 2011, p. 160).

Recuero (2014) inclui a pontuação entre os rituais de marcação, sendo utilizada para substituir pausas, elementos suprasegmentais (de caráter não verbal). A natureza ritualística de marcadores como esse se deve ao fato de que são

[...] elementos apropriados na mediação do computador. Ou seja, constituem-se em elementos que são apropriados, modificados e utilizados de acordo com normatizações estabelecidas pelos grupos. Eles vão constituir o contexto da conversação e guiar o andamento e a negociação da mesma (RECUERO, 2014, p. 78).

Convém destacar que, embora tenhamos atribuído sentidos à categoria *Pontuação*, presente nas Descrições analisadas, é provável que outros sentidos possam ter sido pretendidos pelos interagentes naquilo que Koch (2005, p. 19) chama de “projeto de dizer”, para cuja concretude os produtores do texto lançam mão de sinalizações textuais, como é o caso da pontuação. Convém destacar que “Os sinais de pontuação ajudam a reconstituir a entoação que o autor pode ter pretendido para o seu texto, mas são muito pobres em relação à riquíssima gama de tons da voz humana (MARTINS, 2002, p. 62).

Em relação às pausas representadas por meio das reticências, podemos afirmar que elas diferem daquelas representadas na comunicação face a face, em que “[...] qualquer pausa maior é utilizada para assaltar o turno” (CASTILHO, 2014). Isto porque na mediação digital não há um “lugar relevante de transição” (HILGERT, 2000, p. 14) que enseje a tentativa de assalto ao turno do falante em andamento, de cujas estratégias fazem parte o aproveitamento, por parte do ouvinte, de uma pausa ou hesitação do falante corrente. Na conversação digital, o turno permanece “franqueado”, disponível a quaisquer interagentes, sendo a um só tempo de todos e de ninguém.

Segundo Marcuschi (1986, p. 63), as pausas “[...] geralmente coocorrem com outros marcadores”. Esse uso foi evidenciado em cinco das sete Descrições analisadas: as reticências coocorreram com marcadores paralinguísticos na D1 e na D4; com marcadores verbais lexicalizados na D2, D3, D5 e D7(interjeições) e com marcador verbal não lexicalizado na D7(onomatopeia).

Dada a natureza da conversação que analisamos, na qual os interagentes não estão na presença um do outro, não identificamos as pausas não sintáticas de hesitação, que atuam no “planejamento verbal e têm uma motivação sobretudo cognitiva” (RATH, 1979 *apud* MARCUSCHI, 1986, p. 64). Isto porque, diferente da conversação face a face, em que “os interlocutores acompanham mutuamente, passo a passo, palavra a palavra, expressão a expressão, o processo de construção dos enunciados [...]” (HILGERT, 2000, p. 16), na conversação mediada pelo meio digital, os interagentes recebem o texto em um só bloco, estando ausentes alguns “traços de seu *status nascendi*” (ANTOS *apud* HILGERT, 2000, p. 16).

De igual modo, a comunicação *in* ausência impossibilita mensurar a duração das pausas que, segundo Marcuschi (1986, p. 63), podem ser “curtas (micropausas), médias ou longas e constituem-se um fator decisivo na organização do texto conversacional”.

Dessa forma, a categoria *Pontuação* ratifica as postulações de Recuero (2014), Modesto (2011), Hilgert (2000), Santos (2012), dentre outros, os quais afirmam que na escrita digital a pontuação é um dos recursos linguísticos empregados para ajustar os enunciados quanto a aspectos prosódicos como velocidade, pausas e entonação, “uma vez que, ao demarcá-los por meio de sinais de pontuação, o sujeito não apenas os individualiza, mas também (ou sobretudo) os alterna, estabelecendo, com eles, relações rítmicas” (CHACON, 1998, p.143).

Em nosso percurso de significação/clarificação das categorias focamos o nosso olhar sobre a categoria *Escrita Oralizada*, a qual se manifesta nas seguintes Unidades de Significado:

kkkkk só faltastes vc.. (D1)
kkkkkk essa ficou melhor (D1)
 Essa ficou melhor pq vc saiu legal né.. **aaffsss** (D1)
Hummmmmm....vcssss heimmm... (D2)
 Puxei pra vc amiga **lindaaaaaa!** Te **amoooooooooooo** mais que chocolate!! 🍫
 (D4)
 Voh votar em branco... talvez ele ganhe!! **kkkkkkkkkk ooooh** povo q gosta
 d uma infunfa...aff (D5)
kkk (D5)
 Bate aqui 🍷 **Kkk** (D5)
Kkkkkkk (D5)
 Jogo **maravilhosooo!!** Amei!! **Kkkkkkkkk** (D6)
 Ali sabe é jogar meu amigo! **Kkkkkkkkk** (D6)
 Inacreditável! ...**kkkkk** (D6)
kkkkk chefe é chefe né pae (D6)

A categoria *Escrita Oralizada*, presente nas Unidades de Significado: **aaffsss** e **kkkkkk** (D1), **Hummmmmm**, **vcssss** e **heimmm** (D2), **lindaaaaaa** e **amoooooooooooo** (D4), **kkkkkkkkkk**, **ooooh**, **kkk** e **Kkkkkkk** (D5), **Kkkkkkkkk**, **kkkkk** e **kkkkkk** (D6), revela um esforço dos interagentes por representar, na escrita, recursos suprasegmentais da modalidade oral. Esses recursos podem também ser chamados de recursos prosódicos, que conforme Martins (2002, p. 57) são

[...] os valores expressivos ligados aos prosodemas ou traços suprasegmentais, os quais afetam um segmento mais extenso que o fonema – sílaba, morfema, palavra, sintagma ou frase. São eles o acento, a duração, a altura, a entoação.

Podemos afirmar, com base no revelado pela categoria *Escrita Oralizada*, que os sujeitos interagentes da conversação mediada pelo meio digital fazem uma representação gráfica da fala na escrita. Assim, esses sujeitos reconstroem os fenômenos da duração – extensão de um som no tempo (DUBOIS et al., 1998) e da entoação, recursos prosódicos muito utilizados em uma situação comunicativa face a face.

A categoria *Escrita Oralizada* revela, ainda, a criatividade com que são “convencionados” os signos linguísticos empregados pelos sujeitos da pesquisa (repetição de grafemas), para caracterizar alongamentos vocálicos (D1, D4, D5) ou alongamentos consonantais (D1, D2, D5, D6), rompendo, assim, com o instituído pelo padrão gramatical. Dessa forma, parece-nos coerente asseverar que esse uso linguístico esteja voltado para atingir um propósito comunicativo.

Como tentativa dos interagentes em produzir uma entonação enfática na manifestação de sentimentos, como, por exemplo, admiração e carinho presentes em

lindaaaaaa e **amoooooooooooo** (D4), buscando dar maior força elocucionária ao ato de fala, esses interagentes promovem uma hibridação entre o oral e o escrito, “convencionando” uma escrita que tenta imitar um som e a duração desse mesmo som, subvertendo a forma/norma em prol de um propósito comunicativo, demonstrando “[...]uma inteligência coletiva sempre capaz de produzir e explorar novas formas” (LEVY, 2001, p. 152). Convém destacar que a escrita oralizada na internet já foi documentada por vários autores, dentre eles, Rajagopalan (2013), Recuero (2014), Santos (2006), December (1996) e Herring (1996), o que demonstra ser esse um comportamento linguístico plenamente legitimado por essa “instância da atividade humana”, no dizer de Marcuschi (2011, p. 20).

Na escrita digital, o alongamento enfático costuma ser grafado pela repetição da vogal da sílaba tônica, tratando-se um traço expressivo de insistência emocional, que pode ou não recair na sílaba tônica, segundo Bechara (2009). Uma das causas desse recuo “parece ser a falta de sincronismo entre a emoção e sua expressão através da linguagem. A emoção se adianta à palavra e reforça a voz desde que as condições fonéticas o permitem” (ROUDET LR. 1, 252 *apud* BECHARA, 2009, p. 88). Esse recurso é considerado por Modesto (2011) e Recuero (2014) como pistas de contextualização importantes para suprir a ausência de alguns aspectos fônicos que colaboram para a construção de sentido no evento comunicativo mediado pelo meio digital.

A respeito da oralização evidenciada na escrita *on-line*, Violi (2009, p. 47) afirma que “A quase contemporaneidade da troca dialógica dá origem a uma forma de comunicação que é intermediária entre a comunicação oral e a escrita”. A oralização com o padrão de repetição da última letra, na qual se aplica a entonação, também foi evidenciado na pesquisa de Oliveira e Meira (2010), que a consideram como uma marca de autoria lexical, conforme demonstra o excerto abaixo, extraído do corpus analisado pelos autores:

T1-(10:43:55) manhosa fala para polemyko: migaooooooooooooooooooooo
T2- (10:44:21) polemyko fala para manhosa: oieeeeeee (OLIVEIRA; MEIRA, 2010, p. 121),

De acordo com Recuero (2014, p. 48), “A informalidade da linguagem também é uma característica dessa oralização. A ‘fala’ na internet é também associada a um uso informal da língua, que também é mais característico da linguagem oral”. Essa característica também foi evidenciada nos dados da nossa pesquisa, os quais foram extraídos de um contexto de uso efetivo da língua, ratificando a correlação entre a fala

e a escrita, enquanto duas modalidades de uso da língua, cujas diferenças e semelhanças não são estanques, mas dão-se ao longo de um *continuum* do ponto de vista sociointeracional (MARCUSCHI, 2007).

A categoria *Escrita Oralizada* revela que, na conversação digital, os alongamentos de vogais ou consoantes são marcadores prosódicos que simulam a entonação da “fala por escrito” (HILGERT, 2000, p. 1) e nisso se afasta de um dos usos na conversação face a face, no qual esses alongamentos funcionam como estratégias de manutenção do turno (CASTILHO, 2014) ou para ganhar tempo na seleção lexical (HILGERT, 2000). Essa estratégia é desnecessária, devido à natureza tecnológica do sistema de alocação de turnos inerente a esse tipo de conversação, conforme já enfatizamos anteriormente.

As marcas de oralização que permeiam essa escrita nos induz a afirmar, com base na perspectiva de *continuum* postulada por Marcuschi (2007), que o português escrito no *Facebook* está muito mais próximo do gênero conversação espontânea que propriamente de um texto acadêmico. A presença da categoria *Escrita Oralizada* vem revelar que, embora os interagentes reconheçam estar diante de um texto cujo meio de produção seja gráfico e que por isso organizam sua fala por escrito, eles demonstram possuir uma concepção discursiva oral, conforme demonstra a forma como formulam seus comentários/realizações linguísticas na conversa escrita mediada pelo meio digital. Dessa forma, podemos afirmar que “a informalidade consiste em apenas uma das possibilidades de realização não só da fala, como também da escrita” (FÁVERO et al, 2007, p. 75).

Os achados da nossa pesquisa nos induzem a revermos um parâmetro fortemente arraigado acerca de a fala estar para a informalidade assim como a escrita estar para a formalidade. “Essa caracterização é evidentemente idealizada, pois além de não contemplar a correlação das duas modalidades entre si, considera cada uma um fenômeno monobloco, estático, homogêneo”(HILGERT, 2000, p. 1)

Esse fato revela também que, do ponto de vista da tecnologia utilizada para materializar os enunciados, podemos até dicotomizar fala e escrita, mas do ponto de vista dos usos linguísticos, somos obrigados a reconhecer que os papéis entre essas duas modalidades da língua não estão definidos de forma estanque, conforme postula Marcuschi (2007).

Assim, a relação que estamos tendo com a escrita do português na *Web*, mais especificamente na rede social *Facebook*, configura-se em uma nova forma de

letramento²⁵, requerendo utilizar “normas” outras, além das convencionadas pela comunicação escrita em suportes como o papel, por exemplo. Isto porque, conversar *in* ausência e por escrito, na atual sociedade conectada, traduz-se em condições de produção com características peculiares, embora o código linguístico seja o mesmo para a produção dos enunciados. Isso explica uma escrita oralizada como estratégia discursiva para representar os marcadores prosódicos, recursos tão necessários “aos propósitos de gerenciamento da interação verbal” (CASTILHO, 2014, p. 47), revelando atitudes e emoções dos sujeitos, bem como uma nova forma de textualização da sociedade (MARCUSCHI, 2004).

A próxima categoria de análise é *Abreviação*. Essa categoria se apresenta em cinco das sete Descrições analisadas, conforme demonstram as Unidades de Significado a seguir:

kkkkk só faltastes **vc**.. (D1)
 Essa ficou melhor **pq vc** saiu legal né.. aaffsss (D1)
 amiga, **pq** não colocou a outra.... eu com esse troço na cabeça..... 🤔 (D1)
 Hummmmmm....**vcssss** heimmm... (D2)
 eu sou importante, por isso tô **n** foto e fui marcada (D2)
 Parece ter sido espacando pelos os hematomas não parece ter sido coisa leve não essa mulher é muito irresponsável deve ir pressa mesmo **q** não saía nunca mais 🍌🍌🍌 (D3)
 Misericórdia, quanta malvadeza diante desse inocente **q n** pediu pra vim ao mundo. (D3)
 Puxei pra **vc** amiga lindaaaaaa!Te amoooooooooooo mais que chocolate!! 🍫 (D4)
 Voh votar em branco... talvez ele ganhe!! kkkkkkkkkk ooooh povo **q** gosta **d** uma infunfa...aff (D5)

Nessas Unidades de Significado, encontramos as seguintes abreviações: **vc** (D1 e D4) **pq** (D1) **vcssss** (D2) **n** (D2 e D3) **q** e **d** (D5) em lugar de “você”, “porque”, “vocês”, “na”/“não”, “que” e “de”, respectivamente. As Descrições analisadas revelam que a abreviação tem sido um fenômeno muito constante, por meio do qual os interagentes, economizando grafemas e toques, tentam dar informalidade e velocidade ao evento comunicativo escrito no ciberespaço, sendo este um recurso “para reduzir o tempo de escrita/leitura, aproximando-o do tempo oral da fala/escuta (OLIVEIRA; MEIRA, 2010, p. 119).

²⁵ Empregamos esse termo na acepção de Soares (2012, p. 145) a qual defende uma “concepção de letramento como sendo não as próprias práticas de leitura e escrita, e/ou os eventos relacionados com o uso e função dessas práticas, ou ainda o impacto ou as consequências da escrita sobre a sociedade, mas, para além de tudo isso, o estado ou condição de quem exerce as práticas sociais de leitura e de escrita, de quem participa de eventos em que a escrita é parte integrante da interação entre pessoas e do processo de interpretação dessa interação – os eventos de letramento”.

Na busca de atribuir sentido à categoria *Abreviação*, vamos encontrar, no léxico, o termo “abreviação” registrado com os seguintes significados: (do latim *tardio abbreviatione*) ato ou efeito de abreviar, abreviamento, abreviatura (FERREIRA, 1999). Podemos assim afirmar que essa categoria traduz um tipo de fenômeno linguístico que a gramática tradicional registra como *abreviação vocabular*, um dos processos de formação de palavras na língua que consiste na “redução de frases e palavras até limites que não prejudiquem a compreensão” (CUNHA; CINTRA, 2001, p.116).

Bechara (2009) explica que a abreviação se faz presente tanto na língua coloquial quanto na linguagem cuidada e consiste no emprego de parte da palavra pelo todo. Para ele, a forma abreviada se constitui uma nova palavra “e, nos dicionários, tem tratamento à parte, quando sofre variação de sentido ou adquire matriz especial em relação àquela donde procede” (BECHARA, 2009, p.371). Consentâneo a esse pensamento, Silva e Koch (1999) afirmam que, uma vez criada, a abreviação é considerada uma nova palavra, embora com o mesmo significado da palavra original, de forma que pela abreviação incorporamos novas palavras à língua, com base em um processo de economia, regido pela lei do mínimo esforço.

Pauluk (2004 *apud* SANTOS, 2006, p. 321-322), explica haver escritas fonológicas e não-fonológicas. As escritas não-fonológicas fazem uso de pictogramas e ideogramas – representação de coisas ou palavras através de desenhos. Por sua vez, as escritas fonológicas utilizam silabários e alfabetos – códigos representando unidades sonoras da fala. As escritas fonológicas podem ser silábicas, com cada símbolo correspondendo a uma sílaba ou alfabéticas, em que cada sílaba equivale a um fonema, unidade mínima de som.

Em nossa pesquisa, a categoria *Abreviação* revela uma escrita claramente silábica, pois as sílabas são representadas por um único símbolo, conforme podemos constatar na Unidade de Significado **vc** (D1 e D4), **pq** (D1) **vcssss** (D2) **n** (D2 e D3) **q e d** (D5).

Desse modo, podemos afirmar que a forma como os interagentes da conversação digital “convencionam” a abreviação de palavras afasta-se cada vez mais das forças padronizadoras do idioma, ignorando regras elementares como o papel da vogal como centro da sílaba, de acordo com Cunha e Cintra (2001) e Câmara Júnior (2014).

Essa característica também foi identificada por Oliveira e Meira (2010, p. 118, grifo dos autores), os quais explicam que as abreviações “tratam-se de expressões

criadas a partir do léxico, da linguagem vernacular, sendo resultado da criação dos participantes da sala de bate-papo, daí o seu sentido autoral". Foi identificada, ainda, por Recuero (2014) que inclui a abreviação em um dos rituais de marcação, por ser apropriada na mediação do computador, sendo responsável por agilizar a escrita. Isso resulta em "[...] um 'falar textos' que possui uma linguagem-código a qual produz um tipo de escrita que procura o equilíbrio entre o espaço ocupado na tela e o tempo usado. É a língua regida por um elementar princípio de economia" (COSTA, 2005, p.6).

Conforme já vimos pontuando em nosso trabalho, a escrita na internet aproxima-se em muitos aspectos da modalidade oral. Dentre esses aspectos, citamos a economicidade e a informalidade características dessa escrita, que a literatura tem denominado internetês. Segundo Rajagopalan (2013, p. 40), "para alguns estudiosos da internet, o internetês é nada mais que uma forma de transmitir mensagens, utilizando uma escrita reduzida e 'truncada' que imita a modalidade da fala". No entanto, segundo Rajagopalan (2013)

Uma característica do internetês que chama atenção e sobre a qual, todavia, relativamente pouca pesquisa aprofundada vem sendo dedicada até o momento é que estamos diante de uma língua ainda em construção – uma língua sendo moldada de acordo com as necessidades e as conveniências que vão surgindo, movida e enriquecida constantemente pela criatividade e engenhosidade dos milhões de usuários e marcada pela concisão e compressão de redundâncias e de tudo o que é desnecessário do ponto de vista estritamente comunicacional (RAJAGOPALAN, 2013, p. 45).

A respeito do fato de esse linguajar vir sendo objeto de temor para alguns, no sentido de prenunciar uma ameaça à língua portuguesa, Crystal (2001, p. 128) afirma que se trata "de uma oportunidade, não ameaça, para o ensino de línguas".

Convém destacar que a abreviação não representa apenas uma mera economia de caracteres, mas confere dinamismo e espontaneidade à conversação escrita no *Facebook*. Conforme vimos defendendo ao longo desse trabalho, a abreviação é um dos usos linguísticos que torna essa escrita mais viva e reformatada pela oralidade, quebrando antigos conceitos acerca de a fala e a escrita serem dois sistemas linguísticos distintos, invulneráveis à situação, ao gênero discursivo, aos efeitos de sentido desejáveis numa determinada situação comunicativa. Isto porque a língua é "fenômeno funcionalmente heterogêneo, representável por meio de regras variáveis, socialmente motivadas" (CASTILHO, 2014, p. 12).

Nesse sentido, parece-nos ser pertinente considerar a importância do gênero na validação das escolhas linguístico-discursivas, uma vez que

um letramento é sempre um letramento em algum *gênero*, que precisa ser definido em termos dos sistemas de signos que o compõem, das tecnologias materiais envolvidas, no contexto social de produção, circulação e uso desse gênero em particular (LEMKE, 1998 *apud* ROJO, 2013, p.22).

Dessa forma, podemos concordar com Bakhtin (2011), acerca da íntima relação entre enunciado e gênero. Embora a teoria bakhtiniana tenha sido formulada para outros contextos enunciativos, essa teoria alinha-se aos propósitos desse trabalho, no que tange ao foco na análise da forma não tomada por si mesma, mas enquanto enunciados que evidenciam “as relações da língua com a vida” (BAKHTIN, 2011, p. 265). Assim, a categoria *Abreviação* revela um estilo característico do gênero conversação digital, cujos enunciados/realizações linguísticas refletem as particularidades e objetivos dos interagentes na internet, enquanto sujeitos oriundos de um “dado campo da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2011, p. 282).

A última categoria a ser interpretada é *Marcador Paralinguístico*. Essa categoria se revela por meio de *emoticons*, signos que têm a função de expressar emoções tradicionalmente utilizadas na comunicação face a face, conforme demonstram as Unidades de Significado a seguir:

amiga, pq não colocou a outra.... eu com esse troço na cabeça..... 🤔 (D1)
 Só os “importantes” são marcado na foto pessoal! O resto tá podi 🤔 (D2)
 Zamores 🤔 (D2)
 Parece ter sido espacando pelos os hematomas não parece ter sido coisa leve não essa mulher é muito irresponsável deve ir pressa mesmo q não saía nunca mais 🤔 🤔 🤔 (D3)
 nossa... 🤔 (D3)
 🤔 (D3)
 Linda amga 🤔 ...Teamo (D4)
 Puxei pra vc amiga lindaaaaaa! Te amoooooooooooo mais que chocolate!! 🤔 (D4)
 Bate aqui 🤔 Kkk (D5)
 Melhor jogo do ano 🤔 (D6)
 🤔 (D6)
 Amigo, eu assisti com João. Virei fã dessa mulher!! Meu Deus... que mulher incrível! Quero ser igual a ela quando crescer 🤔 🤔 🤔 Minha musa inspiradora!! Tô muito in love 🤔 🤔 🤔 (D7)

Buscando atribuir sentido à categoria *Marcador Paralinguístico*, iniciamos pela origem do termo *emoticon*, derivado do inglês *emotions-ícons* que significa ícones de emoção (MARCUSCHI, 2004). Nas Descrições analisadas, esses ícones têm a função de dar mais sentido à língua empregada pelos sujeitos da pesquisa, pois além de expressarem emoções, podem servir como assinaturas personalizadas muito afetivas, análogas ao reconhecimento de alguém na vida real (DOELL, 2017).

Apresentamos, a seguir, os *emoticons* presentes nas Descrições analisadas, com seus possíveis significados, apreendidos a partir do contexto em que foram empregados:

QUADRO 5 – *Emoticons* Identificados nas Descrições

EMOTICON	SIGNIFICADO	DESCRIÇÕES
	reprovação/ descontentamento	amiga, pq não colocou a outra.... eu com esse troço na cabeça 😞 (D1)
	Descontentamento	Só os “importantes” são marcado na foto pessoal!O resto tá podi 😞 (D2)
	afeto, carinho e admiração, sentimentos que podem ser intensificados com a reiteração de <i>emoticons</i> .	 Zamores (D2) Linda amga 🍷 ... Teamo (D4) Puxei pra vc amiga lindaaaaaa! Te amoooooooooooo mais que chocolate!! 🍷 (D4) Melhor jogo do ano 🍷 (D6) Amigo, eu assisti com João. Virei fã dessa mulher!! Meu Deus...que mulher incrível! Quero ser igual a ela quando crescer 🍷🍷🍷 Minha musa inspiradora!! Tô muito in love 🍷🍷🍷🍷 (D7)
	Raiva	Parece ter sido espacando pelos os hematomas não parece ter sido coisa leve não essa mulher é muito irresponsável deve ir pressa mesmo q não saía nunca mais  (D3)
	fúria, indignação	nossa... 😡 (D3)
	fúria e reprovação	 (D3)
	Apoio	Bate aqui 👉 Kkk (D5)
	Alegria	 (D6)
	Humor	Amigo, eu assisti com João. Virei fã dessa mulher!! Meu Deus...que mulher incrível! Quero ser igual a ela quando crescer 😄😄😄

Nas Descrições analisadas, a categoria *Marcador Paralinguístico* revela um uso muito recorrente entre os interagentes da comunicação mediada pelo meio digital, qual seja, incluir nessa comunicação escrita, expressões faciais e posturas, representadas pelos *emoticons*. Dessa forma, os *emoticons* “entram na conversação para ampliar a negociação de sentido, resultante da imbricação da linguagem pictórica com a linguagem escrita” (ARAÚJO, 2004, p. 106).

Convém destacar que, embora nossos dados contenham apenas *emoticons* já disponibilizados pelo *Facebook*, os usos são convencionados, colaborativamente, pelos interagentes. Assim, um mesmo signo pode ter mais de um significado, a depender do contexto, conforme comprovam as Unidades de significados:  e , representadas por carinhas com olhos em formato de coração: em D2 e D4, significa afeto e carinho; em D6 e D7, admiração. Convém destacar que a reiteração

desse elemento gráfico denota uma intensificação desses sentimentos, conforme podemos comprovar em:

 Zamores (D2)
 Linda amga  ...Teamo (D4)
 Puxei pra vc amiga lindaaaaaa!Te amoooooooooooo mais que chocolate!!
 (D4)
 Melhor jogo do ano  D6)
 Amigo, eu assisti com João. Virei fã dessa mulher!! Meu Deus...que mulher incrível!! Quero ser igual a ela quando crescer  Minha musa inspiradora!!
 Tô muito in love  (D7)

A presença dos *emoticons* no português escrito no *Facebook* nos remete ao que Marcuschi (2007) afirma sobre a escrita: embora uma característica da escrita seja sua constituição gráfica, pode envolver recursos de ordem pictórica, manifestando-se por “unidades alfabéticas (escrita alfabética), ideogramas (escrita ideográfica) ou unidades iconográficas, sendo que no geral não temos uma dessas escritas puras” (MARCUSCHI, 2007, p. 26).

Interpretando a categoria *Marcador Paralinguístico*, podemos afirmar: ela revela que o português escrito empregado pelos sujeitos da pesquisa traduz, através desses recursos pictóricos, o princípio da economia já postulado por autores como Costa (2005), Santos (2011), Rajagopalan (2013), bem como o caráter multimodal da linguagem na Internet, conforme afirmam Marcuschi (2004), Araújo (2006), Barton e Lee (2015), Recuero (2014), dentre outros. Isto porque, recorrendo a ícones disponíveis pela própria ferramenta de comunicação, os interagentes economizam mais uma vez palavras e toques na construção de sentidos e na tessitura de textos conversacionais cada vez mais multimodais.

A categoria *Marcador Paralinguístico* também demonstrou que a *conversação mediada pelo meio digital* se aproxima do gênero prototípico *conversação face a face*, cuja “comunicação oral é multicanal e plurissemiótica (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 42), sendo, portanto, construída de elementos linguísticos e paralinguísticos. No entanto, nas Descrições que analisamos, que se efetivam sob o código escrito, esses recursos paralinguísticos que “estabelecem, mantêm e regulam a interação, por meio de risos, olhares, gestos, meneios de cabeça” (DIONÍSIO, 2006, p. 89) precisam ser adaptados/apropriados pelos pares, embora continuem sendo “indicadores muito eloquentes do *estado afetivo* dos participantes” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 41, grifos da autora).

Na conversação digital, os *emoticons* possibilitam a inclusão do ingrediente comunicativo gestual e facial à comunicação representando “marcas de polidez ou

indicação de posturas” (MARCUSCHI, 2004, p. 33) e fazendo parte dos rituais de marcação postulados por Recuero (2014), a qual explica que

Embora não tenham sido, exatamente, uma criação exclusiva da Internet (o uso de *emoticons* já acontecia, por exemplo, nas cartas), foi a mediação do computador que os popularizou. Mesmo que inicialmente fossem limitados a caracteres do teclado, hoje quase toda a ferramenta inclui *emoticons* (inclusive animados!) de todos os tipos (RECUERO, 201, p. 46-47).

O uso de *emoticons* aproxima a conversação digital da conversação face a face, pois “provoca uma aproximação entre os interlocutores, demonstrando afetividade, uma aceitação do outro e uma resposta favorável à continuidade do diálogo [...]” (MODESTO, 2011, p. 105). Assim, esses elementos gráficos oferecem pistas contextuais importantes acerca das emoções que permeiam as realizações linguísticas dos interagentes, direcionando a compreensão daquilo que é dito (RECUERO, 2014).

Esses elementos, reveladores das emoções e atitudes dos “falantes” não são privativos de redes sociais como o *Facebook*. Em pesquisa realizada por Santos (2011, p.162), ficou constatado que nos *chats* os *emoticons* são usados pelos interagentes para “substituir os elementos extralinguísticos e mesmo expressões inteiras no processo de comunicação. Intensificam a expressão escrita, marcando suas emoções, dando a ela um alto grau de informalidade”. Barton e Lee (2015, p. 48), referindo-se à multimodalidade da linguagem on-line afirmam que

Na comunicação textual interativa mediada por computador, como *e-mail* e mensagens instantâneas, por causa da falta de pistas físicas e contextuais, *emoticons* são frequentemente anexados aos enunciados para marcar a intenção e o tom do escritor. Por exemplo, escrever “Eu amo o meu trabalho ☺” com um *emoticon* sorridente provavelmente evocará uma interpretação mais positiva do que escrever “Eu amo o meu trabalho ☹”, que pode ter a intenção de transmitir o oposto. O crucial aqui é que, como as virtualidades de modos semióticos são percebidas quando combinadas de diferentes maneiras, elas podem oferecer múltiplos sentidos para diferentes espectadores e, assim, possibilidades de ação.

Dessa forma, pensamos não ser incoerente afirmar, na esteira das postulações de Rousseau (1754), residir na categoria *Marcador Paralinguístico* um reflexo do desejo humano por traduzir os mais íntimos afetos de sua natureza. Continuamente situando sua linguagem em condições de produção outras, o homem, hoje imerso em uma sociedade cada vez mais conectada, vai tecendo linguagens híbridas de signos linguísticos e de signos semiológicos em prol de satisfazer uma de suas necessidades mais vitais: a comunicação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos ao final de um caminhar que compreendeu perceber, intuir e organizar os dados da experiência com vistas a fazer aparecer a *Erlebnis* – o sentido da vida (RICOEUR, 1989), e em que também visitamos alguns constructos teóricos já disponíveis sobre o nosso fenômeno de investigação. Assim, colocamo-nos mais uma vez diante da questão norteadora da nossa pesquisa: Como os marcadores conversacionais se manifestam nos textos escritos no *Facebook*?

Neste momento, em que pontuamos algumas percepções acerca do fenômeno Marcador Conversacional, de acordo com o nosso horizonte de visão, apresentamos as nossas considerações como

uma obra aberta, cuja significação está “em suspenso”. É porque ela “abre” novas referências e delas recebe uma pertinência nova que os actos humanos estão também à espera de interpretações novas que decidam da sua significação (RICOEUR, 1991, p.198).

Dessa forma, destacamos, primeiramente, que o percurso teórico dessa pesquisa revelou que a história da humanidade é permeada por evoluções tecnológicas, o que representou mudanças significativas na vida do ser humano, um ser-no-mundo-com-os-outros em busca de sua identidade enquanto animal racional e social. Assim, no processo de comunicação humana, das pinturas rupestres à escrita em ferramentas digitais como computador, celulares e afins, a linguagem foi uma tecnologia sempre presente, sendo decisiva, inclusive, na criação e administração das inúmeras tecnologias ao longo dos tempos.

A Internet, uma tecnologia simbólica cada vez mais utilizada pela sociedade contemporânea, se constitui também um espaço para a prática do gênero mais antigo da humanidade: a conversação, o que propicia uma nova relação para com a linguagem escrita, gerando novos letramentos. Dessa forma,

Se a conversação é o gênero mais básico e mais primário da interação humana, é importante olharmos para ela como um gênero basilar o qual é afetado por seu contexto imediato e pelas tecnologias que sustentam, registram e atualizam as reelaborações pelas quais passam esse gênero (ARAÚJO, 2014, p. 9-10).

Os dados da nossa pesquisa revelaram que na rede social *Facebook* a conversação apresenta algumas continuidades e descontinuidades importantes em relação à conversação face a face, no que diz respeito à própria organicidade inerente à conversação empreendida nessa ferramenta de comunicação, à forma como se manifestam os marcadores conversacionais e nos usos que os falantes/escreventes fazem desses elementos, que exercem “simultaneamente o

papel de organizadores interacionais e de organizadores textuais” (CASTILHO, 2014, p. 50).

Compreender, portanto, as potencialidades e limitações inerentes a essas novas condições de produção do português escrito, bem como algumas saídas “convencionadas” pelos interagentes para driblar a não presença física, foi fundamental para explicar o funcionamento da língua em ambientes digitais.

Passamos agora a discutir alguns pontos relacionados às características e organicidade da conversação mediada pelo meio digital, partindo das cinco características básicas presentes na organização elementar do gênero conversação, já referidas no item 3.2 deste trabalho, segundo Marcuschi (1986):

(a) Interação entre pelo menos dois falantes; (b) Ocorrência de pelo menos uma troca de turnos; (c) Presença de uma sequência de ações coordenadas; (d) Execução numa identidade temporal; (e) Envolvimento numa “interação centrada” (MARCUSCHI, 1986, p. 15).

Enfatizamos, inicialmente, que podemos tomar a conversação no *Facebook* como uma interação comunicativa na qual dois ou mais interagentes centram sua atenção visual e cognitiva em uma publicação qualquer, alternando-se em uma tarefa comum: comunicar-se por meio de signos linguísticos e/ou semiológicos, formando uma complexa teia de significados e num processo altamente colaborativo. Essas características foram evidenciadas nas 7 (sete) Descrições analisadas, nas quais identificamos a organização do gênero conversação, conforme Marcuschi (1986):

a) Interação entre pelo menos dois interagentes

Os resultados da pesquisa apontam que, no evento comunicativo ocorrido na página *Perfil* do *Facebook*, os sujeitos têm suas interações organizadas em um espaço específico para a conversação e em forma de comentários, dispostos por ordem de envio, demonstrando a natureza dialógica da conversação.

b) Ocorrência de pelo menos uma troca de turnos

Nas Descrições analisadas, os interagentes manifestam uma atitude responsiva, como acontece também na conversação face a face, inserindo-se no evento comunicativo e alternando-se para comentar o tópico proposto. Assim, as intervenções de cada interagente foram organizadas tanto com base na “Técnica I – O falante corrente escolhe o próximo falante, e este toma a palavra iniciando o próximo

turno” (MARCUSCHI, 1986, p. 20) quanto na “Técnica II – O falante corrente para e o próximo falante obtém o turno pela auto-escolha” (MARCUSCHI, 1986, p.20). A técnica I foi empregada apenas na Descrição 1, ao passo que a técnica II teve uso predominante nas demais Descrições analisadas.

Outro aspecto importante revelado pelos dados da pesquisa é o fato de que também a interação digital, mais especificamente a conversação realizada no *Facebook*, tem a troca de turnos como uma das unidades centrais da organização conversacional, assim como *a regra fala um por vez*, conforme já defendiam Sacks et al (1974), em seus estudos clássicos a respeito da conversação face a face.

c) Presença de uma sequência de ações coordenadas

A presença de uma sequência de ações coordenadas é recorrente em todas as Descrições analisadas, uma vez que cada intervenção é condicionada pela progressão do assunto que está sendo desenvolvido na conversa, de forma que se uma pergunta é franqueada a todos os interagentes daquele evento comunicativo, alguém pode se auto-escolher para responder, assim como se a pergunta é dirigida a um interagente específico, cabe a este a próxima intervenção no evento comunicativo.

Além disso, essa organicidade também pode ser evidenciada pela coerência das intervenções feitas e pertinência dos recursos linguísticos e paralinguísticos utilizados pelos sujeitos da pesquisa, para atingir os propósitos comunicativos.

d) Execução numa identidade temporal

Essa é a característica na qual observamos mais discontinuidades, em relação à conversação face a face. Na conversação digital, o quesito *identidade temporal* deixa de ser determinante para que a conversação aconteça, pois um dos diferenciais do *Facebook* está em possibilitar interações síncronas e assíncronas.

Pela indicação temporal presente após cada comentário/realização linguística dos interagentes, nas Descrições, podemos perceber a assincronicidade dos eventos comunicativos. Isto porque alguns comentários foram postados depois de vários minutos, horas e até dias após o início do evento, não impedindo, no entanto, que os interagentes fossem se engajando na conversa, compreendendo-se mutuamente. Isto porque a organização propiciada pelo próprio *software* colabora para a construção do

contexto, possibilitando a recuperação do tópico discutido e a continuidade da conversação por outros interagentes, em momentos posteriores.

Esses dados demonstram a construção de um contexto no qual a co-presença dos participantes é virtualizada, passando a acontecer a cada vez que a conversação é acessada, pois o que permanece não são os interagentes, mas o ambiente da conversação em que a presença desses interagentes permanece, referenciada pelo *perfil* que eles mantêm naquela rede social específica (RECUERO, 2014).

e) Envolvimento numa interação centrada

Essa condição, indispensável para iniciar e manter uma conversação, foi atendida em todas as Descrições analisadas, nas quais foi predominante o fato de os interagentes optarem pela manutenção do tópico que iniciou a conversa. No entanto, nas tomadas de turno, é normal os interagentes provocarem o surgimento de outros subtópicos, como o fez S7, na Descrição 6, ao inserir o subtópico “jogador que mais se destacou no jogo” dentro do supertópico em curso “jogo do Barcelona”, sendo essa a única ocorrência de proposição de subtópico nas Descrições analisadas.

Assim, podemos afirmar que a conversação mediada pelo meio digital mantém uma organização imanente, conforme demonstram as intervenções feitas pelos interagentes. A progressão tópica está subordinada tanto a elementos textuais quanto contextuais, sendo estes resultantes de conhecimentos de mundo, interações provenientes de outros “espaços” de comunicação, objetivos dos interagentes, dentre outros fatores que orientam o curso da ação sobre a língua e sobre os pares envolvidos no processo de comunicação.

Podemos afirmar, também, que os enunciados que formam os textos escritos no *Facebook* não estão organizados caoticamente, no que tange a regras e inteligibilidade. Esses textos possuem princípios organizacionais que possibilitam a interação social, ratificando as postulações de Bakhtin (1995) sobre os três elementos fundamentais ligados ao todo de qualquer enunciado, o qual traz as marcas da especificidade da esfera de comunicação de onde provêm: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

Compreendendo como se dá a organização da conversação digital nessa outra *instância da atividade humana*, em termos marcuschianos, passemos agora a pontuar algumas percepções acerca da forma como se manifestam os marcadores

conversacionais no português escrito no *Facebook*, a partir do revelado pelas categorias abertas.

A categoria *Marcador Verbal Lexicalizado* foi responsável pelo maior número de ocorrências nos dados da pesquisa, num total de 23 (vinte e três), manifestando-se por meio do português escrito e sendo utilizada como na conversação face a face. Esse fato demonstra a importância desses recursos na organização da estrutura linguística, revelando funções textuais, e na gestão da interação verbal entre os interagentes, desempenhando funções pragmáticas.

Na condição de organizadores da estrutura linguística, esses marcadores evidenciaram-se muito importantes na demarcação, manutenção e funcionamento do tópico discursivo, possibilitando a coesão entre as partes do texto, auxiliando a progressão das ideias, funcionando também como indicadores de força ilocucionária. Apesar de a conversação digital assemelhar-se à conversação face a face quanto à predominância de turnos mais breves, em turnos mais longos é comum os interagentes recorrerem aos marcadores verbais lexicalizados de função textual/coesiva para ligar as porções menores do enunciado.

Enquanto organizadores da interação verbal, esses recursos possibilitam que os interagentes deem sinais de engajamento na conversação. Nas Descrições analisadas, esses interagentes serviram-se de interjeições para demarcar as mais diversas emoções, provocadas pelo tópico discutido no evento comunicativo, bem como explicitar intenções. Também observamos a presença de marcadores responsáveis por requisitar a inserção do ouvinte no diálogo, fazer indagações e por identificar o destinatário daquilo que é dito, evidenciando, nesse último caso, uma das apropriações criativas de uma ferramenta técnica para um uso comunicativo.

Convém observar, com relação aos sinais do ouvinte, uma importante descontinuidade entre a conversação digital e a conversação face a face. Isto porque, conforme Marcuschi (1986), na conversação oral, os sinais produzidos pelo ouvinte são evidenciados durante o turno do falante e, geralmente, em sobreposição, possibilitando, inclusive, que este reorganize o discurso diante de um sinal de discordância ou dúvida, ao passo que a conversação digital só evidencia esse *feedback* após a materialização completa do enunciado, na superfície da tela.

Na categoria *Marcador Verbal não Lexicalizado*, as onomatopeias e as interjeições, responsáveis por traduzir, graficamente, sons de gargalhadas e reações sentimentais desencadeadas pelo tópico discutido, oferecem o ingrediente fônico e visual a essa conversação. Assim, esses recursos atribuem ao português escrito no

Facebook um caráter mais informal, aproximando-se da dinamicidade inerente à conversação face a face.

A categoria *Pontuação* obteve o segundo lugar em número de ocorrências nos dados da pesquisa: foram encontradas 20 (vinte) ocorrências, o que demonstra a importância dos recursos prosódicos na efetivação da comunicação e na construção de sentidos. O uso que os interagentes fazem desse recurso, no *Facebook*, confere um caráter inovador a essa pontuação, a qual muitas vezes possui o seu significado na forma como se materializa nos enunciados, fugindo de alguns conceitos engessados pela tradição gramatical.

Pela reiteração desses sinais, os interagentes tentam trazer para a escrita a expressividade da língua falada, marcando pausas e entonação e conferindo maior força elocucionária ao ato de fala. Assim, subvertendo as limitações do canal utilizado, esses interagentes convencionam novos usos para essa pontuação, adaptando-a para que produza os sentidos pretendidos.

A categoria *Escrita Oralizada* computou o terceiro maior número de ocorrências nos dados da pesquisa (18), revelando, ao lado da pontuação, o esforço de os escreventes/interagentes da conversação escrita no *Facebook* representar recursos entonacionais da conversação oral, os quais contêm pistas importantes acerca do sentido daquilo que é verbalizado.

Pela repetição de grafemas, esses interagentes reproduzem, criativamente, os alongamentos vocálicos e consonantais típicos da oralidade, o que nos induz a afirmar que seja a escrita oralizada uma forma de uso da língua já legitimada no contexto da internet e que ganha cada vez mais adeptos na sociedade contemporânea.

Assim, os dados da nossa pesquisa atestam que os gêneros inseridos no contexto da tecnologia digital vêm transformando a nossa relação com a fala e a escrita, anulando as fronteiras entre essas duas modalidades de uso da língua. Esses gêneros criaram formas híbridas que desafiam a teoria da dicotomia estrita, que, segundo Marcuschi (2007) apregoa a fala como sendo não-normatizada e a escrita como sendo normatizada.

Em redes sociais *on-line* como o *Facebook*, em que os interagentes não utilizam o meio oral como canal de comunicação, a escrita oralizada é uma adaptação que os sujeitos fazem do código linguístico para construir pistas contextuais que traduzem os significados que nem sempre as palavras conseguiriam traduzir, se escritas dentro das normas arregimentadas pela gramática normativa.

A categoria *Abreviação* soma-se às categorias anteriores, no sentido de revelar a flexibilidade da língua aos influxos do contexto histórico, social, cultural e tecnológico. Isto porque essa categoria revela uma reinvenção da escrita convencional para adaptá-la às condições de produção da conversação mediada pelo meio digital, o que resulta em uma escrita econômica, assemelhando-se à informalidade da comunicação face a face.

Priorizando os fins comunicativos em detrimento das formas linguísticas utilizadas, os interagentes do *Facebook* reduzem signos a um limite que não prejudica a compreensão, efetuando uma prática de letramento diferente das práticas usualmente empreendidas em outros contextos de uso da língua escrita. Isso demonstra a importância das condições de produção no funcionamento da língua, uma vez que os sujeitos estão “[...] situados em contextos reais e submetidos a decisões que seguem estratégias nem sempre dependentes apenas do que se convencionou chamar de *sistema linguístico*” (MARCUSCHI, 2007, p. 42, grifo do autor).

A presença da categoria *Marcador Paralinguístico* nas 7 (sete) Descrições analisadas demonstra o fato de a língua ser apenas um dos recursos utilizados na produção e efetivação do texto conversacional, aproximando a conversação mediada pelo meio digital da conversação face a face, que também recorre a recursos linguísticos e paralinguísticos para sua efetivação.

Os dados da nossa pesquisa nos permitem afirmar que, lançando mão dos *emoticons* disponíveis pela ferramenta utilizada, os interagentes combinam recursos linguísticos (marcador verbal lexicalizado, marcador verbal não lexicalizado, pontuação, oralização, abreviação) e recursos paralinguísticos (*emoticons*) num esforço histórico por traduzir, da melhor forma possível, um propósito comunicativo.

Esse fato nos induz a concordar com Oliveira e Meira (2010, p. 109) quando afirmam que “É por meio do corpo, pela articulação da fala, dos gestos e dos recursos do sistema perceptivo humano que se realizam os processos da comunicação dentro de um contexto de linguagem co-construída”. Compreendendo a importância desses fatores na construção de sentidos, os interagentes do *Facebook* fazem adaptações cada vez mais criativas para garantir a efetividade da comunicação.

Sendo assim, a categoria *Marcador Paralinguístico* revela não apenas a multimodalidade presente na escrita digital, mas também sua importância no estabelecimento, manutenção e regulação da interação, à medida que oferecem

pistas contextuais importantes acerca das emoções, atitudes e opiniões dos pares durante o evento conversacional.

Conforme pudemos observar, a informalidade desse português escrito e o caráter dinâmico e dialógico da conversação em redes sociais da *Web*, como o *Facebook*, foram se revelando aos poucos nas categorias abertas. Essas características licenciaram a presença de marcadores próprios da oralidade, e de outros, com características formais e funcionais específicas do meio utilizado, embora estes sejam resultantes de adaptações provenientes da conversação face a face. Esse fato denota a necessidade de reconhecermos a plasticidade da língua e a criatividade dos sujeitos, na interação com o sistema dessa língua e com os seus pares.

O mergulho na subjetividade dos textos/descrições dos sujeitos da pesquisa nos faz intuir o fato de que os interagentes da esfera digital não intencionam fazer uso do português escrito com a observância de todas as prescrições formais estabelecidas pela gramática, mas de regras provenientes da criatividade dos próprios sujeitos utentes da língua. Desse modo, as seis categorias abertas que emergiram dos textos/descrições dos sujeitos nos induzem a asseverar que os escreventes/interagentes do *Facebook* colocam o código escrito da língua a serviço de um propósito comunicativo, o que resulta em um texto escrito cujo estilo é muito próximo do texto conversacional produzido *off-line*, em um contexto face a face, no que tange à informalidade. Assim, esses achados evidenciam a necessidade de enxergarmos a língua como uma *forma* que só adquire completude se possuir também uma *eficiência pragmática*.

Cumpre-nos enfatizar que os dados da nossa pesquisa corroboram a perspectiva de *continuum* defendida por Marcuschi (2007), uma vez que, no português escrito no *Facebook*, há uma clara integração entre a modalidade oral e a modalidade escrita. Essa integração é evidenciada através dos marcadores conversacionais, elementos que, além de organizadores textuais e interacionais, revelam as condições de produção dessa conversação emergente com a internet, a qual está mais próxima de um texto falado, como a conversa espontânea, do que de um texto escrito prototípico.

Chegando ao final de nossa trajetória investigativa, objetivando apreender os marcadores conversacionais como fenômenos linguísticos em uso na atual sociedade conectada, passamos a nos questionar que caminhos trilhar, enquanto pesquisadora

e professora de Língua Portuguesa, depois de sairmos do senso comum, objetivando a experiência de ser-no-mundo-com-os-outros.

Embora acreditando, juntamente com Machado (2018), que não possa oferecer um caminho pronto, uma vez que *não há caminho, se faz caminho ao andar*, acreditamos também que, em quaisquer que sejam os caminhos trilhados, não podemos prescindir de um olhar para o estado de sociedade em que nos tornamos, imersos em uma cultura cada vez mais digital. Assim, não há como a escola, principal agência de (multi) letramento, ignorar os usos linguísticos emergentes no contexto das tecnologias digitais, em que um novo “jogo linguístico” está posto e novos “contratos linguísticos” estão sendo celebrados pelo *homo digitale* em seu mundo-vida: o ciberespaço.

O desafio/caminho pedagógico consiste em encontrar meios de fazer das realizações linguísticas escritas na internet um ponto de encontro (e não de distanciamento) com a língua viva. Um desses meios, acreditamos que seja fazer da sala de aula mais um “laboratório” de experimentação e letramento do gênero conversação digital, bem como de tantos outros gêneros que integram a atual sociedade conectada – não para defender uma lógica do “tudo é permitido” na estrutura da língua, mas para mostrar a flexibilidade dessa estrutura, enquanto fenômeno heterogêneo que funciona por meio de regras variáveis, socialmente aceitas por seus usuários.

Nosso trabalho não esgota a possibilidade de novos olhares, o que certamente desvelaria outras faces do fenômeno de nossa investigação. Esperamos que isso deixe abertura a futuros estudos acerca do imbricamento histórico entre sociedade, tecnologia e comunicação, delineando novas perspectivas de estudo nesse campo de investigação ainda tão carente de pesquisas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; RECUERO, Raquel; FRAGOSO, Suely. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

ARAÚJO, Júlio César Rosa de. A conversa na web: o estudo da transmutação em um gênero textual. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

ARAÚJO, Júlio César. **Os Chats**: uma Constelação de Gêneros na Internet. 2006. 341f. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza. Disponível em: www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8872/1/2006_tese_jcraraujo.pdf. Acesso em: 23 set. 2016.

ARAÚJO, Júlio. Apresentação. *In*: **A conversação em rede**: comunicação mediada por computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2014.

AUROUX, Sylvain. **A filosofia da linguagem**. Trad. José Horta Nunes. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1998.

AZEREDO, José Carlos. **Fundamentos de gramática do português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

BAGNO, Marcos. **Gramática da língua portuguesa**: tradição gramatical, mídia e exclusão social. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAKHTIN, Mikhail (Volochnikov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1995.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARON, Naomi. Enunciados segmentados em MIs. Trad. de Tania G. Shepherd. *In*: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Org.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

BARTHES, Roland. **Elementos de semiologia**. São Paulo: Cultrix, 1992.

BARTON, David; LEE, Carmen. **Linguagem online**: textos e práticas digitais. Tradução de Milton Camargo Mota. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAUER, Martin W.; AARTS, Bas. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. *In*: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Trad. Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.

BONOMI, Andrea. **Fenomenologia e estruturalismo**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos linguísticos**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2003.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Trad. Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BUNGE, Mário. **Epistemologia**. Trad. Cláudio Navarro. São Paulo: T. A. Queirós/EDUSP, 1980.

BURKE, James; ORNSTEIN, Robert. **O presente do fazedor de machados: os dois gumes da história da cultura humana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **A escrita no século XXI (ou talvez além disso)**. 2006. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/cagliari.html>. Acesso em: 24 nov. 2017.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de filologia e gramática referente a língua portuguesa**. 6ª ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1974.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e gramática referente a língua portuguesa**. 11ª Petrópolis: Vozes, 1984.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 46ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

CARONE, Flávia de Barros. **Morfossintaxe**. São Paulo: Ática, 1991.

CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. A linguagem no facebook. *In*: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Org.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Trad. Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. Para o estudo das unidades discursivas no português falado. *In*: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.). **Português falado culto no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1989.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: contexto, 2010.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo, 2014.

CHACON, Lourenço. **Ritmo da escrita**: uma organização do heterogêneo da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1995.

COBRA, R. Q. **Fenomenologia**. Rev. Filotemas Internet. 2005. Disponível em: <www.cobra.pages.nom.br>. Acesso em: 06 mar 2017.

COSTA, Sérgio Roberto. **(Hiper)textos ciberespaciais**: mutações do/no ler-escrever. Cadernos CEDES, v. 25, n. 65. Campinas jan./abr. 2005.

CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do sentido**: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica. São Paulo: EDUC: Brasiliense, 1996.

CRYSTAL, David. **Dicionário de Linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

CRYSTAL, David. **Language and Internet**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

CRYSTAL, David. **A revolução pela linguagem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 2001.

CUVILLIER, Armand. **Vocabulário de filosofia**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Lisboa: Livros Horizonte, 1997.

DECEMBER, J. **What is Computer-mediated Communication?** 1996. Disponível em: <http://www.december.com/john/study/cmc/what.html>. Acesso em 03 fev. 2017.

DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda. O cogito e o mundo da vida: uma proposta de um fundamento rigoroso para o conhecimento. In: MARTINS, Joel; DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda (Orgs.). **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da conversação. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à Linguística**: domínios e fronteiras. v. 2. São Paulo: Cortez, 2006.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Gêneros textuais e multimodalidade. In: Karwoski, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais**: reflexões e ensino. São Paulo, 2011.

DOELL, Wernfrid. **The Internet Relay Chat (IRC)**: linguistic perspectives. Disponível em: <http://home.allgaeu.org/ndoell/ircpaper.html>. Acesso em: 03 dez. 2017.

DOMINGUES, Diana (Org.). **A arte no século XXI**: a humanização das tecnologias. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

DUBOIS et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1998.

ECO, Humberto. **Apocalípticos e Integrados**. Trad. Geraldo Gerson de Souza. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1971.

ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha. **A escola**: um enfoque fenomenológico. São Paulo: Escuta, 1993.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FÁVERO, Leonor Lopes. Tópico Discursivo. *In*: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. **Oralidade e escrita**: perspectiva para o ensino da língua materna. São Paulo: Cortez, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIRMINO, J.C.F. Formas associativas existentes nas salas de bate-papo. *In*. ARAÚJO, J. C. & BIASI-RODRIGUES, B. (Orgs.) **Interação na Internet**: novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Editora Cortez, 1987.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

GALEMBECK, Paulo de Tarso. Preservação da face e manifestação de opiniões: um caso de jogo duplo. *In*: PRETI, Dino (Org.). **O discurso oral culto**. São Paulo: Humanitas, 1999.

GALEMBECK, Paulo de Tarso; CARVALHO, Kelly Alessandra. **Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (Projeto NURC/SP)**. Revista Intercâmbio. Volume VI. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 1997.

GARCEZ, P. M. A perspectiva da análise da conversa etnometodológica sobre o uso da linguagem em interação social. *In*: LODER, L. L.; JUNG, N. M. (Orgs.). **Fala-em-interação social**: introdução à análise da conversa etnometodológica. Campinas: Mercado de Letras, 2008.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. **Linguística e ensino do português**. Trad. Rodolfo Ilari. Coimbra: Livraria Almedina, s.d.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de la interacción**. Buenos Aires: Tiempo Contemporáneo, 1970.

GOMES, Luís Fernando. **Hipertextos multimodais**: leitura e escrita na era digital. Jundiaí: Paco Editorial, 2010.

HARGREAVES, Andy. **O Ensino na Sociedade do Conhecimento**: a educação na era da insegurança. Coleção Currículo, Políticas e Práticas. Porto: Porto Editora, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Trad. Emmanuel Carneiro Leal et al. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Morfologia Portuguesa**: em perspectiva sincrônica. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006.

HERRING, S. C. **Computer-mediated conversation**, Part I. Special issue of *Language@Internet*, 7. 2010. Disponível em: <http://www.languageatinternet.org/articles/2010>. Acesso em 28 mar. de 2017.

HERRING, S. C. Computer-mediated discourse. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H. (Eds.), **The Handbook of Discourse Analysis**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmd.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2017.

HERRING, S. C. Introduction. In S. C. Herring (Ed.), **Computer-Mediated Communication**: Linguistic, Social and Cross-Cultural Perspectives. 1996. Amsterdam: Benjamins. Disponível em: <http://ella.slis.indiana.edu/~herring/cmc.intro.1996.pdf>. Acesso: em 23 mar. 2017.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

HILGERT, J. G. **A construção do texto “falado” por escrito**: a conversação na internet. 2000. Disponível em: www.mackenzie.br/.../Letras/Publicacoes/gastontexto01.pdf. Acesso em: 23 nov. 2016.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 2000.

HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas**: elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural 1992.

JAKOBSON, Roman. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1975.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da Conversação**: Princípios e métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KIRKPATRICK, David. **O efeito facebook**. Tradução de Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça et al. Aspectos do processamento do fluxo na informação no discurso oral dialogado. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de. (Org.). **Gramática do português falado**. v.1. Campinas: Editora UNICAMP, 1990.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2005.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. **A interação pela linguagem**. Contexto, 2010.

LEITE, Marli Quadros; NEGREIROS, Gil. Análise da Conversação no Brasil: rumos e perspectivas. *In*: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Orgs.) **Ciências da linguagem: o fazer científico**. 1ª ed. v.1. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2014.

LEMOS, A. Nova esfera conversacional. *In*: DIMAS A. Künsch, D. A, da Silveira, S.A., et al. **Esfera pública, redes e jornalismo**. Ed. E-Papers: 2009.

LEMOS. A. **Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu Costa. São Paulo: Editora 34, 1999a.

LEVY, Pierre. A revolução contemporânea em matéria de comunicação. *In*: MARTINS, Francisco Menezes; SILVA, Juremir Machado da. **Para navegar no século XXI: tecnologias do imaginário e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina/ Edipucrs, 1999b.

LEVY, Pierre. **O que é o virtual**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1999c.

LEVY, Pierre. **A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência**. Trad. Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Editora 34, 2001.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Trad. Carlos Irineu Costa. São Paulo: Editora 34, 2002.

LORENZI, Gislaíne Cristina Correr; PÁDUA, Tainá-Rekã Wanderley de. Blog nos anos iniciais do fundamental I. *In*: ROJO, Roxane Rojo; MOURA, Eduardo (Org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MACHADO, Antonio. **Caminhante**. Trad. Maria Teresa Almeida Pina. Disponível em: blogs.utopia.org.br/poesialatina/cantares-antonio-machado/. Acesso em 23 mar. 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da Conversação**. São Paulo: Editora Ática, 1986.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Marcadores conversacionais no português brasileiro: formas posições e funções. *In*: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (Org.) **Português falado culto no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. *In*: DIONÍSIO, Ângela Paiva (Org.). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. *In*: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antônio Carlos dos Santos.

Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita:** atividades de retextualização. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2007.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. *In:* Karwoski, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher (Orgs.). **Gêneros textuais:** reflexões e ensino. São Paulo, 2011.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de Texto:** o que é e como se faz?. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

MARTINET, Jeanne. **Da teoria linguística ao ensino da língua.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1979.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais:** linguagens, ambientes, redes. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

MARTINS, Joel. **Um enfoque fenomenológico do currículo:** educação como poíesis. São Paulo: Cortez, 1992.

MARTINS, Nilce Sant'anna. **Introdução à estilística.** L.A. Queiroz, Editor, 2002.

MENDES, Amália. Processos de Gramaticalização. *In:* RAPOSO, Eduardo Buzaglo Paiva et al. **Gramática do Português.** Vol.1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O primado da percepção e suas consequências filosóficas.** Trad. Constança Marcondes Cesar. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos Alberto Moura. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MICHAELIS DICIONÁRIO UNIVERSAL INGLÊS: INGLÊS-PORTUGUÊS, PORTUGUÊS-INGLÊS. São Paulo: Melhoramentos Ltda, 2006.

MODESTO, Artaxerxes Tiago Tácito. **Processos interacionais na internet.** 2011.196f.Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/.../2011_ArtaxerxesTiagoTacitoModesto.pdf. Acesso em: 20 jun. 2016.

MODESTO, Artaxerxes Tiago Tácito. **A organização da conversação digital no msn.** 2012. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/download/59917/63026>. Acesso em: 18 de set. 2017.

MONTEIRO, J. L. **Para compreender Labov.** 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORA, J. F. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Na malha da Rede**: os impactos íntimos da Internet. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998.

OLIVEIRA, Márcia Regina de. Interações na blogosfera. *In*: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Org.) **Linguística da Internet**. São Paulo, Contexto, 2013.

OLIVEIRA, Robson Santos de; MEIRA, Luciano R. de Lemos. **Uso de marcas verbais para aspectos não-verbais da conversação em salas de bate-papo na Internet**. 2010. Disponível em: portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/viewFile/.../14. Acesso em 15 de nov. de 2016.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditação da técnica**. Rio de Janeiro: Livro Iberoamericano, s.d.

PEREIRA, F. Elisa de L. **Teorias Linguísticas**: uma introdução. v.1. Manaus: CEFET-AM/BK Editora, 2008.

Pozo, Juan Ignacio. **A sociedade da aprendizagem e o desafio de converter informação em conhecimento**. *In*: Revista Pátio. Ano VIII – Nº 31- Educação ao Longo da Vida - agosto à outubro de 2004. Disponível em: http://www.revistapatio.com.br/sumario_conteudo.aspx?id=386.

PRIMO, A. **A interação mediada por computador**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Como o internetês desafia a linguística. *In*: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Org.) **Linguística da Internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

RECUERO, Raquel. **Elementos para análise da conversação**. Revista Verso e Reverso, v.22, n. 51. 2008. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/6995/3976>. Acesso em: 04 dez. 2016.

RECUERO, Raquel. **A conversação como apropriação na comunicação mediada por computador**. 2012. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/raquelrecuerolivrocasper.pdf>. Acesso em: 30 de abr. 2017.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada por computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2014.

REHFELD, Ari. Fenomenologia do conhecimento científico. *In*: MARTINS, Joel; DICHTCHEKENIAN, Maria Fernanda (Orgs.). **Temas fundamentais de fenomenologia**. São Paulo: Moraes, 1984.

RICOEUR, Paul. **O discurso da acção**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1989.

RICOEUR, Paul. **Do texto à ação**. Trad. Alcino Cartaxo e Maria José Sarabando. Porto: Rés-Editora, 1991.

RICOEUR, Paul. **Teoria da interpretação**: o discurso e o excesso de significação. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.

ROJO, Roxane. Gêneros discursivos do círculo de Bakhtin e multiletramentos. *In*: ROJO, Roxane (Org.) **Escola Conectada**: Os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

ROJO, Roxane; BARBOSA, Jaqueline. **Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. (1754). Tradução: Maria Lacerda de Moura. Versão para eBook: eBooksBrasil.com. Fonte Digital: www.jahr.org. Edição eletrônica: Ridendo Castigat Mores, 2002.

SACKS, H., SCHEGLOFF, E. & JEFFERSON, G. **A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation**. Trad. OLIVEIRA, Maria Clara Castellões de e GAGO, Paulo Cortes, 1974. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo14.pdf>>. Acesso em 05 jul. 2016. SANCHO, Juana M. (Org.). **Para uma tecnologia educacional**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTOS, Cristina Normandia dos. **Recursos fonológicos e morfológicos do internetês que constituem o gênero conversação na página perfil do Facebook**. (Dissertação – Mestrado em Educação) Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://portal.estacio.br/media/.../cristina%20normandia%20dos%20santos.pdf>. Acesso em 28 nov. 2016.

SANTOS, Else Martins dos. Chat: e agora? Novas regras – nova escrita. *In*: COSCARELLI, Carla e RIBEIRO, Ana Elisa. (Org.) **Letramento Digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas – 3ª ed. – Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.

SANTOS, Veraluce Lima dos. **A influência das tecnologias de informação e de comunicação no uso da língua e suas implicações no ensino de língua portuguesa**. 2006. 419 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) Universidade de Évora, Portugal.

SANTOS, Veraluce Lima dos. **O ensino de Língua portuguesa**: uma abordagem fenomenológica. 1997. Dissertação (Mestrado em educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Maranhão, São Luís.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1970.

SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia. O princípio: entrevista com David Crystal. *In*: SHEPHERD, Tania G.; SALIÉS, Tânia G. (Org.) **Linguística da Internet**. São Paulo, Contexto.

SILVA, M^a Cecília Pérez de Souza e; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Linguística aplicada ao português**: morfologia. São Paulo: Cortez, 1999.

SIQUEIRA, E. **Revolução Digital**. Editora Telequest e Editora Saraiva, São Paulo, 2007.

SOARES, Magda. **Novas Práticas de Leitura e Escrita**: Letramento na Ciberultura. Campinas, vol.23, n.81, p.143-160, dezembro de 2002.

SPADARO, Antônio. **Web 2.0**: redes sociais. 1^a ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

STEIN, E. **A questão do método na filosofia**: um estudo do modelo heideggeriano. Porto Alegre: Movimento, 1983.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. *In*: PRETI, Dino (Org.). **Análise de Textos Orais**. São Paulo: FFLCH/USP, 1993.

VARGAS, Milton. **Para uma filosofia da tecnologia**. São Paulo: Alfa Ômega, 1994.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

VIOLI, P. O diálogo eletrônico entre a oralidade e a escrita: uma abordagem semiótica. Trad. Maria Helenice Araújo Costa. *In*: BEZERRA, B. G. BIASE-RODRIGUES, B.; CAVALCANTE, M. M. (Org.). **Gêneros e sequências textuais**. Recife: EDUP, 2009.

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço de Dante à Internet**. Trad. Maria Luíza X. De A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

XAVIER, Antônio Carlos. **Retórica Digital**: a língua e outras linguagens na comunicação mediada por computador. Recife: Pipa Comunicação, 2013a.

XAVIER, Antônio Carlos. **A era do hipertexto**: linguagem e tecnologia. Recife: Pipa Comunicação, 2013b.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário ediouro da língua portuguesa**. São Paulo: Ediouro, 2000.